Evora

CANCIONEIRO GERAL

continuação

AO DE

GARCIA DE RESENDE

COMPILADO

POR

A. F. Barata

CANCIONEIRO GERAL

CANCIONEIRO GERAL

CONTINUAÇÃO

AO DE

GARCIA DE RESENDE

COMPILADO POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

E

avaliado pelo Doutor

THEOPHILO BRAGA

EVORA
Empreza Typographica Eborense
Rua do Paço, 43 e 45
1902

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

PHAEDRUS, L.º 3.º F. 56

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

Conselheiro

José Carlos de Gouvêa

A Vossa Excellencia, que é dos pouquissimos eborenses que tem livraria selecta, que lê com proveito proprio e alheio, e que, desde moço até á edade das cans, tem consagrado ás letras e sciencias boa parte de sua vida; a Vossa Excellencia, que a seus estudos deve os altos logares que attingiu e a que tem direito na sociedade portugueza; a Vossa Excellencia, aquem se deve a impressão deste **Cancioneiro** em terra onde não ha protectores das letras, Fabios e Lentulos, a Vossa Excellencia consagra este livro, e gostoso transmitte á posteridade seu nome

Antonio Francisco Barata.

PREFAÇÃO DO COMPILADOR

TRINTA annos são passados depois que eu copiára grande porção de poesias quinhentistas do Codice $\frac{CXIV}{2-2}$ da Bibliotheca Publica de Evora e de outros, no tempo em que seu Bibliothecario era um amigo, o Doutor Augusto Filippe Simões, no tumulo ha muito tempo. Com o parecer delle, favoravel e animador, busquei dar-lhes publicidade então; não o consegui, porém; por que não achára nem um editor corajoso, nem um Mecenas, em Evora.

Puz de parte as copias que agora, ao cabo de

tantos annos, vão correr mundo peninsular, a cujas litteraturas pertencem, graças ao cavalheiro, a quem se dedica este livro, do qual o senhor Doutor Theophilo Braga, ao saber da nova, escreve: «...vim achar uma carta sua, datada de 22 da minha hegira, com a deliciosa noticia de que se ia imprimir o Cancioneiro quinhentista! Disse logo para mim: Ainda ha portuguezes»

São estas poesias escriptas, ao que devo calcular, depois de 1516 até ao fim desse seculo aureo de nossas letras e mesmo entrado já o XVII. Não entrariam, por esta razão chronologica, no *Cancioneiro Geral*, que, 'nesta sua patria, devêra ter colleccionado Garcia de Resende, e o fizera estampar em Lisboa, 'naquelle anno de 1516.

Não foi uma novidade a publicação deste Cancioneiro, porque já F. del Castillo, na Hespanha, o mesmo fizera, publicando por Xpfal Kofman, em Valencia, em 1511, o *Cancionero General*, que conta muitas edições.

Desde o principio até folhas 61, encerra obras de Sá de Miranda o codice-cancioneiro, que pertencera á senhora D. Guiomar de Castro, que não conheço, e d'ahi por diante, as de varios engenhos portuguezes e castelhanos, a maior parte dos quaes desconhecidos por omissão de seus nomes.

Viu este livro a senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e delle tomou as composições de Sá de Miranda, descrevendo-o com exactidão grande a paginas LXV da Introducção da sua edição famosa das obras do poeta Conimbricense.

De D. Manoel de Portugal larga é a messe a ceifar, tanto de composições escriptas em portuguez, como em castelhano, por aquelles tempos egualmente manejado de nossos escriptores, as quaes não en-

contrámos em suas obras, impressas em 1605. Do conde do Vimioso, pae d'aquelle, algumas ha que escaparam ao compilador d'ellas, impressas no mesmo anno das do filho.

Sobre o thema escolhido do conde: *Sentenças*, algumas composições tem o Cancioneiro, que se dão á estampa, mostrando-nos ellas como o genero paremiologico foi cultivado e estimado por aquelles tempos, em que floresceram D. João Manoel, mencionado já no *Cancioneiro Geral*, Antonio Ribeiro Chiado, Diogo de Tovar e outros.

'Nelle se encontram tambem alguns sonetos attribuidos ao Infante D. Luiz e ao Duque de Aveiro, como os que começam:

A' redea solta corre o pensamento
Horas breves do meu contentamento
Quem vê, senhora, claro e manifesto
Porque quereis, senhora, que padeça.

Não se publicam 'neste Cancioneiro, porque veem na edição de Camões, do Visconde de Jorumenha, como escriptos por aquelle. Acceitando a doutrina do Visconde e de outros, anteriores, que os consideram de Camões consigno o facto da attribuição delles a outrem, e deixo de os reproduzir. E' para reparo entretanto, que um livro contemporaneo lhes dê outra paternidade.

Duas composições tem de Francisco de Sá de Menezes, cuja ineditcidade se me affigura indubitavel.

Só temos, como é sabido, alem do *Cancioneiro Geral* os cinco tomos impressos da *Fenix Renascida*, onde se encontram as poesias dos engenhos dos seculos XVII e XVIII, com excepção de uma ou outra, que possa vir de mais longe.

Subsequentemente foram publicados alguns cancioneiros antigos, que por sua ordem chronologica são:

—Fragmentos de um cancioneiro inedito... dado á estampa por Carlos Stuart em Paris em 1823;
—Cancioneiro d'el Rei D. Diniz, mandado imprimir pelo Dr. Caetano Lopes de Moura em Paris, em 1847;
—Trovas e cantares, publicados por F. A. Varnhagen, em Madrid, no anno de 1849;
—Cancioneiro da Vaticana, publicado sob a direcção do sr. Dr. Theophilo Braga, em Lisboa, em 1878.

E' este ultimo o de maior importancia historica e linguistica. Taes são os principaes.

Não quizera eu dar á luz poesia alguma, que já o fosse 'neste ou n'aquelle livro; mas, possivel será que alguma haja escapado na busca que fiz em Camões, Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, Sá de Miranda e outros, e nos *Cancioneiros Geraes*, tanto portuguez como castelhano, que trabalho é esse de grande fôlego, que não tenho, nem posso ter, na vida que vivo do grangeio do pão quotidiano. Caso é para dizer como João de Barros, no prologo da primeira edição das *Decadas*: «Reparti o tempo da vida, dando os dias ao officio ⁊ parte das noytes a esta escriptura.»

Não ha prejuizo de ninguem, se, pois, alguma composição poetica for repetida e conhecida: ler-se-á tambem 'neste livro.

Um ponto ha que devo esclarecer aqui: o das copias do *Cancioneiro*, sem duvida apographo, donde extrahi a maior parte d'esta collecção.

E' sua letra a da transição da forma graphica dos escriptos quinhentistas para a que tem vindo até nossos dias, com caprichos deploraveis na encadeada, a peior de todas, que muito foi usada até ao decorrer do seculo XVIII.

Instruido não foi o amanuense, que não entendendo muitas palavras, ou dos originaes, que vira ou já de copias delles, em vez de pôr seu cuidado em bem perceber o que lia e copiava tratou o caso de modo mais comesinho e simples, imitando, desenhando tal ou tal palavra! donde o estropear e escurecer o sentido grammatical e logico em muitos logares, e em omittir versos inteiros, deixando mancas a muitas estrophes! Os mesmos defeitos e erros lhe notou a sabedora dama, a que me refiro 'neste escripto, escrevendo: «...o copista errou milhares de vezes por ignorancia...»

Aqui foi o meu maior trabalho, trabalho enormissimo, que mal levaria a cabo se não foram, agora, na revisão, na aferição das copias com os codices, dois cyreneus bondosos, habeis e instruidos, que vieram em meu auxilio: os senhores capitão de engenheria, João Eloy Nunes Cardoso e D. Ricardo Villardebó: a elles devo o poder arrastar a cruz até ao cume da montanha, onde me espera, talvez, a crucifixão entre os Dimas e Gestas destes Calvarios, os cães das boas letras, já conhecidos de D. Francisco Manoel de Mello.

Por se ajuizar das difficuldades vencidas, se bem o foram, aqui ficará uma breve amostra aos entendidos, que me offerece uma ode a Vasco da Gama:

1.º Com pena a cerviz dura ao duro mouro.
2.º Cada um a boca põe seguro a boca.
3.º Vos irão ao lusitano patrio Tejo.

4.º Que de troe tão famosa está confuso.
5.º A cujo fez tomando o companheiro.
6.º El que qua por agora.

Não se entendem taes versos: leram-se e substituiram-se:

1.º Com pena a cerviz dobra ao duro mouro.
2.º Cada um 'nellas põe seguro a boca.
3.º Voará ao lusitano patrio Tejo.
4.º Que de heroe tão famoso está confusa.
5.º Achyles tornando o companheiro.
6.º Fiquem cá por agora.

E como estas difficuldades em portuguez, não menos, se não mais, em castelhano.

Não mirei selecção de composições, tanto na distribuição dellas pelo livro, como na sua propria escolha: luz e sombras promiscuamente; claros escuros que se dão as mãos, assim na bondade como na linguagem; 'naquella podera ter refugado algumas, por menos primorosas, 'nesta agrupar as portuguezas e o mesmo fazer ás castelhanas. Attendi á variedade por satisfação do espirito: a monotonia enfada e cansa.

Para a orthographia da actualidade transportei a quinhentista, não só por que isto faço de ha tempos a esta parte, como o sentem muitos portuguezes; mas porque de egual modo se pensa na visinha Hespanha, donde, pouco ha, me escreve o sabio academico, senhor D. Cesareo Fernandez Duro: «Hay personas escrupulosas ó casadas con la opinion ya un poco castigada, de que en el traslado de documentos antiguos debe respetarse la ortografia e aun la pontuacion, dictamen razonable cuando se trata

de papeles en que quepa diversa interpretacion, pero que no me parece sostenible en trabajos literarios y mucho menos en los poeticos. Pasò mucho tiempo sin que hubiera fijeza en la escritura y el empeño en transcrebirla, equivale á dar culto al capricho ó á la mala enzenança de los malos amanuenses, pues facil es el convencimiento de que las mismas palabras están escritas de diversos modos en los mismos dias, siendo distintas las manos que las trazaron.

En los versos tiene ademas la copia literal, los inconvenientes de afear la impresion y de difficultar la inteligencia, por lo que yo prefiro acomodarlos al uso moderno, siempre que al hacerlo no se altere el sonido, que es lo de importancia.»

A' linguagem deixei apenas algumas palavras typicas em sua forma archaica como feição caracteristica do seculo que a empregou, sem, comtudo, embaraçarem a natural comprehensão do texto ao leitor: assim ficam no livro: dino, mouro, sento, por *digno, morro, sinto*, etc.

Retoquei versos manifestamente errados do copista, deixando, comtudo, muitos defeituosos por frouxos, ou por duros, cousa que tambem caracterisa a metrificação quinhentista, de que nem Camões se isentou. Isto não obstante, nota-se em muitas partes uma grammatica emperrada, enviezada, um tanto escura.

Direi, ao terminar, que tenho a convicção de prestar algum serviço á litteratura portugueza, deixando-lhe este volume de poesias quinhentistas, no mesmo formato da edição do *Cancioneiro de Garcia de Resende*, de Stuttgart, por lhe poder servir de continuação, e por salvar, deste modo, do possivel

desapparecimento aos codices, por algum dos muitos meios que seguem e perseguem aos livros. [1]

Não trabalho por interesses mundanos, não embargante o delles carecer; mas por gosto íntimo, e por menos penoso me ser o tempo que falta para se apagar a luz de meu espirito, começado de se embaciar, de perder a lucidez que alguma hora teria.

Sem ser homem de letras professo, sem diplomas escolares, que acreditam e dão sabedoria official, cansado de trabalhos e de annos, mais não pude fazer, nem melhor.

Agora, logar ao mestre.

Evora, outubro de 1902.

---

(1) Esta segunda edição foi publicada com o titulo: *Cancioneiro Geral.*—Altportugiesche Liedersammbung desedeln Garcia de Resende. Neu heransgegeben von Dr. E. H. v. Kausler, k. wirtemb. Archivrath, Ritter des Ordens der wirtemb. kroneund des k. preuss. rothen Adler ordens III, classe, Mitglied der Gesellschaft fur altere deutsche Geschichtkund u. s. w. Stuttgart, Gedruckt auf Kosten des literarischen Verens. 1846, etc.

ESTE CANCIONEIRO

ARRANCAR ao pó dos archivos e da letra apagada e quasi illegivel um Cancioneiro do seculo XVI, é contribuir com mais um documento artistico para a comprehensão da grande Epoca quinhentista, em que o genio portuguez se revelou na maxima intensidade das suas capacidades.

O seculo XVI é considerado na marcha da Civilisação europêa como o maior seculo da Historia; pois é n'esse quadro assombroso que se destaca Portugal pela sua influencia activa, nas navegações, especulativa, no humanismo, e affectiva, na phase classica da sua litteratura. Todos os documentos d'esse seculo de quinhentos merecem o maior interesse. Quando o sempre estudioso Barata pensou na publicação d'este Cancioneiro, e luctava com a difficuldade material de o salvar pela imprensa, animando-o cá do meu can-

to contrahi a obrigação de pôr em evidencia a sua valia. Fui lendo as folhas á medida que sahiam do prélo, e de surpreza em surpreza achei-me na posse de um interessantissimo documento, que faltava á Historia da Litteratura portugueza.

Antes de apontar as peças que merecem uma attenção desvelada, caracterisaremos rapidamente o Cancioneiro: E' um producto de uma moda ou usança do seculo XVI, a que allude Jorge Ferreira de Vasconcellos, satirisando os *Cancioneiros de mão* e a sua ruim letra. Era um prurido, como os albuns na passada epoca do Romantismo; mas a ruim letra revela-nos que os compiladores não tinham gosto ou cultura litteraria, e colligiam a torto e a direito confundindo as trovas da medida velha, com os versos endecasyllabicos da Eschola italiana. Gil Vicente na sua farça de *Quem tem farellos* ridicularisa o personagem Ayres Rosado, folheando o seu Cancioneiro de mão antes de ir a um gargarejo debaixo da janella da sua namorada. Esse defeito frequente nas collecções da poesia do seculo XVI é o que hoje mais nos interessa, porque contém as variadas correntes do gosto, e por vezes trechos preciosos salvos por essa mesma circumstancia; assim apparecem colligidos *Motes velhos*, que prolongam o conhecimento dos Cancioneiros aristocraticos do seculo XV, e *Romances velhos* glosados nas Coplas lyricas, que mostram a resistencia contra os metros italianos e o gosto da Renascença. Tambem n'esses Cancioneiros geralmente amorosos, penetraram as Satiras da epoca a sucessos politicos, que se tornam de inapreciavel valor. As difficuldades que Barata encontrou na transcripção do presente Cancioneiro de ruim letra e deturpado texto, resultaram d'essa origem apodada por Jorge Ferreira. Deve, portanto, compensar-nos por excellentes achados. E não errámos na previsão.

Começa o Cancioneiro pelas *Trovas de Manoel Pereira d'Ocem, estando em Arzilla, a um seu amigo que estava em Portugal, em que lhe dá novas de si e da terra.* — Em 1863 publicou o Visconde de Juromenha na sua edição das Obras de Camões, (t. IV, pag. 454) esta peça com o titulo de *Carta escripta de Africa em resposta á de um amigo.* Atribuiu-a gratuitamente a Camões, pelas circumstancias de ser escripta de Africa e conter allusões vagas que se poderiam applicar á situação em que se viu Camões. Diante do presente Cancioneiro fica provado o caracter apocrypho da Carta publicada por Juromenha; e no mesmo genero publicou elle

uma outra peça com o titulo *Carta escripta d'Africa a um amigo*, (ib., p. 447) que é irrefragavelmente de Manuel Pereira d'Ocem, mas que escapou á curiosidade do colleccionador quinhentista. O apuramento do texto camoniano, lucidamente começado por D. Carolina Michaelis, lucra com esta contribuição, que nos traz mais um poeta á phalange gloriosa dos vates quinhentistas. Se o texto que serviu a Juromenha lhe trouxe a Carta que falta ao presente Cancioneiro, e começa : *'Por usar costume antigo...*, em compensação é excedido em melhores variantes na assignada por Manuel Pereira d'Ocem. Faremos rapida comparação :

E julga o que cá sento
Do que lá sentiria
S'algu'hora ou algum dia
Tive este tal pensamento.

(Jur., IV, 454)

E julgue o que cá sento
e o que lá sentiria,
se algum'hora ou algum dia
tivestes tal pensamento.

(Barata, 1.)

Vou me traz esto em que ando
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a menudo,
Hablando de tarde em tarde.

(Jur., 455.)

Vou-me traz isto em que cuido,
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a meudo,
Trabalho de tarde em tarde.

(Bar., 2.)

S'alma, mais que a vida
Mais que a vida ha de durar
Maldita seas, ventura.

(Jur., 455.)

Se alma mais que a vida dura,
Mais que a vida hade durar;
Maldita seas, ventura, etc.

(*Bar.*, 2.)

No texto de Juromenha ha leituras imperfeitas, ou incorrecções do texto originario, que se restituem pelo presente:

Suspirando cada hora,
Por el tu amor sen ti ora,
Passé yo la mar salada.

(*Jur.*, 457.)

Suspirando cada hora,
Por el vuestro amor, señora,
Passé yo la mar salada.

(*Bar.*, 3.)

Vinham de esporas douradas,
E vestidos de alegria,
Com adargas e braçadas

(*Jur.*, *ib.*)

Vinham de esporas douradas
E vestidos de alegria,
E adargas embraçadas...

(*Barat.*, 4.)

A recensão dos dois textos é vantajosa para a Carta de Manuel Pereira d'Ocem, que tem o valor litterario de nos reflectir a moda de terminar cada copla de redondilha com um conceito tomado como glosa dos *Romances velhos*, que no seu tempo eram os mais conhecidos.

A segunda peça do Cancioneiro tem a rubrica: *Trovas feitas a este Cantar velho:*

De pequena tomei amor
por que não no entendi;
agora que o conheci
mata-me seu desfavor.

(p. 6.)

Esta quadra tomada de um *Cantar velho*, tambem mereceu a sympathia de ser referida por Gil Vicente, que diz: *De pequena mataes, amor*.

Camões, (ed. Juromenha, IV, 61) tral-a com uma variante: «Mata-me *com* desfavor,» e bordou sobre ella quatro estrophes deliciosas. Pedro de Andrade Caminha, tratou-a tambem em duas outavas em redondilhas (ed. Priesbck, p. 298.)

As trovas do presente Cancioneiro (p. 6) nada ficam a dever ás dos grandes mestres coévos, e provam-nos a vitalidade d'esse vestigio das Canções palacianas, que se sustentavam entre os poetas por causa da musica, como se confirma pelo *Cancionero musical de los siglos XV y XVI* publicado por Barbieri.

Na epoca em que se elaborára este Cancioneiro era já corrente entre o vulgo a Ecloga de Bernardim Ribeiro: *Sylvestre e Amador*, publicada em folha volante; as *Trovas a esta cantiga* (p. 11), sem comtudo declarar qual, trazem incluida a estrophe de Bernardim Ribeiro:

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures d'ellas;
E as que não tem ventura,
Não te aventures por ellas,
Por que é mor desaventura.
Deixar ir por onde vão,
Não vás onde te levarem;
Que se umas se acabarem
Outras se começarão.

Evidentemente esta estrophe foi tomada da folha volante de 1536, como se verifica pelas variantes no texto da edição da Evora de 1557:

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures d'ellas;
E as que não tem ventura
Não te aventures por ellas,
Porque causam mór tristura,
Deixa as ir por onde vão,
Não vás onde te levarem,
Que se umas se acabarem
Outras se começarão
Para mais paixão te darem.

(Eclog. III.)

As duas restantes estrophes d'este Cancioneiro formam a Volta da primeira, que é a Glosa tomada de Bernardim Ribeiro.

Apparece tambem glosada por D. Simão da Silveira e por Jorge da Silva, a Cantiga:

> Para que me dan tormento
> aprovechando tan poco?
> perdido, mas no tan loco,
> que descubra lo que siento.

(p. 24 e 26.)

Não admira, que sendo Camões amigo d'esses dois poetas da côrte, e seus confidentes de amor, glosasse tambem a mesma Cantiga em duas bellas estrophes em castelhano. (Ed. Jur., IV, p. 65.) Seria um reflexo das intrigas da côrte, quando Jorge da Silva soffria a paixão occulta pela Infanta D. Maria, e Camões ainda encobria qual das tres Catherinas de Athayde era a idealisada Nathercia? Não admira, que encontrando-se n'este Cancioneiro, composições dos principaes amigos de Camões, se encontre esta singularissima referencia em dois tercetos de um Soneto: *De D. João de Almeida a* **Camões**, depois de 1572:

> Do illustre Gama os feitos celebrados
> tanto de espanto tem por ti escritos,
> quanto tem de terror por elle obrados!
>
> Descobridores ambos inauditos,
> elle, dos mares nunca navegados,
> tu, de conceitos nunca d'outrem ditos.

(p. 158.)

E' uma revelação luminosa! relaciona-se com a sympathia de Camões pelos Almeidas destemidos, *por quem o patrio Tejo chora*, e com esse appêllo da carta que escreveu pouco antes de morrer a D. Francisco de Almeida. Mas sem antecipar successos historicos importantes, a que alludem poesias do Cancioneiro, apresentemos ainda outros vestigios de *Mo-*

tes velhos; D. Manuel de Portugal, tem ahi duas voltas de Vilancente, nos versos :

Eu não levantei os olhos,
pois que nunca pude vêr
nem a sombra do prazer.

(pag. 63.)

Vamos encontrar o mesmo Mote (mais correcto) tratado pelo poeta Jorge Fernandes, *o Fradinho da Rainha* (Fr. Paulo da Cruz) da epoca em que se occupára no seculo das galanterias do amor:

Já os abri a deshora,
E lhes mostrei tal visão,
Que lhes disse o coração :
—Vereis o prazer agora.—
Mas, para elles melhor fôra
Em toda a vida não vêr,
Que buscar alli prazer.

Quantas vezes castigados
M'os deixou esta ousadia,
Por querer vêr alegria
Entre tão tristes cuidados.
Aporfiam magoados,
Que já tomariam vêr
Só as sombras do prazer.

(*Ined.* de Caminha, II, 194.)

Os *Motes velhos* eram tomados geralmente de Canções lyricas muito vulgarisadas ou pela belleza poetica ou pela graciosidade da melodia. Adiante, (p. 217) encontra-se o seguinte Mote, de que achámos a canção originaria d'onde saiu :

Se de vós já se me deu,
não se me dá nada agora;
sêde de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

Foram desenvolvidos estes versos em outo quadras lindas; merecem que archivemos aqui a Canção antiga, que publicámos em 1881 nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* (p. 266).

Si de vós já se me deu,
nam se me dá nada agora;
sey d'outro muito embora,
que eu quero tambem ser meu.

Confesso, senhora minha,
que no tempo que vos vim,
andava fora de mim,
porque na alma vos tinha.
Mas agora, que sei eu
que estaes de minha alma fóra,
sey d'outro, muito embora.

No Cancioneiro castelhano em que a encontrámos tem o titulo de *Letrilha portugueza;* n'esse mesmo Cancioneiro manuscripto, in 8.º pequeno, em papel de linho, vem Satiras á perda da autonomia portugueza em 1580, que se relacionam com as Satiras aos Governadores de Portugal no tempo de Philippe II.

Quanto ao aspecto historico, o Cancioneiro conserva nos documentos litterarios de alto merecimento; destacamos a Elegia de Francisco de Sá de Menezes *á morte do Principe que Deus tem.* (p. 57.) Quem era o Principe? Era o apaixonado filho e unico herdeiro de D. João III, o celebrado Principe D. João, falecido prematuramente em 1554. Era um exaltado apreciador da poesia portugueza, e para corresponder ao seu pedido é que Sá de Miranda por tres vezes lhe enviou os cadernos dos seus versos. (Vid. edição princeps por D. Carolina Michaelis.) Todos os poetas quinhentistas da nova Escola italiana celebraram esse falecimento, que feriu as letras portuguezas; os versos do seu camareiro D. Francisco de Sá de Menezes são um documento de adhesão á nova eschola implantada pelo seu parente Sá de Miranda.

O Soneto de Jorge Dias Cardoso *Ao Conde Almirante quando foi por Viso-Rei da India*, refere-se aos cem annos passados sobre o descobrimento realisado pelo seu antepassado. (1598.) Tambem o Soneto de Pero da Costa Peres-

trello, *Feito no tempo das alterações de D. Antonio, sendo ainda vivo el-rei D. Anrique* (p. 161), colloca o Cancioneiro n'essa epoca da terrivel transição para o jugo de Philippe II, quando em 1578 elle já comprava com cedulas as consciencias da fidalguia catholico-portugueza.

Elegia a El-Rey D. Sebastião (p. 183) é um magoado presentimento da sua proxima desgraça:

Taes promessas de ti os Céos nos deram
no teu tão milagroso nascimento,
que esp'rito egual a si em ti pozeram.

Enlevado de amor, de santo intento,
perante essa brandura temeraria,
deter-te com meu verso um pouco intento.

Quem poderia ter escripto estes deliciosos tercetos? Bernardes não, porque acompanhou a temeraria expedição como cantor das futuras victorias. E porque não attribuil-os a Camões, por isso mesmo que não foi o poeta escolhido para glorificar a empreza de Africa?

Aquella linguagem mascula, sentenciosa e poeticamente vibrante, só Camões a possuia n'essa epoca de decomposição moral. O Cancioneiro que contém um Soneto datado de 1606 (p. 223) foi organisado no periodo em que ainda se podem n'elle colligir os eccos dolorosos da perda da autonomia da Nacionalidade portugueza. Aí se acham colligidas Satiras contra os Governadores de Portugal, que nos dão a alma da historia, mais palpitante que nos apagados documentos officiaes.

São bem significativas essas quadras referindo a physionomia moral dos Governadores do Reino:

Um, sombrio e resoluto,
Outro, nunca experimentado,
Outro, que só tem cuidado
De acquirir, e é astuto.

Todos tres de mão commum
darão comtigo através,
se dois e um fazem tres,
estes tres não fazem um.

Um nos conselhos moderno,
outro altivo e temeroso,
outro, astuto e cubiçoso,
como farão bom governo?

(p. 228.)

Ao governo do Archiduque Alberto, substituiu Philippe II um Conselho, em que entrava o Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, D. João da Silva, conde de Portalegre, D. Francisco de Mascarenhas, conde de Santa Cruz, conde de Sabugal, tendo por escrivão da puridade Miguel de Moura. As Satiras choveram sobre esses delegados do poder estrangeiro; uma d'ellas é a glosa ao Mote: «Fugir, que quer o céo cahir» (p. 229)

Todas estas peças historicas são de alto interesse, e apenas uma pequena parte dos protestos, que se divulgaram. Do Cancioneiro castelhano que possuimos já publicámos nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* a Satira á perda da Nacionalidade, que tambem foi encontrada por Camillo Castello Branco nos manuscriptos de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, e a publicou nas suas obras.

Na *Musa das Revoluções* incluiu Alberto Pimentel cinco Satiras em verso de redondilha menor ao Arcebispo D. Miguel de Castro, ao conde de Portalegre, ao conde de Santa Cruz, ao conde do Sabugal e a Miguel de Moura. (Op cit., p. 73 a 78.) Bem merecem essas trovas serem incorporadas em um Cancioneiro formado das numerosas peças quinhentistas que andam dispersas. Transcreverei algumas quadras feitas contra Miguel de Moura:

Quem mais de si cuida
Tem menos rasão,
Fortuna não muda
A má geração.
. . . .
Contra natureza
Sobe o que é pezado,
Não diz bem alteza
Com villão chumbado.
. . . .
Grandes monstros vimos

N'esta nossa edade;
Mas tudo deixemos
Para a *puridade*.

Ha epocas em que a depressão dos caracteres é geral, como uma crise humana; Portugal soffreu essa doença no ultimo quartel do seculo XVI, como se expressa no Soneto *Ao tempo presente*. (p. 10.)

N'este valioso codice da Bibliotheca de Evora salvo pela imprensa, predominam os documentos poeticos da gloriosa edade quinhentista; ainda se encontram eccos dos serões palacianos, taes como as Trovas de D. João Manuel (p. 205) e outras feitas no tempo de El-Rey D. Fernando de Castella, (p. 209.) e ainda composições do Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal e de D. Luiz da Silveira.

Parece-nos encontrar na Ecloga *Minicio e Simabeu* (p. 87) uma composição de Diogo Bernardes, o cantor do Lima; a sua pleiada está representada no Cancioneiro, como se vê pelas numerosas trovas de D. Manuel de Portugal, que dedica uma das suas poesias a Jeronymo Côrte Real.

As poesias lyricas de Gabriel Pereira de Castro acham-se hoje perdidas, mas para consolação temos aqui uma, o Soneto á sepultura do arcebispo D. Aleixo de Menezes, presidente do Conselho de Portugal em Madrid. (p. 148.) O Cancioneiro fecha com a curiosissima peça de Simão Fernandes de Tavira, intitulada *Arte nova de Algarismo*, em 94 estrophes, e que no codice eborense foi transcripta com a data de 1531. Barata, que fez uma edição especial d'esta Arithmetica, no seu prologo diz-nos que Gil Vicente se referira encomiasticamente a Simão Fernandes de Tavira, segundo o informára o Dr. Sousa Viterbo, que sobre este auctor traz documentos nos seus livros *Trabalhos nauticos* e *Inventores portuguezes*.

O que ahi fica apontado basta para reconhecer o vasto campo de estudo a que se presta este documento litterario salvo agora pela imprensa. Todos os que amam a nossa Litteratura hão de sentir-se reconhecidos pelo commovente desinteresse com que Antonio Francisco Barata excavou mais esta joia da grande epoca quinhentista; seja esse reconhecimento a insignia que enaltecerá o seu nome modesto e a sua intenção sincera.

THEOPHILO BRAGA.

Trovas de Manoel Pereira do Sem, estando em Arzilla, a um seu amigo que estava em Portugal, em que lhe dá novas de si e da terra

Mandastes-me pedir novas
e pois hei de obedecer,
quero que sejam em trovas
por vos dar em que entender:
em que esta arte de trovar
se vá desacostumando,
a quem anda como eu ando
tudo se ha de perdoar.

Deixando todo o embaraço,
desde o dia que cá vim,
vos darei conta de mim
e da vida que cá passo,
e julgae o que cá sento
e o que lá sentiria,
se algum'hora ou algum dia
tivestes tal pensamento.

Acho-me mui enganado
de um engano que trazia;
não cuidei que meu cuidado
tantos cuidados havia:
cuidei que a vida mudada
mudasse tambem ventura;
mas da má sempre é figura,
que da boa não sei nada.

E pois me já obriguei,
dar-vos-hei conta comprida,
de como passo a vida
'nesta vida que tomei:
Vou-me ao longo da praia
sem outros ricos petrechos,
uma adarga ante pechos
y en la mano una azagaia.

Faço no meu pensamento
mais torres que as de Almeirim;
mas emfim, leva-as o vento;
porque são vento, emfim:
vou-me trás isto em que cuido
quando a tormenta mais arde,
suspirando a miudo
trabalho de tarde em tarde.

Fujo da conversação,
anoja-me a companhia,
e trago os olhos no chão
e mui alta a fantesia:
como me vou alongando,
que me não podem ouvir,
las vozes que iba dando
al cielo quieren subir.

Vejo desfeitos em vão
todos meus vãos fundamentos;
porém, os meus pensamentos
não cansam nem cansarão:
se alma mais que a vida dura
mais que a vida ha de durar:
maldita seas ventura
que asi me hazes andar.

Cuido no que é já passado
e no que está por passar;
porém, nunca o meu cuidado
se muda de um só logar:
quando em mim torno cuidando,
que de mim mesmo me velo,
los ojos puestos en el cielo
juramentos iba echando.

Vejo o mar embravecer,
vejo que depois melhora;
mil cousas vejo cada hora,
uma só não posso ver:
assim vou passando a vida
'nesta saudade tamanha,
mirando la mar de España
como mengua y crecia.

Quem disser que a saudade
é vida pera gabar,
se o disser de verdade
dil-o-ha por me anojar:
vida que alma entristece,
em que toda dor consiste,
el dia que ha de ser triste
para mi solo amanece.

Crede-me quanto vos fallo,
pois vos fallo como amigo;
e crede que o que calo
é muito mais do que digo:
ando com a alma cansada,
suspirando cada hora
por el vuestro amor, señora,
passé yo la mar salada.

Andando só, como digo,
apartado da manada,
fazendo contas comigo,
que emfim não fundem nada;
querendo buscar o atalho,
pera ver o que desejo,
vi venir pendon bervejo
con trecientos de cavallo.

Vinham de esporas douradas
e vestidos de alegria,
e adargas embraçadas
a flôr de la berberia:
com gritos e altas vozes
vinham a redeas tendidas,
ricas aljubas vestidas
y en cima sus albornozes.

Gentes de muitas maneiras
e de diversas feições,
corriam a estas tranqueiras
como a ganhar perdões;
mas, por que vos não enganem,
cousas que outros vos escrevam,
los bordones que ellos llevan
lanças vos pareceran.

Tudo andava de alevanto,
era o campo todo cheio,
em tudo punham espanto,
de nada tinham receio:
com vozes grandes e festa,
vinham bradando de lá
cavalleros de Alcalá,
no os alabarei de aquesta.

Comigo mesmo fallando,
como se a outrem fallasse,
dizia a quem me lembrasse
do em que andava cuidando;
e pois que tamanho dote
não se alcança por cuidar,
a las armas moriscote
si en ellas quereis entrar.

Contar feitos esquecidos
é muito contra minh'arte:
houve mortos e feridos,
houve mal de parte a parte,
e houve homem que dizia
na força do mor receio:
donde estás que no te veo,
que es de ti, esperanza mia?

Pois fallo em tão fraca guerra
signal é de vosso amigo,
visto como estaes em terra
que ha outras de mor perigo;
e pois muito mais fizera
quem faz isto que aqui vedes,
y que nuevas me traedes
do meo amor que lá era?

Quizera dizer-vos mais;
mas pois vos não digo tudo,
fazei conta que sou mudo,
entendei-me por signaes;
que se fosse tão ousado
que inda d'isto mais dissesse,
a que muerte condenado
puede ser que grave fuese.

Trovas feitas a este cantar velho

Pequena tomei amor
porque não no entendi,
agora que o conheci
mata-me seu desfavor.

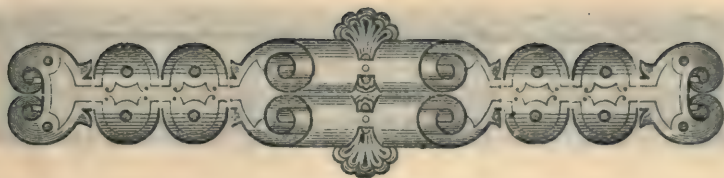
Trata-me como inimiga
sem o nunca merecer,
antes por ella perder
o do amigo e amiga:
elle, era enganador,
eu, muito desenganada,
a elle não lembra nada,
a mi o seu desfavor.

Enganei me com cuidar
que o levaria por bem;
mas quem virtude não tem
não sabe galardoar:
elle era ingrato, amor,
que eu então não conheci,
agora que o entendi
mata me seu desfavor.

Era de pequena edade
pera bem e mal saber;
á falta de o entender
tratei-lhe sempre verdade;
agora que sou maior,
do que fiz me arrependi;
foi tarde, pois que já vi
matar-me seu desfavor.

A principio me enganou
com cousas que lhe ouvi,
e depois que o entendi
logo me desenganou:
tratou-me como senhor
que dos seus se não doía,
e a quem o não conhecia
mata-o com seu desfavor.

De Henrique d'Almeida

Des que una vez miré
señora, vuestra beldad,
yamas por mi voluntad
los ojos de vos mudé;
pues sin vos plazer no siente
mi vida, ni la desea:
si no quereis que os vea
que veré que me contente?

El conde D. Francisco de Portugal

A ver en tanta hermosura
envuelta tal condicion,
de los ojos fué ventura;
mas del alma perdicion.
Señora, no quiera Dios
que seais vos homicida,
en ser el alma perdida
del que se perdió por vos.

Ao tempo presente

Nenhum effeito torpe da cubiça
deixa em Portugal de ser tentado;
vergonha não impede o começado,
razão o não defende, nem justiça.

Mostra-se a virtude na cortiça;
dentro, jaz o vicio afistulado;
vê-se o navio ir indo alagado
ninguem acode ao leme nem á driça.

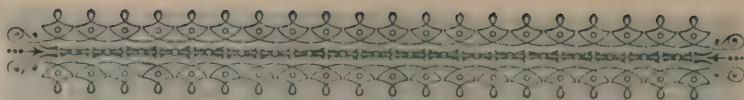
Cresce, e não tem váo a iniquidade,
está a caridade toda fria,
medo de mais forças ou valia,

tolhe fazer mal, que não bondade:
ande quem quizer per esta via:
tudo se paga, a todos vem seu dia.

Trovas a esta cantiga

As cousas que não tem cura,
amador, não cures d'ellas,
e as que não tem ventura
não te aventures por ellas;
porque é mor desaventura
deixar ir per onde vão:
não vás onde te levarem;
que se umas se acabarem
outras se começarão.

São males que dá o tempo
a quem tem pouca ventura;
trabalhos que não tem cura
cural-os é mor tormento,
deixar ir per onde vão,
acheguem aonde chegarem;
que quando não se acabarem
ao menos te acabarão.

Quieta teu pensamento
com discripção madura,
e não te dêm sentimento
as cousas que faz o tempo;
que o tempo mesmo as cura:
nada faças com paixão,
pois és dos que muito sabem
que antes que se acabem
ellas te acabarão.

Trovas a—Isto não é vida

Com ver-vos passava,
senhora, meu mal,
só 'nisso cuidava
sem cuidar em al;
se me isto não val
não posso viver,
isto não é vida
e vae de perder.

De vos ter, senhora.
na minha alma escripto,
se mantem o sprito
sem vos ver agora;
mas se não melhora
haver-vos de ver,
isto não é vida
hei me de perder.

SONETO

De D. Fernando da Cunha

En que podré esperar contentamiento
pues tras todo mi mal, señora mia,
consiente fortuna que á porfia
me venga ahora dañar cada elemento.

Mis esperanzas se las lleva el viento;
el fuego crece donde arder solia;
lleva-me el agua cuanto bien tenia
y la tierra hará el apartamiento.

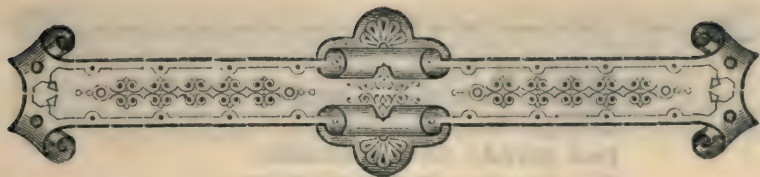
Vos juntareis com esto el olvidar-me;
porque no merezco quedar assegurado
de todo, del temor de vuestro olvido.

Yo no me quejaré por no aliviar me;
que no és justo que quede en buen estado
el que vivo quedó y os ha perdido.

D. Henrique de Portugal
a D. Christovam de Moura, estando em Madrid, onde havia um anno o detinha com palavras

El luego se hizo semana,
y creció ella despues
tanto, que se hizo mes.

Y hará muy presto un año
que, no me valiendo el ruego,
me voy tras aqueste luego
viviendo ya de mi daño
por huir a un desengaño,
que para luego ó despues
seria mal entremes.

Su Magestad está saño,
y vos, señor, a su lado,
y yo tal que cierto és pecado
no se me dar ya la mano:
con rei tan blando y humano
en hazer bien, para que és
dejarlo para despues?

Mote alheio

Tenho um bem que mal me trata,
não me entendo com ninguem,
fujo de quem me quer bem,
quero bem a quem me mata.

Quanto mais morro mais vivo,
desespero do que espero,
aborreço quanto quero,
busco a meu mal esquivo,
de meu bem só desespero.

Assi não acho ninguem
mais que quem me desbarata,
foge de mim todo o bem,
e quando tenho alguem
tenho um bem que mal me trata.

De queixar-me, a liberdade
não na tenho, e é de modo
que, pera a formar verdade,
basta pedir-m'a a vontade
pera me faltar de todo.

Assim me vejo perdido
não sei como nem porque;
calo por não ser sentido;
mas quando estou entendido
não me entendo com ninguem.

Vede em que estado me vejo
tão fóra de natural;
por rezão já me não rejo
e a quem me quer mal desejo
que me queira maior mal.

Não pode estremo mor ser
que este em que todos me vêm,
nem no pode mor haver,
que busque quem me não quer,
fuja de quem me quer bem.

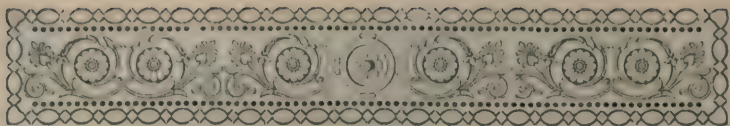
Tanto me aborrece a vida
que o mesmo fôra perdel-a,
se fôra della homicida,
se quem a quer ver perdida
não se perdera com ella.

Perca-me eu e não me veja
quem deste modo me trata,
a vida em mim não esteja,
mal quero a quem m'a deseja
quero bem a quem me mata.

Trovas d'um autor incerto

Los servicios recebidos,
aun que no estén olvidados,
tanto son agradecidos
cuanto pueden ser pagados;
mas se exceden el poder,
muda-se la voluntad,
y quien ha de agradecer
dá por paga enemistad.

Pasquim de D. Luiz Lobo da Silveira

Vou mordendo e arranhando
sem ser gato de proveito;
porque mor algalia deito.

A' morte do Conde da Feira

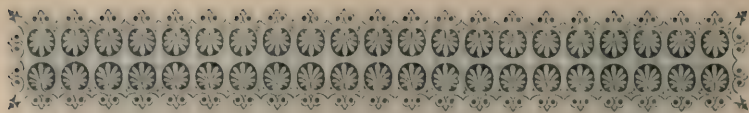
As maritimas nymphas do oceano
tristes soltando a roxa cabelleira,
'num crystalino tumulo um Pereira
depositam, de engenho soberano.

Ali Neptuno vem tremulo e cano:
com lento passo a funebre bandeira
arrasta, do illustrissimo da Feira,
segundo Numa em paz, recto Trajano.

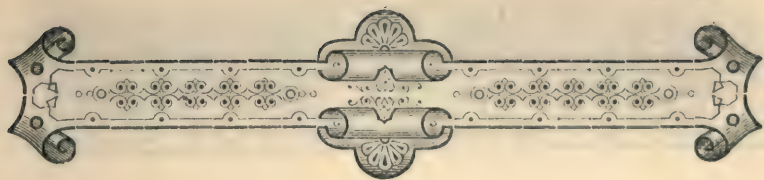
Apollo, de pesar, a luz encobre,
a madeixa molhando no occidente,
attonito de ver tão triste historia;

mas logo mais formoso se descobre,
vendo reinar o viso-rei do oriente
por infinitos seculos na gloria.

Trovas de autor incerto

Tenho um amo singular;
mas quem o serviu e teve
diz, que quanto mais nos deve
menos nos pode pagar:
justiça distribuitiva
não a pode haver egual,
onde a palavra é tal
que andam buscando a quem sirva
e a quem serviu querem mal.

Estanças ao mundo

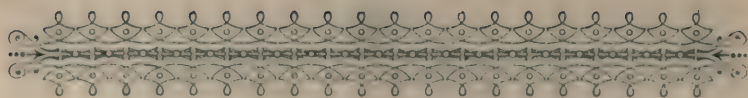
Ai! misero, sujeito á natureza
mortal, caduca, fraca, esvaecida!
Ai! vãos contentamentos, que tristeza
nos daes, e lagrimas na despedida!
Ai! fantasticas honras, que em pobreza
todas vos reduzis no fim da vida!
Como estragaes o entendimento
d'aquelle que de vós faz fundamento?

Uma mortalha triste, um dó choroso
o acompanha á funebre sepultura:
ali pára o sublime estado honroso
e do mundo a perversa e boa ventura:
o alto, o baixo, o fraco, o poderoso
ali mostram disforme e vil figura,
e todos, em geral, no passo forte,
uns mesmos accidentes têm de morte.

MOTE

Já não quero de meu mal
outro bem,
que saber que nenhum tem.

GLOSA

Mal que espera melhoria
não o ter eu por meu mal!
porque fica o risco egual
com o bem que pretendia;
nenhum remedio queria
a meu mal, nem outro bem
que saber que nenhum tem.

Que o mal sem esperança
a quem padece, desculpa;
porque o bem de sua culpa
faz da tormenta bonança:
já vejo que faz mudança
o meu mal pera mor bem,
pois nenhum remedio tem.

Trovas a um homem que se embarcava para Ccina

Quem não parte na maré
ou se embarca na romagem,
cousa mui sabida é
que ha de dormir na estalagem;
por isso cumpre apressar,
que onde as agoas são quebradas
tarda muito o repontar.

E em tal navegação
ha um perigo mui grande,
que quem erra a conjuncção
não lhe nada o caravelão,
por mais agoa que demande,
polo que vos quiz lembrar
que deve ter de querela
quem ficar no areal,
vendo os outros ir á vela.

Trova de um autor incerto a certo homem conhecido

Que coberta de cubiça
é fingir necessidade!
Que capa de iniquidade
é rigorosa justiça!
Que rebuço de preguiça
é diligencia baldia!
Que couto de covardia
é santidade fingida!

D. Simão da Silveira a esta cantiga

Para que me dán tormento
aprovechando tan poco?
perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

Por mas que sea cruel
mi grande mal de sofrir,
bien me puede el descubrir;
mas yo no lo haré a el:
bien puede mi pensamiento
apregonar-me por loco;
mas yo no siento tan poco
que descubra lo que siento.

Trovas feitas a um certo proposito

Christãos e mouros
guardae-vos mui bem,
guardae-vos de touros
que taes cornos tem.

Nasceram-lhe cedo,
mas não são agudos,
e não hajais medo
que não são pontudos:
são muito cornudos,
e sabeis que tem...
são mansos, sisudos,
não matam ninguem.

E são alguns delles
já touros capados,
e estão todos elles
mui mal inclinados;
são mui atufados
e sabeis que tem...
serão decepados
sem matar ninguem.

Tem grande recacho
e são poderosos,
mas não tem despacho
nem são temerosos:
são mui proveitosos
e sabeis que tem...
nem são furiosos
nem matam ninguem.

São velhos e gordos,
vermelhos e brancos;
saltaram já todos
mui grandes barrancos;
são mui tençoeiros
e sabeis que tem...
são pouco guerreiros,
não matam ninguem.

Não soffrem garrocha;
mas tomam a capa,
ninguem lhes escapa
sem haver escorcha;
fugir-lhes não val,
e sabeis que tem...
são mansos per mal
e bravos per bem.

De Jorge da Silva, ao mundo

Todas as cousas tem seu proprio tempo,
seu principio, seu fim e seu logar;
tempo ha de rir, tempo de folgar,
tempo de descanço, outro de tormento.

Abaste quanto me levou o vento;
baste saber que o porvir ha de passar
como o presente, nem me ha de ficar
do prazer mais que o arrependimento.

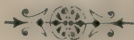
Leve-me o mundo o que me tem levado;
já agora não quero nem bem nem mal,
nem desejo mais que ver-me desatado.

Ó misero, o em que cousa mortal
põe sua esperança, quam enganado,
quam perdido se ha de ver este tal!

Pasquim de D. Jeronymo Coutinho

Aqui jaz um tão honrado,
que ninguem pode ser mais,
se houvera dois destes taes
fôra este reino abrasado.

Pasquim do Conde da Vidigueira

O mal de ser eu gottoso
me fez ser gran mentiroso.

Pasquim do Conde da Castanheira

Só vás no mal albardado!
Albardão é meu morgado.

De Jorge da Silva

Para que me dán tormento
aprovechando tan poco?
perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

Para que me dán fatiga,
que es trabajo vano, en fin;
mal quo no fio de mim,
como quereis que lo diga?
Por mas que sea el tormento
aprovechará mui poco;
soy perdido y mais soy loco,
mas no diré lo que siento.

Trovas satyricas

Todo lo puede

Pode dar, pode tirar,
já tirou, deu um condado;
não pode fazer calar
o que quizera calado.

Todo lo pide

O velho será sisudo,
será bom corte de espada;
mas quem toma a todos tudo
para que é pedir-lhe nada?

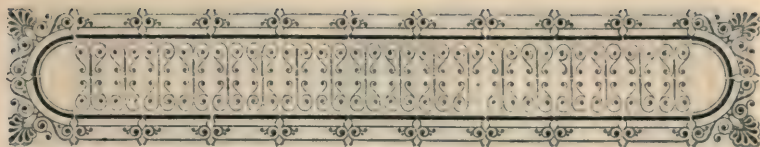
Todo lo supe

Sabe muito bem servir,
se servir não é saber;
quem não sabe proceder
mal saberá proseguir.

Todo lo calla

Calar por muito mandar
é feito de esforçado;
calar sendo injuriado
é mais medo que calar.

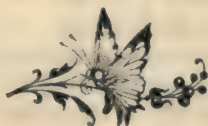
No puede, ni sufre, ni calla, ni habla

Para mal só tem poder,
pode tudo, nada lhe dão;
sofre mandal-o um villão
cala o que se ha de dizer.

De um autor incerto

Quem diz temor, diz *morte*, assim se escreve,
inimigos crueis de meu amigo,
que tanto sem temor levou comsigo
a morte, a que temor grande se deve.

Em breve tempo mata, e em tão breve
que com mais pressa o faz do que o digo,
contra mim se atreveu, mas não comigo,
que em quanto me não mata não se atreve.

Tanto alongou um bem que por meu tinha,
que só fiquei com o mal que me sustem,
não sendo culpa, mas desgraça minha.

Tão só me vejo, emfim, que os que me vêm
entendem morrerei, e tão asinha
que pera tanto mal não ha mor bem.

Trovas á sentença dada contra um fidalgo

A sentença já é dada;
pero foi mal requerida:
toda pessoa culpada
deve estar arrependida
por como será julgada
quem a bem solicitou;
sua pena lhe darão;
que povo não perdoou
desde o rei té ao peão.

E pois se punha em direito
esta tal condemnação,
houveram de ter respeito;
que ainda que era feio o feito
era fermosa a rezão,
e devera de lembrar
ao senhor e aos doutores
que os erros por amores
erros são de perdoar.

Todos 'neste caso erraram,
todo o mundo 'nelle errou;
erraram os que julgaram
muito mais o que o julgou,
só dom Fuão acertou;
e posto que não responde,
nem o querem escuitar,
mais queria ser o conde
que el-rei, que o manda matar.

Eu não sei bem as desculpas
que pode ter dom Fuão;
mas parece de rezão
que não deve de ter culpas,
porque perca o ser barão;
mas foi de maneira urdido
este negocio, e tramado,
que eu julgo por bem perdido
a quem foi melhor livrado.

Honrados e deshonrados
accusaram o senhor,
devendo de ser lembrados
que Deos ao bom amador
nunca demandou peccados;
mas quem tem má condição
'nella faz seu fundamento,
e pode mais a tenção
do que pode o entendimento.

Em gente tão entendida
todo erro cae em deshonra:
foi a cousa assim urdida,
que onde uns perdem a vida
os outros perdem a honra:
todos veem poucos prazeres
de negocio tão ruim;
porque feitos de mulheres
sempre vêm ter este fim.

Todos 'nisto são culpados,
assi os reus como autores;
mas nos casos tão travados
nunca erram os creados

sem gran culpa dos senhores:
e que tenha má desculpa
quem taes cousas foi fazer,
os que têm maior poder
esses têm maior a culpa.

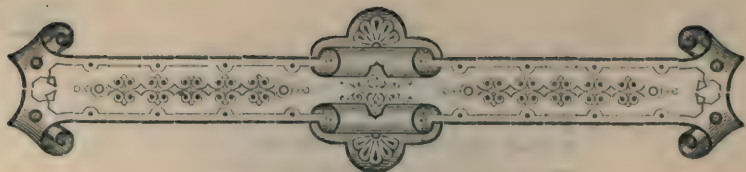
Tudo ali se soube errar,
tudo ali foi ordenado;
que se pode mal julgar
quem haverá de ficar
mais perdido ou mais culpado:
e segundo a cousa dura,
eu tenho por assentado
que assás tem de má ventura
o melhor aventurado.

De quem taes trabalhos tem
a longe vão seus agouros;
mas 'neste caso, porém,
hei só dó de Jerusalem,
que está em poder de mouros,
que a têm fortalecida,
muito soldado, e velada,
de seu senhor mui guardada;
porém mal abastecida.

Muitas cousas se atalharam
se houvera atalhadores,
ou se os aconselhadores
'nestes feitos se lembraram
da honra de seus senhores;
mas, respeito, que cegou,
fez tudo assi ordenado,
que errou quem aconselhou
e quem foi aconselhado.

Uns erraram per rudeza
outros por muito subtis,
alguns delles por baixeza,
outros por muita villeza
que os faz ser muito vis:
por malicia que eu sabia
errariam outros muitos;
e porém quem mais podia
errou mais que todos juntos.

Perdoe Deos ao senhor
que isto quiz; pôr em doutores
para dar causas maiores
a que nasçam d'um amor,
muito grandes desamores;
porém isto haverá cabo,
e tudo virá a paz,
em que pès a um diabo
que taes obras sempre faz. ([1])

([1]) Allude ao conhecido escandalo palaciano havido nos Paços de Santarem em 1546, quando um filho do Conde Barão de Alvito, diz-se que penetrára de noite nos aposentos de D. Juliana, filha do Marquez de Villa Real, que depois foi esposa do Duque de Aveiro.

MOTE

O mor trabalho de todos
é esperar algum tempo.

GLOSA

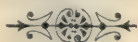
Trabalho é desejar
sem pôr no desejo atalho,
trabalho, sem premio amar,
trabalho, desesperar,
esperar, tambem trabalho.

Traz amor 'nalma encoberto
trabalho por varios modos;
eu tenho, porém, por certo
que é servir por preço incerto
o mor trabalho de todos.

A pena de amor forçosa
com a esperança serena
um amante, que se ordena,
que esperança tão penosa
seja o remedio da pena.

Tendo por só passatempo
o tormento da esperança,
que nunca deu fructo a tempo,
se alguma cousa o descansa
é esperar algum tempo,

Mote furtado

Meus males tudo procuram,
só o não me acabar pretendem;
o porquê, é porque entendem
que se não duro, não duram.

Do conde Luiz da Silveira

Voy como loco sin tiento
con los ojos a buscaros
y despues de no hallaros
sabe Dios lo que yo siento!
los veo en el pensamiento
y en el alma, en el deseo,
con los ojos no los veo.

MOTE

Tudo que vejo tem fim;
só eu no mal que padeço
não acho senão começo!

GLOSA

Os Sertorios cannibaes,
de que o mundo se espantou,
por triumfarem dos mortaes,
devendo ser immortaes
a morte delles triumfou.

Assi esta desventura,
que me atormenta a mim,
não pode ter muita dura;
porque, emfim, na morte escura
tudo o que vejo tem fim.

A vida passo com pranto,
males sem conto sustenho,
e pasmo de durar tanto
sendo taes, que o meu espanto
pasma dos males que eu tenho;

Mas segundo o que eu conheço
da calidade do mal,
cuido que é de grande preço,
vendo que sou immortal
só eu, no mal que padeço;

Porém, não sinto clemencia
no fado, pois me não mata,
vendo que a violencia
deste mal, me desbarata
minha constante paciencia;

Mas já que a amor me entreguei
todos os males mereço,
pois por vontade os tomei,
e depois que os comecei
não acho senão começo!

Por ver se tanto mal se acabaria

GLOSA

Cheguei a termos taes co'o mal que passo
que em trespasso me vi de dar á morte,
não dando á minha vida mor espaço
que o que teve um fraco aos pés de um forte:
o peito não armei de ferro ou de aço,
mas de minha desgraça, triste sorte!
tudo a fim de mudar, e mais faria
por ver se tanto mal se acabaria.

Não quiz minha desgraça que acabasse
por não querer meu mal ver-se desfeito;
mas antes me ordenou que o sustentasse;
porque cessando a causa cessa o effeito:
busquei então meu bem que me matasse
vendo-me 'neste passo tão estreito,
nem bem nem mal achei como eu queria,
por ver se tanto mal se acabaria.

Mil graças descobriu minha desgraça
emquanto pretendi perder a vida;
ora me afogava, ora outra traça
de morte imaginada e nunca ouvida:
determinei-me a não morrer de graça,
antes pedir a paga ao homicida,
buscando os termos todos que podia
por ver se tanto mal se acabaria.

Emfim, não teve fim o mal que tenho,
nem deixo de ter mal, só vida triste:
com males e sem bens só me sustenho,
por me acabar meu mal que tanto insiste:
desta maneira o levo e o entretenho,
que de outra, cresce mais e mais resiste;
assim faço e desfaço, e mais faria
por ver se tanto mal se acabaria.

Trova de um homem que queria deixar o mundo

Mundo quien te conociera
cierto soy que no te alabe,
quien te quiere no te sabe,
quien te sabe no te quiere:
yo me despido de ti
por quedar alegre y ledo,
y tornar como naci,
para que alcance sin ti
lo que contigo no puedo.

Que me dá que se me dê?

Minha alma em seu mal esquivo
por seu mal seu gosto mede;
que sendo este excessivo,
delle me sustenho e vivo,
pelo bem de quem procede.

Em paga do que mereço,
e em paga de minha fé,
me dão mal, mas se mal é
o que só desejo e peço,
que me dá que se me dê?

Não ha dôr que egual me seja
como sentir um tormento,
sem nenhum merecimento:
razão contra mi peleja
mas quel-o meu soffrimento.

Assim me queixo de quem
tão mal paga a minha fé;
mas se sua vontade é
querer-me dar mal por bem,
que me dá que se me dê?

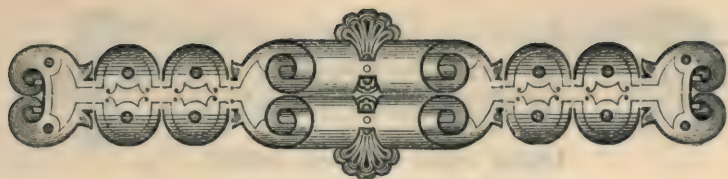
De D. Manoel de Portugal a uns amigos seus que se iam cedo do Terreiro do Paço

Dois dias não dão signaes,
dal-os-á quem tem ventura:
busco-vos na noite escura,
mas nas sombras não estaes.

Tenho-vos tanta amisade,
que, em extremo sentiria
se per nenhuma alegria
deixasseis a saudade:
deixaes-me na noite escura,
á tristeza me deixaes,
e que não m'a accrescentaes
viverá em mim segura.

Por estas sombras passeio,
que da luz ando assombrado,

e a alma pelo cuidado
se me vae donde elle veio:
alma, quando me deixaes?
que mouro se me afigura;
mas se em mim de lá tornaes
é mor dor e mais sem cura.

Por aquella claridade
em que novos mundos vejo,
levou-me uma tempestade
onde nunca foi desejo:
no alto da fermosura,
sem ver terra, vi que estaes,
senhora, em tanta altura
que vós só ali chegaes.

CANTIGA

De D. Manoel de Portugal

Se tendes por grande culpa
querer-vos, senhora, bem,
ninguem mor que eu vol-o tem.

Do mal podera esperar
remedio, mas do bem, não;
que uma tamanha affeição
como a haveis de perdoar?
quem vos dá tanto pesar,
que vos quer tamanho bem,
nenhuma desculpa tem.

Levou-me tão alto amor
donde a vista já desmaia:
se de ali quereis que caia
vede o espanto e rigor!
se imaginar muda a côr

que faria ver se alguem
cair de tão alto bem?

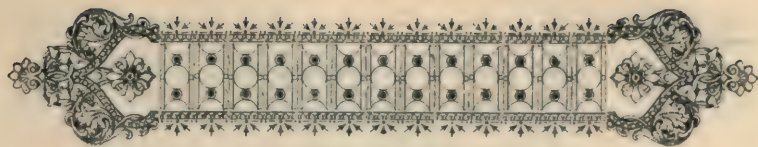
Quem sente de quem estima
pequenas cousas magoam;
tal estou que me afleiçoam
despresos e desestima;
que não pode haver acima
de um tão estranho bem
cousa qne lhe estorvo dêem.

Dizem que extremos faço
por esses olhos divinos;
mas a mim só desatinos
me parecem os que faço:
perdoae tão grave culpa;
que não merece ninguem
querer-vos tamanho bem.

ESPARSA

De D. Alvaro de Abranches sobre os versos de Virgilio, que começam

Tempus inane peto

Um tempo sem mal nem bem,
que a alguns descanso seria,
a quem espaço não tem
isto só te pediria
se o merecesse alguem;
per que 'nelle me ensinasse
a fortuna a me doer
da vida, se me ficasse,
quando de ti me apartasse,
pera nunca te mais ver.

Trovas que seguem o intento e estylo das do conde do Vimioso

Malicias mal entendidas
quantas honras tem roubadas?
e as virtudes fingidas
por nescios são mal julgadas;
não pode ter bom saber
quem em tudo é contrafeito;
porque cega o entender
trazer tudo a seu respeito.

Gran baixesa é dos senhores
contentar-se de viver;
os que põem tudo em comer
não farão grandes primores:
quem se presa de grandesa
nas cousinhas veniaes,
mostrará grande fraqueza
nas que forem principaes.

Que graça é contentamento
das vergonhas conhecidas,
e que dôr, esquecimento,
no substancial das vidas!
grande medo é ver chegar
as cousas a tal estado,
que é remedio não cuidar
para não cair pasmado.

Emquanto sente o doente
não é todo corrompido;
mas depois que elle não sente
dae vós tudo por perdido;
gran parte é de perdimento
ter-se por subtil crudo;
porque erros de entendimento
estes são peior que tudo.

Doudice desenfreada
nunca fez nenhum bom feito,
nem foi bem aconselhada
a pessoa per respeito:
debaixo do temporal
é o conselho odioso;
mas toda a raiz do mal
está no malicioso.

Os que são ruins em cabo,
os que torcem as verdades,
estes taes, como o diabo,
são subtis pera maldades;
mas, se tratam de virtude,
e de cousas de honra e ser,
permitte Deos que se mude
seu saber em não saber.

Quem se tem por poderoso
não se tenha por captivo,
nem se mostre temeroso
quem se tem por muito altivo;
quem não tem atrevimento
não presuma de ufania,
nem se chame soffrimento
ao que só fôr covardia.

Gran perigo é pôr-se tudo
debaixo de um só juizo;
antes o bom siso rudo
que o subtil com prejuizo:
gran mal é ver sem alçada
os que nasceram com ella;
grande dôr vel-a tomada
de um ruim sem merecel-a.

Quem procura de ser só,
trabalha desfazer tudo,
e por isso é de haver dó
do sandeu e do sisudo;
porque nada vos não val
quer façaes, quer não façaes;
que o caminho que tomaes
esse é pera maior mal.

As religiões damnadas,
as justiças pervertidas,
as virtudes simuladas,
as equidades fingidas
tudo vem de se cuidar
que um só é o prudente,
e que é o acertar
fugir do commum da gente.

Entre tredos e leaes
não se cria muito amor;
grande mal é poder mais
o creado que o senhor:
ignorantes governados
sempre cuidam que o não são;
que vae da terra e de estados
onde falta discripção.

Os creados lisongeiros
mentirão a seu senhor;
os pannos tomam a côr
que lhe dão os tintureiros,
e por isto quem comprar,
se não fôr mui recatado,
muitas vezes lhe hão dar
o saial polo brocado.

Quem se vence do seu vicio
quantos erros que commette!
quem não serve seu officio
nos alheios se entremette:
a quem virdes occupar
em alheios exercicios,
ver-lhe-eis grandes cuidar
no que fôr de seus officios.

Occupações ociosas
quanto tempo tem damnado!
discripções maliciosas
cem mil honras tem roubado:
obras são de Satanaz
trazer tudo a seu moinho;
se a guia erra o caminho
guai dos que vão de traz!

Quem tem conta com sua honra
teme muito o que se diz,
e a quem não doe deshonra
não é bom pera juiz:
quem por bem do seu folgar
despresa dizer das gentes,
deve-se de suspeitar
que traz novos accidentes.

O velho muito galante
namorado deve ser;
quem não fôr muito ignorante
muitas cousas ha de ver:
quando virdes nas cidades
o revés do que ellas dão,
esperae por novidades
mui contrarias da rezão.

Gran dôr é ver ir o mundo
ao revés do que nasceo,
baixos subirem ao céo,
os altos postos no fundo;
ver indignos estadear
é tão duro de soffrer,
que o remedio é consolar
com que tudo ha de morrer.

Poucos são os poderosos
que chegam ao paraiso;
graça é ver virtuosos
assi feitos de improviso:
para que é mostrar bondade
pois se enxerga o contrafeito?
que interesse e christandade
não moram juntos no peito.

Superiores captivos,
gran trabalho é dos sugeitos;
os que forem vis e altivos
errarão todos seus feitos;
destemido e desamado
será quem não faz direito;
tudo se faz contrafeito
ante quem está pasmado.

Tudo contra natureza
é da gente aborrecido;
parece mal ver alteza
ao baixo submettido;
toda a cousa deve ser
conforme ao que é rezão:
a mulher como mulher,
o homem como barão.

As contrafeitas rezões
tudo tem falsificado;
as falsas consolações
muitas vezes tem damnado:
eu não tenho por sisudo
a quem taes amigos tem,
que lhe dizem que está bem,
quando está perdido tudo.

As falsas proposições,
recebidas de ignorantes,
fazem bons sem galardões,
e culpados bem andantes:
o remedio disto tudo
a só Deos pertence dar;
que ás orelhas do surdo
pouco aproveita bradar.

Gran perigo tem quem ousa
publicar sua querela;
quem sabe fallar na cousa
não lhe perguntam por ella:
faz-se tudo contrafeito
ante quem está pasmado,
e com isto, mal peccado,
está tudo bem desfeito.

Baixesas alevantadas,
habilidades de um mez,
as calidades pesadas
fazem ir tudo através;
signal é de muito rudo
e de discripção errada,
querer entender em tudo
o que não entende em nada.

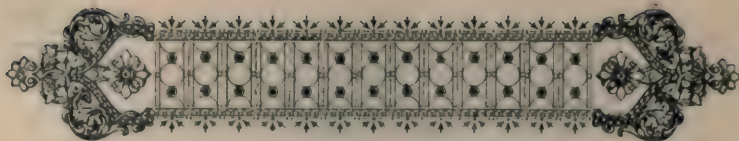
Quem Deos quiz habilitar,
e nasceu com algum ser,
muitas voltas lhe hão dar
polo logo desfazer:
em apontando a rezão
de o homem mais valer,
se lhe busca occasião
pera seu desmerecer.

Mal governará o mundo
quem bem não sabe linguagem;
dôr é vel o ir ao fundo
por falta de pilotagem;
ignorantes e ruins
muito pouco hão de acertar;
grande medo é ver os fins
em que tudo ha de parar.

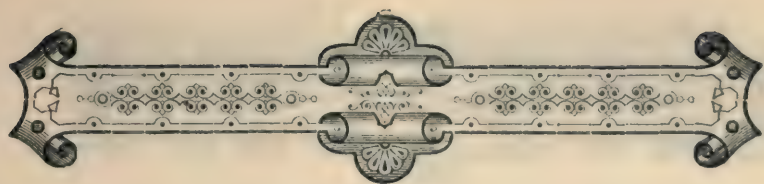
Contrafeitas santidades,
e justiças retorcidas,
tudo vem de ser medidas
as rezões polas vontades:
a justiça sem verdade,
a ninguem não satisfaz,
nem é boa a santidade
a sabor de quem a faz.

Contra fracos fortaleza,
e contra fortes brandura,
signal é de gran fraqueza
e de assás pouca cordura:
deleitar no meixirico
cousa é muito de mulher;
quem 'neste tempo fôr rico
fará tudo o que quizer.

Quem não é predestinado
não lhe aproveitam rezões,
onde tudo é reservado
para certas gerações;
quem tem pouco soffrimento,
por força terá imigos,
e quem não tiver amigos
não terá merecimento.

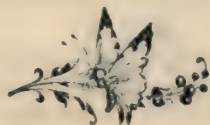
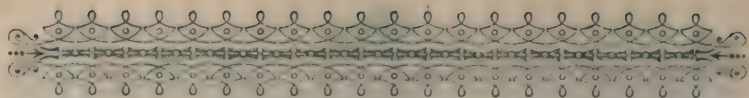
Onde virdes trabalhar
por ser tudo anniquilado,
não cureis de semear,
peze-vos o semeado;
mas devem-se de consolar
o sisudo e o sandeu;
que só Deos pode tirar
o que a natureza deu.

Sem vós, sem esperança e com meu fado
julgae qual póde ser a triste vida!
amor, fortuna e tempo hão ordenado
ser eu contra mim mesmo homicida;
porque sinto que vi do céo o treslado
na bella imagem vossa esculpida,
logo fiquei, senhora, qual me vejo
rendida a liberdade ao desejo.

Pedi favor ao céo, á terra meio,
a Marte fero a vida e resistencia,
invoquei os deoses com receio
de vosso desamor, pouca clemencia;
mas, emfim, esta força, foi enleio
em que amor me poz a competencia
de eu não possuir o livre estado,
da que tanto me tinha blasonado.

Senti a pouco e pouco ir perdendo
aquella antiga minha liberdade,
até que fui de todo entendendo
ser vossa, e não minha esta vontade;
vi-me de todo ir enfraquecendo,
sem admittir rezão a brevidade;
porque logo potencias e sentidos
'num momento por vós os vi perdidos.

Queixoso de querer, sem ser querido,
um dia e outro dia vou passando,
até que me eu vá desenganando
em a desegualdade do partido.

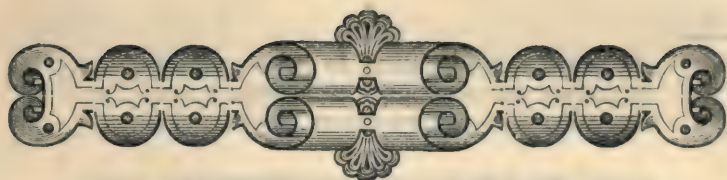
E o peor de tudo é ser conhecido
de quem sempre me está remoqueando;
que perco o tempo por quem está zombando
de me ver, como me vê, andar perdido.

'Neste estado me traz amor tyranno,
sem mais se apiedar de meu cuidado,
com entender a causa de meu damno.

Só vejo meu remedio dilatado,
faltando me ainda o bem do desengano,
sequer por não morrer desesperado.

Donde descança amor quando descança?
donde seu centro tem mais regalado?
adonde a amorosa mãe o ha creado?
em que logar terá mor confiança?

Donde satisfará sua esperança?
e adonde se verá tão descançado?
donde descuidará de seu cuidado?
donde tem pera si que tudo alcança?

Donde parece ter o possuido?
donde desfeitas vê suas maranhas?
donde se vê mais fraco e mais rendido?

Quem duvidas quizer saber tamanhas,
vire, e verá a almofada de Cupido,
quando a desentranhar polas entranhas.

Versos de D. Francisco de Sá de Menezes á morte do Principe, que Deus tem

Doce alma amorosa, doce spirito
escuita os versos tristes que te canto,
aquelle pouco espaço que não grito,

emquanto o claro sol não torna, emquanto
este ar e terra fria estão cobertos
de sonhos, de visões, d'escuro manto:

escuita estas palavras, que derramo
aos ventos mudaveis e incertos;
dês que te foste sempre em vão te chamo;

encho de gritos a terra; encho o ar,
não colho destas flores um só ramo:
as aves mansas que sohiam crear

'nestas faias direitas e crescidas,
dellas fogem agora, sem parar:
nunca as espessas nevoas são rompidas

de vento delgado, nem do sol se vêem
as frias e grossas neves derretidas:
do inverno os mezes tristes se detem

tanto, que não ha 'nelles movimento,
e os alegres e brandos nunca vêm,
nem nuve 'neste céo tem feito assento.

As festas dos pastores desta terra
cobertas estão já de esquecimento;
não sei a branca lua onde se encerra,

que, depois que minguou, não cresceu mais,
nem parece herva verde em toda a terra.
Aborrecem-me os versos naturaes,

a sanfonha estrangeira, e d'estes montes
como os gallos que ouço nos casaes;
aborrecem-me os rios e suas fontes;

acho o céo tão estreito, que parece
se apegam comigo os horisontes.
Em parecendo o sol se me escurece;

no campo abafo, o ar não posso romper,
tão grosso e tão pesado me parece:
vendo o dia, desejo de anoitecer;

mas como a noite vem, escura ou clara,
torno a desejar de amanhecer:
de tal maneira estou que se tornára

áquelle doce tempo em que te via,
não descançára 'nelle nem folgára:
nenhuma cousa quero do que queria,

e não podendo meu mal ser maior,
parece-me que cresce cada dia;
mal, se entendo, nem sei o que é melhor:

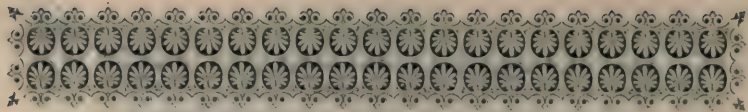
mal, se estou 'nestes montes, mal na aldeia,
no logar onde estou estou peior;
não folgo já de ver como rodeia

a verde hera estes altos louros,
nem busco conchas lisas pela areia,
nem sei quando são verdes, quando louros

estes campos sós, nem ouço cantar 'nelles
senão aves escuras e de agouros;
não era assim quando andavas por elles:

comtigo o fresco orvalho, o vento brando,
comtigo a formosura se foi d'elles:
já o manso Tejo os não vae regando

como sohia outrora, claro e quedo,
umas vezes direito, outras rodeando;
e isto é tarde, cuidei que era mais cedo,

vou me; que vejo o sol pelos outeiros,
foram-se as sombras tristes, foi-se o medo,
já ouço vir cantando os ovelheiros.

Perguntas que um homem fez a outro

Qual é a cousa nem pobre nem rica
que mil cousas mata sem ira nem sanha?
que tem com a barba o que filha c'o bico?
non é santo, ou santa, por elle vos fico;
anda bem seguro por toda a Hespanha
e veste seu corpo em corpos mortaes?
non faz, quando solto, nem perda nem damno,
despois que é preso, é um tal engano
que engana os menores e os mais principaes?

Glosa a esta cantiga

Apressões de cada dia
que as eu possa soffrer,
ellas dão bem que fazer
á fantesia.

Quem acerta de viver
em tempos sem alegria,
forçado lhe é padecer
apressões de cada dia,
as quaes vem de tal rezão
que não ha que lhes fazer
se não salvar a tenção,
e Deus me dê coração
que as eu possa soffrer,

e que se formem de vento;
as apressões, a meu ver,
a quem tem entendimento
ellas dão bem que fazer;

porque são feitas de uma arte
e por taes canos e via
que de si não sabe parte
a fantesia.

Porque se cuido que vou
em servir-vos confiado,
e eu acho-me que sou
por respeitos mal julgado,
de que vem ter por perdido
o meu serviço e amores;
por modos envolvedores,
inda agora estou mettido
no meio de minhas dores.

E aquestas apressões
porque passo e em que estou,
nascem de outras rezões,
e por outras contemplações
vejo quem m'as ordenou,
as quaes em que pena dou,
e que dessem maiores dores,
tem homem contra os autores
saber certo que não são
sem culpa de outras maiores.

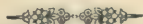
A culpa disto, senhora,
crede que a vós só a dou;
porque muita rezão fôra
não estar no estado agora
em que estou;
mas, pois me vale rezão
contra quem tanto podia,
Deos me alargue o coração
rogo á virgem Maria.

Mas que aproveita alargar,
nem que tempo de fazer,
pois tem já feito entender
a quem me ha de julgar,
que me não queira valer,
e em que isto merecia
mudar homem sua tenção,
nunca a ninguem eu diria

o que trago no coração
e trago na fantesia.

E não sei como vos possa
ante mim buscar desculpas;
porque, senhora, sei bem
que sendo a perda vossa,
são os proveitos de quem
tem culpas nas vossas culpas;
de que vem já não poder
fazerdes nunca em nada
cousa que possa entender.

VILLANCETE

De D. Manoel de Portugal

Eu não levantei os olhos,
pois que nunca pude ver
nem a sombra do prazer.

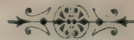
Já os abri a deshora,
e lhes mostrei tal visão,
que lhes disse o coração:
vereis o prazer agora;
mas pera elles melhor fôra
em toda a vida não ver
que buscar ali prazer.

Quantas vezes castigados
m'os deixou esta ousadia,
por querer ver alegria
antre tão tristes cuidados!
aperfiam magoados
e já tomariam ver
só a sombra do prazer.

VILLANCETE

(DO MESMO)

Quem podesse ter seguro,
perdendo por vós a vida,
que foreis disso servida!

Por tão nova fermosura
perder vida e liberdade!
mas, se passar a vontade,
ha mister alta ventura:
só ver-vos tudo assegura;
que á vida por vós perdida
dá a fama eterna vida.

OUTRO SEU

Quem novas me quizer dar
d'uma esperança perdida,
dar lhe-ei por ella a vida.

Pouco offereço e muito quero,
aqui cabe a cortezia,
pois que d'antemão daria
a vida polo que espero,
de me só imaginar
que appareça á despedida,
e não quero mais da vida.

Será falsa esta esperança,
inda della ha saudade,
não trocaria a lembrança
por nenhuma outra verdade;
tanto a sei estimar,
que, sendo falsa e perdida,
a não darei pola vida.

Trovas

Segredos nunca cuidados,
e se cuidados não cridos,
me tem amor revelados,
pois são só delle entendidos
e da razão estranhados.

Os que cuidam taes segredos
saber, ficam mais incertos
depois dos olhos abertos,
como os que sonham ser ledos
e ficam tristes, despertos.

Quem foge esta confissão,
vae dar em mil compessões;
porque uma cega affeição
mostra-nos muitas rezões,
por nos tirar a rezão.

Alma de engano inquieta,
ao engano se soccorre,
e na morte se aquieta,
como a simples borboleta,
que busca a vida onde morre.

Assi que é tal meu cuidado
que, 'num damno, trás mil damnos;
mas, põe-me em tão triste estado,
que não sei fugir enganos
nem soffro estar enganado.

Move amor muitas questões
e em meu pensamento sprita,
revelando me as rezões,
como o sol exhalações,
que elle as gasta e as excita.

Perguntou-me uma questão
de experiencia conhecida:
se se consente, em rezão,
que se não mude a affeição
e se mude estado e vida?

Respondi: se amor tem presa
uma alma naturalmente,
por natural, tem firmesa,
e muda a pelle a serpente
mas não muda a natureza.

Depois que aqui não duvída,
por me fazer duvidar,
a fé, que está repartida,
é fé para segurar,
e não pera ser descrida. [1]

Respondi: não são fieis
os que servem dois senhores,
posto que bons servidores;
que nem 'num reino dois reis,
nem 'numa alma dois amores.

Perguntou mais: pois consente
a esperança mal fundada,
contentar-se um descontente
soffresse viver contente
uma alma desconfiada?

---

[1] Falta este verso, que compuz, não me desviando do estylo e nem, talvez, da verdade.

Eu disse: o gosto se enterra
quando a esperança se perde;
que arvore com vento em guerra,
mal pode, sem raiz na terra,
lançar ramos e estar verde.

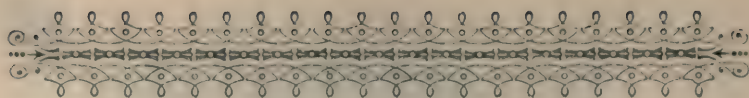
Sonhando elle enganar,
que este officio lhe contenta,
quiz, comtudo, perguntar:
se é bem desenganar
quem de enganos se sustenta?

Eu disse: engano é traidor,
e desengano leal;
porque cura com rigor:
o engano é mal sem dôr,
desengano dôr sem mal.

Amor, mestre destas artes,
que nos ensinam a amar,
começou de perguntar:
sendo conformes as partes
ha hi mais que desejar?

Respondi: o amor se apura
na concordia, onde se gera;
que a pedra o centro procura,
busca o fogo sua esphera,
amor na paz se assegura.

Depois disto descobrir,
avisou-me que o seguisse,
e que o soubesse seguir,
e dando-me que sentisse
ensinava-me a sentir.

Que elle deste modo paga
a quem com brandura trata;
dá mezinha, e faz a chaga:
amor é como triaga,
cura peçonha mas mata.

MOTE

Tudo o que vejo tem fim,
só eu no mal que padeço
não acho senão começo!

Tal é a vista que tenho,
que o que vejo desbarato,
e quando me não precato,
ordena então meu desenho
matar-me só porque mato.

Peor sou que basilisco,
fuja cada qual de mi,
se não quer matar-se a si;
porque no ver corre risco:
tudo que vejo tem fim.

Assim que o desventurado
que tem por remedio a morte,
fica mais avantajado
em mudar do mal a sorte,
pera o fim tão desejado.

Mas eu, com a pretender
a chamo, rogo e peço,
a qual diz não poder ser;
porque não na posso ter,
só eu no mal que padeço.

E pera mais magoar
a morte, minha inimiga,
finge que me quer matar,
e quando a morrer me obriga,
torna me a resuscitar.

Vede o bem de que me gabo,
quando outro bem não mereço,
no mal, que por vós padeço,
indo lhe buscar o cabo
não acho senão começo!

TROVAS

A' Esperança

Desesperada a esperança
já de ti mesmo cansada,
que de puro confiada
morres de desconfiança.

Pintam-te com olhos verdes:
és cego Lynce sendo Argos;
fiaste de prasos largos
e por fianças te perdes.

Pera mais cansar-te cansas,
a ti propria não soccorres;
trás ti voas, trás ti corres
e nunca jámais te alcanças.

Em toda cousa te mettes,
sempre vás e nunca vens,
promettes o que não tens,
e só por matar promettes.

Sempre ensinaste a fingir
com hypocrita apparencia;
porque pareças prudencia
pões os olhos no porvir.

Sempre vela, sempre sonha
quem de teus longes se paga;
todos te têm por triaga
e matas como peçonha.

Tomas varios nascimentos,
sabendo que pera ter
ser de esperança, has de ser
filha de merecimentos.

Com teu nome o mundo atroas,
só porque sejas ouvida,
e com ser tão bem nascida
não vales tudo o que soas.

Queres-te salvar na fé,
que é luz, tu vás ás escuras;
tudo o que queres figuras,
nada ao que queres é.

Quando mais desenganada,
em mudanças te confias,
passas enganando os dias,
vás em todos enganada.

A ti propria se parece
quanto buscas, como vã;
vás sempre trás ámanhã;
porém nunca te amanhece.

Passam frios, passam calmas,
sempre estás verde, florida;
chão ardente, alma da vida
é toda a vida das almas.

E's pobre por natureza,
vives de necessitada;
não tens nada, e não ter nada
mais é menos que pobreza.

Nem a ti mesma possues,
perpetuamente desejas,
e pera que nada sejas
com tudo que é teu destrues.

Como em dividas te crias,
como entre temores cresces,
de nada toda estremeces,
em cada passo tens frias.

Renovaste como a cobra,
fazes mil verões 'num dia;
és traça da fantasia,
que nunca se poz por obra.

Comtigo tudo se alcança,
tudo se perde comtigo,
tens o tempo per amigo,
que mais a perder te lança.

Todo o mal em ti se encerra;
quando maior guerra trazes,
te dás em refens de pazes;
por que dure mais a guerra.

Andas sonhando desperta,
és fraca quando mais forte,
tens calidade de morte,
em ser certa e ser incerta.

A teus olhos tudo desce;
és uma nevoa, por quem
a pequena luz de um bem
como o grande sol parece.

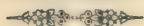
Vás tomando pola mira,
ponto incerto da vontade;
cuidas que dás, na verdade,
e acertas sempre em mentira.

E's um perpetuo accidente,
e estás donde os sentidos
andam de sorte impedidos,
que nenhum delles se sente.

Olhos que o desejo tem
pera ver o que não és;
porém, tu nunca te vês;
que os olhos não vêm quem.

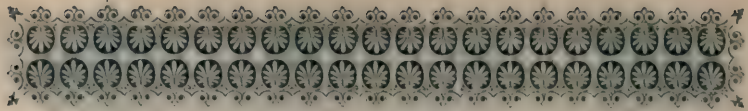
Por ti quiz, feliz, que visse
o premio de minha fé,
tu me dizes o que ella é,
ella quem tu és me disse.

De Martim de Castro do Rio

Ao Tempo

Pede-me de si mesmo o tempo conta,
e para a dar se pede á conta tempo,
mas quem viveu sem conta tanto tempo
como dará sem conta tanta conta?

Não quer levar o tempo tempo em conta;
porque conta não fez de dal-a em tempo,
posto que para a conta havia tempo,
se na conta do tempo houvesse tempo.

Mas que conta dará quem não tem tempo?
e em que tempo a dará quem não tem conta?
que a quem sem conta vive falta o tempo.

Vejo me sem ter tempo e sem ter conta,
sabendo que hei de dar conta do tempo,
e que se ha de chegar tempo de conta.

De Fernão Corrêa, a D. J.

Que devo ao monte, ou campo, que floresce,
se pera todos essas flôres cria?
que devo em me dar agua a fonte fria,
se pera os mesmos dessas fraldas desce?

O sol, que pera todos amanhece,
pouco lhe devo que me faça dia:
se pera todos sae cheia ou vasia
que devo á lua, quando mingua ou cresce?

Ingrata Lyses, campo em fermosura,
em graça, fonte, monte em grande altura,
sol em belleza, em mudanças lua,

não façās tão commum essa luz pura,
essa flôr, essa graça, essa belleza,
que fujo por commum, sigo por tua.

Horas breves do meu contentamento

GLOSA

Quem se fiar em vão prazer humano
e no tempo que voa em falsa gloria,
magoada terá sempre a memoria,
e os pezares que trás o desengano.
Eu vi de dia em dia, de anno em anno,
passar minha alegria transitoria;
vi que passadas fostes, 'num momento,
horas breves do meu contentamento.

Mas cegamente então 'nelle enlevado,
cuidei, falso prazer, que vos teria
sempre presente, sem vos ver passado,
sem me perder em vossa companhia:
e inda que estar o tempo em firme estado,
pois consiste em mudança, cada dia,
trocardes vós em tal tristezá minha,
nunca m'o pareceu quando vos tinha.

Agora em largo verso não sómente
me importuna, sem fim, e opprime e cansa

a tristeza, do grave mal presente;
mas do passado bem ainda a lembrança,
acabará com a vida o melhor della,
sem sentir tanto mal nunca esperado,
na fresca edade, e sem passar por ella
pera me 'nesta agora ser dobrado.
Se isto assi força foi de minha estrella,
forçado me é soffrer meu triste fado;
mas quem terá cumprido o soffrimento
em tão compridos dias de tormento?

Todas as forças, já d'alma e da vida
quebradas vejo em mim, já mal resiste
a parte racional, tão combatida
sempre das sem rezões da vida triste.
Já de minha fortuna má vencida
minha esperança 'num fio só consiste:
jazem no chão do descontentamento
aquellas torres que fundei no vento.

A' sombra assi da morte vou passando
de tão cansada vida esta jornada,
a um mal sempre outro mal accrescentando
sem de algum bem poder possuir nada
do que hei medo, de vir desconfiando
do passado e do presente a conta errada;
que as vãs contas que eu por certas tinha,
o vento as levou, que as sustinha.

Opprimido nos males que padeço,
tirar delles sequer um bem procuro,
que é conhecer-me nelles, e o conheço;
que o mundo bem nenhum não tem seguro:
não nego aqui, pagando o que mereço,
mettido como em carcere estreito, obscuro;
que pois me o bem passado não convinha,
do mal que me ficou a culpa é minha.

Mas conhecendo a culpa nunca abrando
a pena, que mais sempre se accrescenta,
e que em parte a mereço me lembrando,
uma das dores, a que me atormenta,
se a vida não acabo assi penando

é porque por mor mal se alimenta:
toda cousa faz justo meu tormento,
pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Fugindo o tempo vae, leva comsigo
os gostos, que amor diz que são de dura;
amor que nos põe vida e alma em perigo
de falso bem mostrando a vã figura:
inda que avisa o tempo como amigo,
elle e amor nunca dão cousa segura,
e se a que o tempo dá desapparece,
amor com falsas mostras apparece.

Mostra-se amor risonho e gracioso
e até suave, alegre e prasenteiro;
brando ao principio, amigo piedoso,
mas imigo cruel por derradeiro,
nada duvída, a tudo affirma e jura,
tudo possivel faz, nada assegura.

E depois que nos tem cegos e atados
em sua prisão doce e rigorosa,
nos mostra de seus bens, falsificados,
uma apparencia vã, falsa e enganosa,
e faz nos crer assi, 'nelle enlevados,
ser nossa cousa amada a mais fermosa,
e 'nella todo o bem nos offerece;
mas logo no melhor desapparece.

Deixa-nos em prisão com grave damno,
e com azas de seu engano voa;
vê-se então ser cruel e deshumano,
e per quam pouco quanto nos magoa,
o fim choroso, o fero desengano
do falso amor com que a ninguem perdoa.
O' gosto amargo, ó cara fermosura,
grande desengano, grande desventura!

Que nossa vida, honra, alma arrisquemos
'num mar tão perigoso navegando!
que de um cego o caminho confiemos,
e a um máo amigo assi nos entreguemos!

que tudo e o melhor de nós lhe demos,
a quem máo galardão sempre está dando!
que o percamos por um vão interesse,
por um breve prazer que desfallece!

Ditoso, pois, quem d'alma ao sol divino
os olhos alça, onde a vista esclarece,
onde é perfeito o bem, certo e contino,
onde não falta e sempre permanece
o triste que por baixo amor maligno
alto e divino amor trocar quizesse,
e de vão bem, por uma vã figura,
aventurar um bem que sempre dura. (1)

(1) Ha lapsos no apographo, ou caprichos de metrificação. A estrophe que começa: *Agora em largo*... tem doze versos, e a que principia: *Mostra-se amor*... tem dois de menos.

Perguntas que se fazem a animos apaixonados

Pode querer mal alguem
a quem vê que lhe quer bem?

E' concerto ou desconcerto
deixar polo incerto, o certo?

Quem cuida que desengana
desengana, ou engana?

Viverá desconfiado
quem vive de seu cuidado?

Se tem razão de queixar-se
quem não ousa declarar-se?

Chamar-se-ha atrevido
quem descobre o que ha sido?

Se se poderão fiar
de quem não sabe fallar?

Se anda em grande perigo
quem a outrem trás comsigo?

Quem por tenções se descobre
se está de favores pobre?

Quem a pagar se atreve
se paga tudo o que deve?

Se dá ou se tira a vida
o que não quer e é querido?

Se é especie de ingratidão
despresar o que lhe dão?

Se pode viver contente
quem foge de si, da gente?

Se de pintada esperança
pode alguem ter confiança?

Se se alegra quem a morte
vem ter por ditosa sorte?

A obra quando se emprega
se ao pensamento chega?

Se ha amor accrescentado
quando mais communicado?

Se se diminue o amor
quando dá o mor favor?

Se se paga de um possivel
quem deseja o impossivel?

A vida por outra dada
se é propria se emprestada?

Se poderá ver um cego,
que dos olhos fez emprego?

Que maneira pode haver
pera o mundo se entender?

Se falla um soffrimento
descobrindo seu intento?

Donde está, me diga em fim,
quem vive fóra de si?

Cantigas

Vão-se meus amores
d'aqueste logar,
tristes de meus olhos,
que tudo é chorar.

Eu vinha per ver-vos
ardendo em desejo;
mas agora vejo
o não merecer-vos,
pois his acolher-vos
a humido logar
e deixaes meus olhos
fontes de chorar.

Antes que meus olhos
vos vissem, senhora,
me davam cad'hora
de ver-vos antolhos;
vem-vos de giolhos
aqui a buscar,
e porque vos viram
os fazeis chorar!

Depois que vos vi
tão bella e fermosa,

deixei toda a cousa,
a vós me rendi;
por fugir de mi,
fugis do logar,
pagaes mal meus olhos
que vos vem buscar.

Não me hei de deter,
sem vós 'nesta terra,
pois com crua guerra
me fazeis morrer;
não se ha de soffrer,
ir-vos do logar,
sem que vão meus olhos
com vosco a chorar.

Leve-me alma e vida,
como o coração,
vossa condição
mal agradecida,
que, sendo querida,
fugis do logar:
sabei que lá longe
vos hei de ir amar.

His em povoar
onde se desterra;
por alheia terra,
deixaes natural;
degredo é logar,
é, sem vós, amores...
tristes de meus olhos
que o hão de pagar.

A vida foge sem parar uma hora,
a morte vem apressando as jornadas,
e as cousas presentes e passadas
e as que hão vir me enfadam já d'agora.

Se o lembrar e se o esperar não fôra,
foram minhas fortunas acabadas,
e não havendo esperanças enganadas
estivera eu já de pensamentos fora.

Torna-me a lembrar toda a alegria,
(se a teve o coração) e de outra parte
vejo, a meu navegar, ventos mudados:

O barco de meus annos vae sem guia [1]
o piloto cansado, cego e sem arte,
e aquelles bellos olhos apagados.

---

[1] Compuz este verso, que faltava.

De D. Manoel de Portugal

A perfeição, a graça, o suave geito,
a primavera cheia de frescura,
que floresce em vós, a que a ventura
e a razão entregaram este peito;

aquelle crystalino e puro aspeito,
que em si comprehende toda a fermosura,
o resplendor dos olhos e a brandura,
de que amor a ninguem quiz ter respeito;

se isto, que em vós se vê, ver desejaes,
como digno de por vós visto sómente,
por mais que de amor vos isentaes,

traduzido o vereis tão fielmente
no meio deste espirito onde estaes,
que, vendo-vos, sintaes o que elle sente.

De Jorge Dias Cardoso
ao conde Almirante quando foi por viso-rei da India

Guiado o Padre Santo do alto lume,
cada cem annos manda em nome seu,
a toda a christandade um jubileu,
sem consumir o tempo este costume.

Depois que o tempo os cem annos consume,
do jubileu que Deus ainda deu,
'nesse primeiro Gama que é avô teu,
outro jubileu grande hoje resume.

Com mais ligeiras azas hoje a fama,
voando ao oriente leve a nova
do jubileu, remedio de seus damnos.

Este sois vós, illustre conde Gama,
que o jubileu primeiro lhe renova,
hoje que faz a conta dos cem annos.

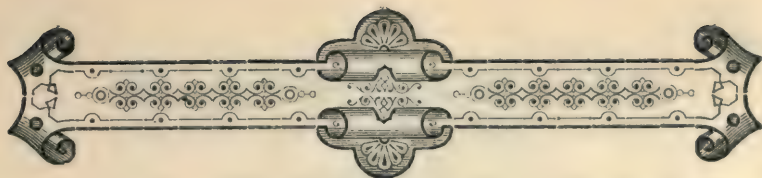
De D. Manoel de Portugal

A um Espelho

Ainda que o metal luzente e duro,
tocado do divino vosso objeito,
como raio vos torne o brando aspeito,
o amor vos não deu, de vós seguro;

e ainda que o pincel com claro escuro
tal semblante vos tenha contrafeito,
que fiqueis obrigada a haver perfeito,
tudo o que elle obrar 'num peito puro;

inda que inculto verso desordenado,
imitando em si vá a fermosura
de que nasce, e a que é sacrificado,

nem lustroso metal, verso ou pintura,
poderá alcançar ser cotejado
ao que n'alma imprimiu vossa figura.

ECLOGA

Minicio e Simabeu

D. S. A. G. D. ✠

M.—Soias de cantar onde pastavas:
pastar, onde teus versos escrevias,
escrever, onde mais plantas achavas;

da serra pera o campo, se descias,
se sobias, do campo pera a serra,
as saudades de ambos repetias.

Por mais que te fizesse cruel guerra,
não te pode tirar fortuna imiga
cantar, tanger, folgar em qualquer terra:

não sei que de ti cuide nem que diga,
que tu não folgas já, tanges nem cantas,
cousas com que qualquer a dor mitiga.

S.—Assás pouco sentes, pois te espantas
de não me ver folgar, cantar, tanger,
nem versos escrever nas verdes plantas.

Acabou de seccar, de emmudecer
agora a pena; já não determino
senão de suspirar e de gemer.

Se foi ou se não foi meu canto dino
dos ouvidos de quem melhor sentia,
não sei; mas o que sei, que foi mofino

saber quão pouco vale a poesia,
por falta de haver quem docemente
sinta sua suave melodia.

Entre muitos e muitas qual prudente,
qual avisado, brando e saudoso,
e qual julga melhor e melhor sente.

O campo, o que parece mais fermoso,
nos olhos de um pastor fica mais feio,
nos d'aquelle que foi mais cubiçoso:

uns, quando de boninas o vêm cheio
lhes parece melhor, e outros quando
de cevada, de milho, ou de centeio:

assi se vão desejos variando,
sem poder concordar a natureza
de qual duro nasceu, qual nasce brando.

Tempo foi que causava em mi tristeza
poder imaginar de um peito humano
que pagasse brandura com dureza:

agora (inda que seja com meu damno)
alegro me com ver que me aproveito
deste tão lastimoso desengano.

seja quão duro for um cruel peito,
ingrato, falso e fero, já não temo
que me faça mais mal do que tem feito;

porque, depois que dei 'num doce extremo,
se não vejo gemer o meu amigo
do meu proprio mal, do seu não gemo;

lograse do seu gosto só comsigo,
e quando lhe succede algum desgosto
então vem consolar-se só comigo:

se no seu mal me quer achar disposto
para me entristecer, porque rezão
não quer que no seu bem tenha algum gosto?

M.—Não vos ouçam tratar esta questão
baixa, entre pastores apostados
a buscar a divina perfeição;

que quando succeder ser affrontados
dos amigos que mais temos servido,
então devemos ser mais consolados.

Foi nosso Deos por nós offerecido
á cruz, e por seus mesmos matadores,
os principaes, de seu povo escolhido:

a nós, que da cruz sua professores
somos, não nos convem queixar de nada;
mas soffrer como seus imitadores.

Pouco pode durar esta jornada:
amar nossos imigos, nos ensina
a correr pera o céo por limpa estrada;

que nunca nos mandára a lei divina!
cousa tão trabalhosa, senão fora
quanto no seu amor mais se refina.

Dar-te-ei outra rezão ainda afora
esta, com que confesso ser verdade
de quem na sorte sua se melhora;

pois quem guardou pureza na amisade,
não pode padecer remordimento,
como qualquer que trata falsidade.

S.—Não quero tratar mais desse argumento;
que, porfiar, bem sei que desconcerta,
quem concertado trás seu pensamento.

M.—Podeste nunca achar cousa mais certa
pera se concertar, que penna e lyra,
na terra povoada, ou na deserta?

S.—Digo que já comtigo consentira
em cantar e tanger cá desta banda,
se Laura ou se Diana o permittira:

que nunca penna ou lyra senti branda,
que dirigir deixasse a seus ouvidos,
como seu puro amor me obriga e manda;

que versos bem cantados, bem tangidos,
brandos, de grave estylo, altos conceitos,
estimados não são, se não sentidos:

pois não penetram versos outros peitos,
cantemos destes dois, cuja ventura
'num só quiz converter taes dois sogeitos.

Convida-nos a fonte, que murmura,
o sol, que já no mar se vae mettendo,
variando no céo nova pintura;

o gado que no campo anda pascendo
tambem se alegra com o nosso canto,
se não se for comigo entristecendo,
que, emfim, ou cantarás ou farei pranto.

M.—O bosque que se veste de verdura,
o campo que se cobre de mil cores,
de boninas, de rosas, de outras flores,
variando na côr a fermosura;
a musica de dois competidores,
suaves rouxinoes entre a espessura,
nunca nos olhos meus, nos meus ouvidos,
serão dois corações 'num convertidos.

S.—O bosque acompanhado de verdura,
o campo variado de mil côres,
coberto de mil rosas, de mil flores
accrescentando graça á fermosura;

suaves rouxinoes competidores,
tardes, noites, manhãs entre a espessura.
nunca a meus olhos, nunca a meus ouvidos,
poderão alegrar entristecidos.

M.—Do nosso claro Lima, saudoso,
o curso quando vi mais encontrado,
por cima de penedos apressado,
por baixo de arvoredos vagaroso,
donde vinha a beber o manso gado,
nos olhos do pastor mais gracioso,
nunca me pareceu como parece
amor que de dois peitos 'num floresce.

S. —Do nosso Lima claro e saudoso
quando seu curso vi mais encontrado,
por cima de alvos seixos apressado,
por baixo dos carvalhos vagaroso,
donde saltando vinha o manso gado
á vista do pastor mais gracioso,
não me pareceu nunca o que parece
quando meu coração mais se entristece.

M.—Aquelles corações que desejava
de ver em puro amor mais conformados,
vi com taes excessos confirmados,
quaes nunca poder ver imaginava;
seus justos pensamentos, seus cuidados,
seus desejos, que o céo encaminhava,
vejo gosar a mor conformidade
que amor 'nesta creou ou noutra edade.

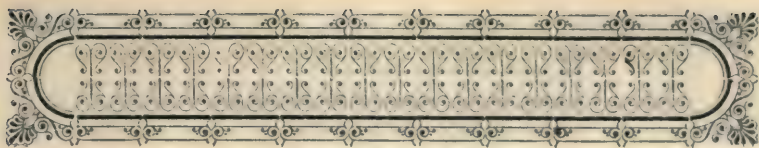
S.—Os tristes corações, que desejava
de ver na mor tristeza conformados,
nunca cuidei de ver tão confirmados,
quanto deste meu triste imaginava;
meus tristes pensamentos mal cuidados
que pera maior mal encaminhava
na tristeza, sem tal conformidade,
qual 'nesta se não vio nem noutra edade.

M.—Tudo quanto na serra ver podia,
de quanto crear pode a natureza,
ou no duro rochedo de firmeza,

ou nas aguas da fonte que corria,
em tudo imaginei sempre certeza
de nunca se mudar tanta alegria,
suave, doce, branda, clara e pura
pera da terra ao céo voar segura.

S.--Quanto no monte ou serra ver podia,
tudo quanto ali creou a natureza,
ora fosse rochedo com firmeza,
tudo me confirmou na mor certeza
de nunca já poder ter alegria,
tão captivo me tem tristeza pura
que de me libertar está segura.

M.—Deixemos de cantar, pois, que não deixas
de te queixar de Lauro e de Liana:
um só te desterrou, d'ambos te queixas;
faltará 'noutra serra outra choupana
donde possas cantar como 'naquella
falta donde pescar peixes á cana?

S.—Falta, pois falta foi de minha estrella,
não me poder queixar sem ella delle,
e pois não pode ser delle sem ella,
muitos annos viva ella e viva elle.

Trovas

O' mundo caduco e vão
todo cheio de maldade,
eu não sei porque rezão,
pois em ti não ha verdade,
em ti hemos confiar
pois tão pouco has de durar.

E muito, portanto, erram
os que em ti põe esperança,
mundo mal aventurado;
pois são certos que navegam
em mar de tanto cuidado,
tão alheio de bonança.

E pois isto assim é,
como bons, fieis christãos,
todos juntos como irmãos
digamos: Jesu Nazareth
salva-nos em tua fé,
não nos julgando pagãos.

Trova ao amor

Amor verdadeiro e puro
é um licor tão subtil,
que não pode estar seguro
em sujeito feminil.

SENTENÇAS

de Diogo de Tovar

Nunca faz erros de todo
aquelle que se arrepende;

E' certo temer a pena
quem tem nos olhos a culpa;

Muito deve á sua sorte
quem só estima o que tem;

Mais pode um só para mal
do que muitos pera bem;

Serviços de muitos annos
um só aggravo os esquece;

Quem favorece a fortuna
sente mais suas mudanças;

Sempre a necessidade
Accita qualquer partido;

Tanto é de mais gosto o bem
quanto a inveja o publica;

Quem passou muitos trabalhos
sente egualmente os alheios;

O que dá, sempre mercou;
quem recebe se captiva;

O' que bem se passa e sente
sentir invejas alheias!

Adonde está fermosura
nunca falta confiança;

Da pena esperar um bem,
o conserval-a é perdel-o;

Nunca o bem se desvaneça
nem o mal se desanime;

O bem quando não se espera
então se sente e conhece;

E' o mor entendimento
o mor perigo que todos;

O que no mal falla bem
nunca sentiu bem o mal;

uns tem males per rezão.
outros os tem por mofina;

O que procura acertar
nunca se pode perder;

Diz mal quem 'spera da sorte,
por não dizer que foi nescio;

Nunca amor é mais perfeito
que quando é perseguido;

Emmudecer nos pezares
é dobrar o sentimento;

O que mais pouco murmura,
esse é o mais perigoso;

Não tivera mal amor
se lhe faltaram ciumes;

Não convertas em respeitos
a justiça e a razão;

A mulher que a dois pretende
a tres deseja enganar;

Ninguem sabe bem do mal
se não quem vae trás o bem;

Aquelle só tem descanço
que vive co'o seu contente;

E' prova de santidade
no mal ser agradecido;

Nunca pode a natureza
dar a ninguem bens perfeitos;

Tudo pode um firme intento,
a porfia tudo acaba;

Não pode haver peito duro
que amor firme não quebrante;

'Neste tempo ser honrado
é a mor culpa de todas;

O que é verdadeiro amante
logo conhece o fingido;

E' certo de animos nobres
favorecer perseguidos;

Ainda que mereças males
é algoz quem te castiga;

Quem perigou na tormenta
não se fia da bonança;

Quem o seu mal adivinha
duas vezes o padece;

Quem vive de semrazões
nunca trata de desculpa;

Traz amor bem por rodeios
o mal sempre em sobresaltos;

E' o tempo da bonança
aquelle que menos dura;

No mundo tudo é mudavel,
nada está firme e seguro;

A fortuna e a mulher
não podem ter segurança;

Muito podem contra os males
os bens que dá natureza;

Lembrança de bens passados
recordam males presentes;

Emprega sempre a fortuna
nos mais indinos, seus bens;

Adivinha o coração
os males muito mais certo;

Nunca os bens da natureza
se acharam com os da sorte;

Mais tarde torna ao perigo
quem se viu 'nelle arriscado;

São testemunhas os olhos
do que sente o coração;

Na vida se accende amor,
e 'nella sustenta a vida;

Muito mais pode um desejo
do que pode uma affeição;

E' grande consolação
para um triste, outro queixar-se;

O bem que te tem custado
é força estimal o muito;

Não é de animos famosos
dilatar males alheios;

Quanto um gosto vae chegando
tanto as horas se detem;

Nada co'o tempo é seguro,
tudo pode, e tudo alcança;

Mais segura resistencia
no perigo, é fugir delle;

Nunca jamais pode amor
guardar a ninguem segredo;

Anda a fortuna no ar
cortando as cousas mais altas;

E' proprio da natureza
não fazer cousa perfeita;

E' ordinario nos males
sempre ser mais nos menores;

O mal entra mui depressa;
mas sae muito devagar;

Sempre a necessidade
foi remora da soberba;

Sempre a vista se accommoda
com o que é o desejo;

Mal pode aquelle que é livre
sentir cuidados alheios;

Mal se contenta a vontade
com obras do entendimento;

Oh! que bem se passa e sente
o trabalho, por querer bem!

As boas horas de um triste
são nas que conta seus males;

Nunca jamais o desejo
foi amigo da tardança;

Aquelle que em males vive
só tem na morte o descanço;

E' o mais que amor obriga
dar tudo e não pedir nada;

Podem mais necessidades
do que a força da razão;

Não se obrigam as vontades
com erros de entendimento;

Lembranças de um bem perdido
matam como desenganos;

O que padece tormento
só em dizel-o tem vida;

São as horas do pezar
as vesporas do prazer;

Nunca o descanço perturba
quem co'o seu vive contente;

E' peior que ser cruel
o saber ser lisongeiro;

E' o mor mal da tristeza
não consentir companhia;

Nunca mais se arrisca a vida
que quando a rege o desejo;

E' muito certo, em quem ama,
esquecer aggravos sempre;

Se de longe se quer bem,
é com menos sentimento;

E' sempre o amor forçado
mal, de quem o procurou;

No bem, é certa a mudança,
e na rezão, soffrimento;

O que sabe amar melhor
menos sisudo parece;

E' muito pera sentir
mal em quem o não merece;

E' gloria cuidar no mal
quando nos bens tens socego;

E' grande consolação
ter nos trabalhos amigos;

Nunca pode contra amor
razão, ajuda, nem arte;

No maior contentamento
está mais certa a mudança;

No desejo, na razão
toda a pressa é vagarosa;

Não se pode chamar mal,
mal que vive merecendo;

Nunca amor é mais perfeito
que quando mais perseguido;

A maior pensão de amor
é o guardar um segredo;

Todos vivem da vontade,
ninguem seguro de amor;

Basta para endoudecer
um mui leve desengano;

Do bem que está já perdido
é maior mal a memoria;

Ninguem quer bem sem receios,
nem favor sem esperança;

Pedir descanços a amor,
é pedir firmeza á sorte;

O que aborrece a vida
não teme em nada perdel-a;

Desacredita o valor
do vencedor a vingança;

Quem no mundo está contente
é porque vive enganado;

Apercebe-se melhor
quem vê d'antemão seu damno;

Nunca dura mais o mal o mal
que emquanto vive encoberto;

Tudo em amor são enganos,
o seu bem é fingimento;

Aquelle que em si se fia
as mais das vezes se engana;

A'quelle que espera bem
qualquer mal lhe faz espanto;

Aos males pedir razão,
é pedir firmeza á sorte;

Nada 'nesta vida tem
menos descanço, que o bem;

Muito descançam pezares
ouvindo males alheios;

E' mui certo na mulher
desejar o que lhe negam;

Não pode haver bem perfeito
se não for communicado;

O que não vive seguro
certo é que está culpado;

O que nos males descança
a ninguem diga que os sente;

A brandura é tyrannia
que se usa co'o traidor;

Por todo qualquer caminho
busca o mal a um perseguido;

O que soube bem querer
jamais se soube apartar;

A cousa que mais obriga
é um firme amor bem pagado;

Com outro, um mal remedía
quem não tem entendimento;

As estrellas nunca forçam
se não quem as não resiste;

Nunca mais custam lembranças
que á vista do praso dellas;

Entre as maiores cautelas
é muito certo um perigo;

Começa o bem pelo mal,
quando quer acabar bem;

O desejo com razão
nunca olhou difficuldades;

A ventura e diligencia
tudo pode e tudo alcança;

Não afrontam quem não finda
cousas, que não tem na mão;

Esperanças de mais perto
dobram a pena e cuidado;

A'quelle que se arreceia,
tudo lhe parecem damnos;

Aquelle que muite entende
só falla o que lhe convem;

Interesse onde ha amor
nunca guarda obrigação;

E' tanto mais desvalida
a honra, quanto mais pobre;

E mor é uma batalha
quando espera de receios.

Nem o pezar nem o gosto
nunca se pode encobrir;

A cousa mais encoberta
não é segura co'o tempo;

A fortuna nunca vence
partes e bens naturaes;

Males nascidos de amor
acham sempre compassivos;

Bem alheio, e sem inveja,
é pequeno, ou não se sabe;

Sempre a cousa que é alheia
nos parece mais fermosa;

Cresce da tristeza o mal
á vista das alegrias;

Não pode haver nenhum bem
que não tenha seu desconto;

Nunca tira o invejoso
fructo da inveja que tem;

Só se pode chamar bem
áquelle que se pretende;

O bem que está possuido
não pode ser desejado;

E' natureza d'um triste
fugir das cousas alegres;

E' sempre alivios de males
o ter 'nelles companhia;

A natureza e a sorte
nunca jamais se encontraram;

onde amor se não conhece
não se preza nem se estima;

sempre são as cousas grandes
pelo effeito conhecidas;

Mais a fortuna derriba
do que levanta abatidos;

O segredo e diligencia
são paes da boa fortuna;

Onde tem menos poder
a fortuna é conhecia;

Sempre busca damno á culpa
o que se quer livrar della;

Ninguem sabe estimar bens
se não depois de ter males;

O emmudecer no mal
é prova de sentimento;

Acertar nas eleições
é fundamento de tudo;

E' união de vontades
larga communicação;

Não ha maior inimigo
que em ocio passar o tempo;

O mal que por si é grande
faz esquecer os menores;

Esperança nos trabalhos
faz mais leve o sentimento;

A gloria que amor offerece,
antes de sel-o, é perdida;

Males que vem por castigo
são males que vem por bens;

Acrescenta os bens presentes
cuidar em males passados;

O bem, quando bem se entende,
é quando está mais perdido;

São os bens damnosa vida,
uns longes que nunca chegam;

Não ha bens sem companhia,
nem mal com ella custosos;

E' um sagrado de males
o que é verdadeiro amigo;

Que passos tão vagarosos
traz o bem de um perseguido!

Olha só para a vontade,
não já para o que te dão;

Aquillo que se defende
faz ser maior o obsequio;

Os máos nos bons se conhecem,
os bons nos males se apuram;

A fonte que se represa
corre depois mais ligeira ;

Quão caro, e com quanto damno
custa ás vezes um desejo !

Já agora, na nossa edade,
só tem valor bens da sorte ;

Cresce o preço co'o desejo
e a justiça co'a valia ;

Nada estima, tudo engeita,
quem só co'o seu se contenta ;

Tempo, desejo e cuidado
se quer para alcançar tudo ;

Não se estima, não se attenta
pelos bens da natureza ;

Quem vende bens naturaes
não devem de serem seus ;

Em só uma hora se perdem
os bens, que em muitos ganhastes ;

Não sente da sorte o mal
quem por seu gosto padece ;

E' o mal em nós natural
e os bens por accidente ;

E' divida o sentimento
no mal, que não tem remedio ;

Contra os males da ventura
é remedio o soffrimento ;

Sempre as horas do bem
tiveram mal de cobardes ;

Amor a ninguem perdoa,
a baixo nem alto estado ;

Jamais em o mal que fez
faltou a ninguem desculpa;

Bem de amor e da fortuna
é comprado a mor valia;

O que no bem vio o mal
vive seguro somente;

Ninguem em o seu estado
vive com seu bem contente;

Se o mal fôra por escolha
sempre escolhera o teu;

Ninguem vive sem trabalhos
por mais que viva contente;

Sempre parece melhor
o passado que o presente;

Padecer pola verdade
que maior contentamento!

Por mais que seja o pezar
alegre vista o diverte;

Sempre cuida o desvalido
que é sonho o bem que lhe vem;

'Num coração feito a males
mal pode caber um bem;

Bem, custoso e arriscado,
faz mais preço no desejo;

Depois que o mal trouxe o bem,
torna a gloria o mal em bem;

Sempre leva a novidade
polo desejo atrás si;

O que tem por si razão
é certo ser vencedor;

Nunca jamais a fortuna
guardou a ninguem respeito;

Sempre abateu a fortuna
aquelles que viu humildes;

E' fonte qualquer peccado
donde manam infinitos;

Como passa o bem ligeiro,
quando se sente perdido!

O mal que é dessimulado
custa mais caro que todos;

E' a fé de um peito ausente
de amor alta perfeição;

Não pode haver mor trabalho
que soffrer um descontente;

No que ha de ser feito á pressa
é bem cabido o conselho;

O estado mais humilde
é o mais seguro de todos;

O que de enganos vivia
ha de morrer de verdades;

O que quer saber segredos
jamais os teve a ninguem;

Quem attenta no que falla
é só capaz de conselho;

A virtude perseguida,
a verdade a favorece;

Desegual, eguala amor
em duas almas o trato;

O bem não soffre firmeza
que é violento, nunca dura;

E' o mor gosto alcançar
uma impossivel mulher;

Estimam gostos de amor
porque sempre custam caros;

Aquelle que falla muito
não o tenhas por valente;

A quem a consciencia accusa
de qualquer cousa se teme;

Muito pode, muito obriga
amor e agradecimento;

Não ha cousa que mais mate
que duvidar quem quer bem;

Amor, de qualquer successo,
põe sempre a culpa a quem ama;

Jamais soube descançar
o que sabe bem querer;

Sem grande pensão de males
não dá a sorte algum bem;

Em a prisão, entre os males,
se conhecem os amigos;

O castigo ensina os máos,
mas dá mais contento aos bons;

Em o fim se canta a gloria
e no porto da tormenta;

Não pode haver nenhum bem
que trás si não traga mal;

A vergonha na mulher
é a guarda mais honrada;

Promette amor bens gigantes;
mas são gosados meninos;

E' moço, quem não tem mal,
rico, quem não deve nada;

O máo vem a repender-se
quando já não tem remedio;

Não é de amantes temer,
se não prevenir o damno;

O fazer versos, e amar,
naturalmente ha-de ser;

Não tem amor o que infama
a mulher, a quem pretende;

Não se rende o que é honrado
a successos da fortuna;

Não se pode, no que é força,
guardar a ninguem decoro;

Tempestade é de verão
o vulgo, quando alterado;

O que erra, e persevera,
animal é sem sentido;

Muitas vezes paciencia
se satura co'a razão;

Sem primeiro ser ouvido,
não pode haver condemnado;

Mais firme o amor da mulher
é o que cresce co'o trato;

São tempo, vento, e ventura
as palavras de mulher;

Não matou tantos o damno,
como o proveito matou;

Quem as desculpas escuta
já se obriga a perdoar;

Sempre foi a piedade
attributo da nobreza;

São os cantos solitarios
propria moeda dos tristes;

Nada ha mais sem remedio
do que a nossa desventura;

Quem nunca teve ventura
tem mais bem que quem a teve;

Sempre são difficultosos
principios de qualquer cousa;

Dobra a dor e o sentimento
cuidar em glorias passadas;

Só nos montes solitarios
se pode guardar segredo;

O que o seu mal dissimula
só sabe tomar vingança;

Do respeito nasce o medo,
e do trato o menospreso;

O não ser mudo uma hora,
dá mil annos de tormento;

Nunca mudes a vontade
por não infamar teu gosto;

Nunca se farta a fortuna
nem de queixas, nem mudanças;

Sempre uma fé verdadeira
teve contraria a fortuna;

O que trabalhos padece
só em dizel-os descança;

Primor, é certo em queixosos,
soberba, nos venturosos;

Quem do mal duvida o bem
do bem nunca lhe vem mal;

A' vista de bens perdidos
é devido o sentimento;

Para feitos valorosos
se fizeram cousas grandes;

O que falla se arrepende,
quem não tropeça, não cae;

Tudo aquillo que é forçado,
por mais que custe é barato;

Mais partes dão o não ter
do que dão muitas riquezas;

E' muito pera sentir
servir quem te não agradece;

Nunca tem gosto e descanço
o pobremente casado;

Mais triste estado que todos
tem o que inveja padece;

A quem não tem coração,
qualquer cousa causa espanto;

Aquelle que não se sente
de aggravos, não é honrado;

E' cruel cousa perder
o premio quem o merece;

E' mui vil cousa pedir
inda que de qualquer modo;

Amor que ha de ser forçado,
é mor trabalho que todos.

O não pagar firme amor
é a maior tyrania;

Releva ao mentiroso
ter lembrança no que diz;

Sem padecer, sem trabalho,
nenhuma cousa se alcança.

Nunca tem boa demanda
quem pede misericordia;

O que é mais rico que todos
é só quem vive contente;

Nunca pode ter descanço
o que dos homens se fia;

E' muito para estimar
honra que ganham trabalhos;

Quanto menos se merece,
é mercê mais estimada;

Ganham-se os bens por ventura,
e por valor a grandeza;

E' credito do que briga
auctorisar o seu credito;

Todos morremos de um mal
por mais que tenhamos bens;

O nascer, como o morrer,
é em todos egualmente;

O nescio jamais procura
saber o que lhe convem;

Não tem as partes ventura,
nem descanço o cubiçoso;

De quem todos dizem bem
nunca foi bom julgador;

E' pensão do que é privado
viver sempre com receio;

Nunca acerta a desculpar-se
o que fez cousa mal feita;

Não ha mor gloria, em amor,
do que amar e ser amado;

Jamais se pode perder
o que procura bom fim;

E' muito grande inimigo
o ter honra com pobreza;

Por bem fazer mal haver,
é mor trabalho que todos;

Não pode haver mal penoso,
entre boa companhia;

Uma supita alegria
muitas vezes tira a vida;

Ninguem fortuna levanta
que viva no mal seguro;

O despreso na mulher
nasce com a fermosura;

Não são sempre venturosos
Os que levanta a fortuna;

Não é seguro do tempo
o mais soberbo edificio;

E' o mais seguro estado
aquelle que não se inveja;

O que o estado levanta
logo é 'nelle conhecido;

Aquillo que não se espera
causa o mais valente espanto;

Não satisfaz ao desejo
o que nos pode faltar;

Jamais falta que fazer
ao que quer bem occupar-se;

A's vezes o saber muito
bota muitos a perder;

O que é forte e generoso
não teme fortuna e fado;

Quem com colera faz mal
nunca teme que lhe venha;

Nunca pode acabar bem
o homem que vive mal;

Nunca se pode acertar
adonde falta o conselho;

O que innocente padece
só com o ser se consola;

O que serve sem vontade
não procura grangear;

Jamais pode com temor
ninguem fazer cousa boa;

Se quem sabe quer ir bem
não sabe dissimular;

O que na honra desfaz
é por faltar-lhe na sua;

Aquelle que soube dar
jamais pode empobrecer;

Só a virtude no mal
é a que cresce e se apura;

Aquelle tem mais valor
que a si se sabe vencer;

Uma mulher que é honrada
é o melhor que ha na terra;

Nem sempre é bom o levar
a cabo todo o rigor;

Não pode haver cousa grande
que um homem não mereça;

Mais vale o que se merece
que o que cresce co'o o sangue;

Emquanto nos dura a vida
passamos sempre miserias;

Nunca duram muito tempo
enganos, sem descobrir-se;

Jamais o homem descuidado
acabou cousa bem feita;

O verdadeiro saber
é saber bem acabar;

Dá grande contentamento
alcançar bens desejados;

Inda que tenha riquezas,
o avaro não descança;

Até justiça e razão
vence a força do interesse;

Nunca a honra está segura
na bocca de maldizentes;

Não pode haver mor cruel
do que na honra castiga;

O que sobe pouco a pouco
nunca de todo descae;

Nada dá contentamento
ao que lhe falta saude;

Não se querem as verdades
porque sempre são custosas;

Jamais andou com valor
o engano e agudeza;

Quem a vida tem em pouco
não tem nada que perder;

E' má de curar a fama;
mas facil de conservar-se;

Não se ganha sem trabalho,
nem se estima bem, sem elle;

Tudo o que é continuado
perde o preço no desejo;

Aquelle só tem valor
que sabe vencer o medo;

Quem mal cuida, mal entende,
e quem falla se arrepende;

E' lei de cavallaria
não desfazer no contrario;

Quem acaba cousas grandes
lhe fica a fama por paga;

Só se podem chamar grandes
quem cousas grandes despresa;

A falta faz appetite,
o sobejo tira o gosto;

Quem aggravos dissimulla
é porque espreita vingança;

São contrarios da pobreza
adulação e valia;

E' muito certo enganar-se
quem da fortuna confia;

Ao que tem valor e partes
sempre lhe falta ventura;

Aquelle que menos sabe
mais de si cuida e presume;

Aquelle que vive em males
em morrer começa a vida;

Quem nunca teve trabalhos
sente os mais que quem os teve;

Um coração magoado
tudo o persegue e magoa;

Tem grande accrescentamento
aquillo que contam muitos;

Nunca pode ser bem feito
o serviço sem amor;

Sempre o tyranno medío
a justiça co'o poder;

Só a virtude encoberta
não pode ser perseguida;

Aquelle que males tem,
não pode viver contente;

O mais honrado epitaphio
é o que vive na fama;

Tem, o que é máo, com trabalhos
o que ha de pagar depois;

Quem passa o tempo de balde
depois chora arrependido;

Absolve de qualquer culpa
aspirar a causas grandes;

E' peste ouvir desbocados
que se pega facilmente;

Não ha de ignorar o grande
as cousas que lhe convem;

Em amor é doce engano
aquillo que é mor perigo;

Aquelle que a Deos não teme
não olha a nenhuma cousa;

Nem o tempo sem fortuna
faz mais mudanças que a morte;

Dá credito facilmente
aquelle que tem desejo;

E' Deos só porto seguro
de verdadeira esperança;

Tarde chegam as verdades
á magestade de um rei;

De pressa accudir ao mal
é dar remedio discreto;

Jamais em nenhum estado
foi discreta a confiança;

E' a mor gloria que todas
saber perdoar injurias;

Aquelle que é rei prudente
dá premio quando castiga;

Jamais teve a piedade
a condição de avarento;

Não tem dita a fermosura
porque não vive com partes;

Jamais pode ser perfeito
o segredo descoberto;

Não pode haver mor contrario
do que é um falso amigo;

Vela o traidor quando sente
o descuido no innocente;

No que ha de succeder mal
tudo falta para bem;

Jamais soube descançar
o que soube bem querer;

E' justo que os reis ensinem
a ser as leis respeitadas;

Adonde falta o poder
ninguem sabe responder;

Quando o poder for justiça
não pode haver bom governo;

Adonde Deos não assiste
é donde não ha justiça;

Erros nascidos de amor
assim têm certa desculpa;

Merece todo o castigo
quem tem nome de invejoso;

Jamais deu gostos o bem
que por mal se alcançou;

Jamais tem parte segura
o descanço da ventura;

Aquelles que leis inventam
é por viverem sem ellas;

Ao que se compra com sangue
nunca lhe chames victoria;

Quando vem a desventura
são os remedios em vão;

Contradizer a verdade
é fazel-a mais fermosa;

Em ter paciencia em males
consiste o saber vencel-os;

Não causam males espanto
ao que padece innocente;

Cumpre o dizer, o fazer,
quando ha razão, com valor;

Faz os trabalhos suaves
faltar a culpa nos males;

Jamais se verão virtudes
que não fossem perseguidas;

Jamais falta em querer bem
ter solicitos cuidados;

Não ha sem riqueza amigos,
nem herege sem ter erros;

Jamais o que foi traidor
deixou de ter arreceios;

Adonde falta a razão
jamais poderão razões;

Dá a conhecer o fructo
a arvore pela rama;

Não ha guerra sem enganos,
nem victoria sem razão;

Morte que a vida assegura
tem em si consolação;

Aquelle que teme a morte
muitas vezes a padece;

A morte, emquanto esperada,
dá mais pena que em passar-se;

Morrer é mui triste cousa
mas ser morto é grande bem;

Quando hão de vir os trabalhos
hade-se errar no que importa;

Aquelle que de erros vive
sempre se arrepende tarde;

O valor que está no peito
nunca se rende á fortuna;

Nem sempre o mal se castiga,
nem são justiças justiça;

De qualquer modo que seja,
mais pode amor do que a morte;

E' muito pera sentir
o mal que vem trás o bem;

Em os males se conhece
o que nas obras é justo;

Não tenho por affeição
a que com outra se tira;

Aquelle que se arreceia
sempre vive precatado;

Nunca se estima a saude
senão depois de perder-se;

Quem passa a vida em deleites
nem tem valor nem prudencia;

Mais pode um exemplo só
do que muitas prégações;

A lei, que é justa, jamais
agradou a bons e a máos;

Não tem nome de mercê
o que é premio de serviços;

A'quelle que é traidor
a traição guarda-lhe fé;

O que fez sempre erros graves
deixou de ter gran castigo;

O que seus erros esconde
perto está de arrepender se;

Por mais que encubra, o traidor
em o fallar se conhece;

O que cuida que merece
menos merece que todos;

O bem quando perseguido
então vive consolado;

O que vive de interesses
jamais fez cousa bem feita;

Quem não sabe pera si
mal pode saber para outrem;

Muito menos custa o céo
do que custa ter inferno;

Não pode dizer que sabe
o que não tem experiencia;

E' muito pera sentir
querer, e não ser querido;

Nunca ter contraria a sorte
faz mudança em firme amor;

E' muito pera invejar
o que sabe bem morrer;

Republica, sem justiça,
nunca pode durar muito;

Aquelle que em vicios vive
é mais captivo que todos;

Mais vale o bem conservar
do que vale mal adquirir;

A fazenda trata bem
aquelle que é seu senhor;

Quem seu contrario despresa
ás suas mãos vem morrer;

Mais vale o que é bom amigo
do que honrados parentes;

Não merece ser juiz
quem se vence de paixão;

O que sabe bem querer
só sabe males vencer;

Aquelle, que pouco sabe,
nunca fez cousa bem feita;

Nem sempre o que é bom soldado
pode ser bom capitão;

Não se pode aproveitar
o que tem mudavel ser;

Honra e temor do castigo
faz a muitos não errar;

Sempre lhe falta ter dor,
a quem tem máo coração;

Melhor é qualquer concerto
que favoravel sentença;

Não ha seguro logar
no mundo, para trabalhos;

Quem bem conhecesse a morte
nada do mundo quizera;

E' mal que não tem remedio,
mal que captiva a vontade;

E' fundamento de imperios
dar o premio e o castigo;

Não tem a morte respeito
nem ás riquezas, nem sangue;

A quem não mudaram gostos
mal podem mudar trabalhos;

Aquelle que muitos temem,
por força ha de temer muitos;

A quem venceram trabalhos
nunca teve soffrimento;

A virtude perseguida
tem mui grande crescimento;

O que mais tem mais deseja,
mal com que todos morremos;

O mal que não tem remedio
nunca tem consolação;

Viver quer dizer trabalhos,
quem os preza não os sente;

As cousas que muitos veem
cada um julga a seu modo;

Não ha governo de muitos
que possa muito durar;

E' união de vontades
a amisade verdadeira;

Aos deseguaes, em riquezas,
faz eguaes a sepultura;

E' a linhagem peior,
a do que tem mais pobreza;

Quem soube sentir aggravos
jamais os soube esquecer;

Jamais quem não tem ventura
em cousa alguma acertou;

Jamais faltarão pezares
a quem de dal-os folgou;

E' natural nas mulheres
folgarem de ser queridas;

A companhia, no mal,
muitas vezes é remedio;

Pouco val fé verdadeira
quando é mal agradecida;

Jamais choremos a culpa
se não a dor que passamos;

De inclinações semelhantes
se faz a boa amizade.

MOTE

La vida del amor es trabajosa

De imposibles tán varios su cadena
amor, a quien le sigue, ha fabricado,
que es muy custosa su amorosa pena,
y su gusto amoroso muy penado:
es desdichoso el mal que amor ordena,
siendo su bien en todo desdichado;
y si es la muerte del amor gostosa,
la vida del amor es trabajosa.

De Luiz Mendes de Vasconcellos

MOTE

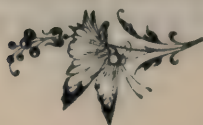
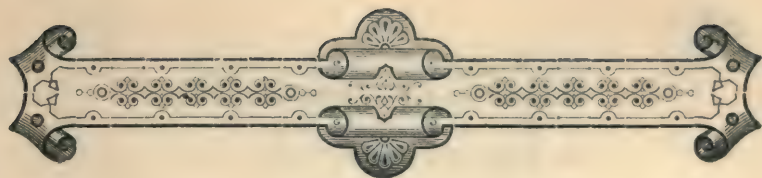
Los ojos que una vez pudieron veros
dulce señora mia, que otra cosa
tienen que desear si no quereros?
y alegrarse de veros tan hermosa?

GLOSA

Habiendo por los ojos recibido
aquesta alma la gloria de gozaros,
teniendo en sí vuestra beldad unido,
por mejor desta suerte contemplaros,
queriéndoles pagar lo merecido,
en la memoria vuelve a figuraros;
porque siempre ante sí puedan teneros
los ojos que una vez pudieron veros.

Y como el alma y ojos de contino
en vuestra hermosura están gozando,
gozan un bien tan alto y peregrino,
que nel cielo se van imaginando,
que tal belleza y gesto tan divino
que no sois de la tierra están mostrando,
y si no sois del cielo alguna Deosa,
dulce señora mia, que otra cosa?

Si en solo contemplar vuestra figura,
despues de veros los felices ojos,
goza de tanto bien la parte pura,
que lo mortal no siente sus enojos;
y si en solo ver vuestra hermosura
se cogen tantas flores sin abrojos,
que nueva gloria los que pueden veros
tienen que desear, si no quereros?

Aquella alma que vive sin deseo
de solo su sustento sustentada,
como los del empireo (si bien creo)
deve de tanto bien estar pagada;
y pues mi alma en tantos bienes veo
por ver tanta belleza en vos cifrada,
veros deseara sin otra cosa
y alegrarse de veros tan hermosa.

Esperanza

Esperanza desabrida,
poco mejoras mi suerte;
que importa escusar la muerte
si matas toda la vida?

Eres sombra del deseo,
jamás hablaste verdad,
muy cruel para piedad
y vida del devaneo.

Falso esfuerzo de paciencias,
error de la fantasia,
placer con hipocresia
todo lleno de aparencias.

Cortesanos fundamientos
de no obligar verdades,
donde malas amistades
pagan en ofrecimientos.

Sin fundamiento fabricas,
tu trato es dar á entender;
lo que menos puede ser
es lo que mas certificas.

De la color del deseo
te vé alma muchas veces,
por antojos tu apareces
yéndote hallar por rodeo.

Entras con buenos señales,
y agravas los accidentes,
no dás vida á los dolientes
y dasla á sus propios males.

Matas con buena intencion,
como el imprudente amigo;
quieres que siendo castigo,
te adoren por galardon;

Huyes de sanos consejos
y porque te vean los ojos,
tu misma le dás antojos
de desesperados lejos.

Todos te pagan tributo.
desde el grande hasta el menor,
el bien nos muestras en flor,
desapareciendo el fruto.

Tu ensalmo promete vidas,
con hierro ardiente labras,
y aun con menos palabras
quieres sanar las heridas.

Muerte viva al que te trata,
manjar forzoso del yermo,
algo en que passa el enfermo
el tósigo que le mata.

Loco desvanecimiento
engañoso pasatiempo,
donde se dá tiempo al tiempo,
y sueño al entendimiento.

Del dolor falsa cubierta,
que entretiene la razon,
fuerza de imaginacion
que sueña estando despierta.

Alma del desasosiego,
muerte del que mas te llama,
leña que ahogando la llama
despues dás mas fuerza al fuego.

Altiva y entrometida
donde menos hay porque,
miedo que puso la fé
entre la muerte y la vida.

Eres un largo morir,
ciego a los inconvenientes,
no ves los tiempos presentes
y allanas lo porvenir.

Mentirosa lisonjera,
aborrecible y amada,
que consiste el ser pesada
en ser liviana y ligera.

Tanto el alma no desea
como ella ofrece y promete:
es niebla que se entremete
porque el tiempo no se vea.

No cuentas horas ni leguas,
con nada te satisfaces,
Siendo enemiga de pazes
finges mentirosas treguas.

Hacia las partes mas altas
caminas contra corrientes,
faltas siempre porque mientes,
mas tu pocas vezes faltas.

Caes mil vezes de la cumbre,
nunca fuiste perezosa,
ni quieres admitir cosa
que desengañe ni alumbre.

Nunca nos dás libertad,
perpetua sed de cuidados,
siempre acompañan tus lados,
deseo y dificuldad.

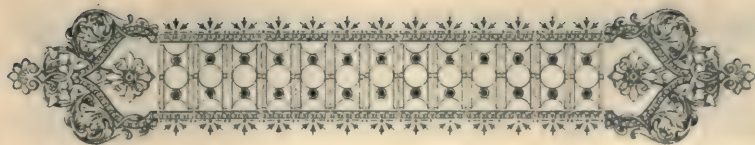
Aplacadora de iras,
falsa gineta encubierta,
que por cualquier cosa cierta
persuade mil mentiras.

En las cosas grandes tratas
aun que en los casos habitas;
la muerte que solicitas
es la misma que dilatas.

No sé si te tacharé
de continua e porfiada,
que una esperanza obstinada
estoy por decir que és fé.

Yo siempre lo conoci
aun que me dejé engañar;
porque no se pudo estar
ni contigo, ni sin ti.

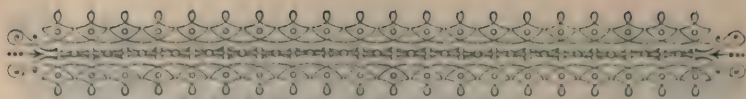
Todo lo dificil quieres,
vives mientras no se alcanza;
mantieneste de tardanza
y con los efectos mueres.

Con tus fiados plazeres
el alma traes engañada;
eres nada, y con ser nada,
todas estas cosas eres.

Freiraticos

Importunos amantes de convento,
que com vento contrario navegaes,
e que bebendo o vento sempre andaes
pelo que menos é que o mesmo vento.

Por mais que ao vosso leve pensamento
sopre o vento por poupa, não ficaes
mais que correndo á vela, sem ver mais
que ter á vista a causa do tormento.

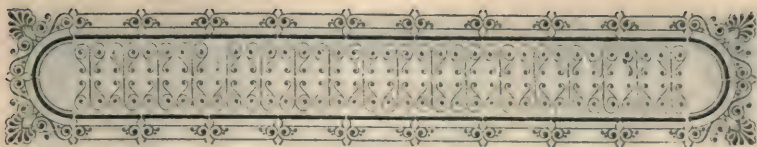
Passar serras, montanhas, aspereza,
grades estreitas, abbadeça esquiva,
córos de cada dia, ingrata freira;

transtornar o commum de natureza,
ter liberdade em ferros tão captiva,
é gosto falso, é pena verdadeira.

Na sepultura de Affonso de Albuquerque, Governador que foi da India

O corpo jaz aqui que o gran thesouro
de fé, de caridade e de esperança,
saber, justiça, esforço e temperança
guardou, ora nos céos divino ouro.

Venerou e temeu gentio e mouro
seu grave e santo aspeito, e a fiel lança
sempre ante elle venceu: tu que olhas, lança
flores, versos na tumba, e palma, e louro.

De reis vem, a reis serve e a reis sogiga:
tres sempre, e reinos tres duas vezes toma,
com mil triumfos uniu, e dois já morto.

Tal de infieis, presente o mundo ou Roma,
tal fiel mostre a edade nova ou antiga
como este, surto em paz no eterno porto.

Contrição

De tudo quanto fiz quiz fazer conta
antes de a dar ao tribunal divino,
e começando, pasmei, perdi o tino,
de um pouco que sommei ver quanto monta!

Quando uma conta tomo, outra aponta
de a quanto me levou o meu destino,
até á edade em que estou, desde menino;
da má conta que dou me nasce a affronta.

Que conta posso dar de um pensamento,
que adonde foi lhe foi mui mal contado,
sem rezão, sem porquê, sem fundamento?

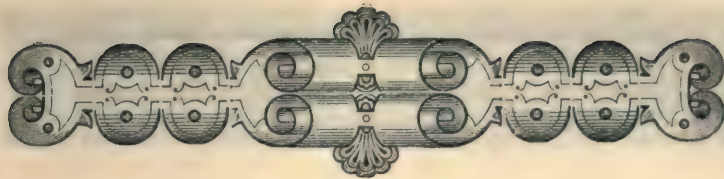
Dos peccados que fiz 'num só peccado,
que contas hei de dar sem ter intento
de me doer do presente e do passado?

Amor

Quem me dera por lingua um raio ardente,
que os colossos abrira e abrasára,
os derretera, unira e transformára
no amor que inflamma e arde suavemente!

Amor que tudo quer, nada consente,
amor que se não vê sendo luz clara,
amor que do céo vem e no céo pára,
amor que quem o sente não o sente,

amor que 'nalma imprime o ser divino,
que alumeando abre, e abrindo accende,
derrete unindo, une transformando,

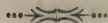
amor que cá na terra é peregrino,
amor que attrahe o espirito e o suspende,
amor, emfim, que só se adquire amando.

Margarida

Navegue quem quizer pera o oriente
a possuir a pedra preciosa;
seja pera outrem regia e valiosa
a fina prata e ouro reluzente;

Mas eu só com vos ter estou contente,
pois entre as mais formosas sois formosa,
e, pera me render, tão poderosa
que vossas forças só minha alma sente.

Bem claro quiz mostrar quanto podia
perfeiçoando-vos tal a natureza
com o nome que vos deu de Margarida.

E dado que vos foi posto na pia,
trazeis já em tal tanta belleza
que a Margarida só era devida.

Saudade

Entre as nuvens se esconde o pensamento,
corrido de se ver qual eu me vi,
e pela gloria antiga que perdi
me deixa hoje na pena o sentimento.

Armei redes no ar ao leve vento,
na arêa semeei, n'agua escrevi,
edifiquei na arêa o que não cri;
que mal se deixa crer contentamento.

Pensamento cruel, deixa-me em paz;
que não querem meus males que te creia:
a quem os não souber teus bens publíca;

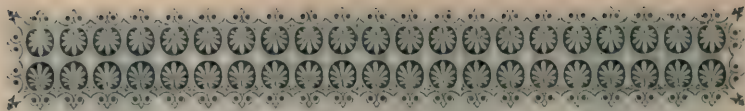
Que eu sei que quem de ti mais conta faz
no ar, na arêa, n'agua e na ideia
arma, semeia, escreve e edifica.

Poder do amor

Que novo variar de pensamento
é este, a que me obriga minha estrella?
soffrer não posso a pena, e sem soffrel-a
não poderei viver um só momento.

Pezar por uma causa e gloria sento,
sem causa rindo estou, choro sem ella:
de minha culpa eu mesmo dou querela,
da pena que me mata me sustento.

A rezão trago em deseguaes balanças,
d'aquillo que mais busco mais me arredo,
matam-me e dão-me vida as esperanças;

Porém, com meu tormento estou tão ledo,
que se me faz fazer estas mudanças,
estou na causa dellas fixo e quedo.

De D. Francisco Rolim (de Moura?)

Dulces engaños de mis esperanzas,
sombras daquella luz que al pensamiento
dejó en prendas de contentamiento
mas entendidas sus desconfianzas,

alla fuistes, testigos de mudanzas
de un querer buelto en arrependimiento,
aqui vereis subir el sofrimento
cuando declinan mas las confianzas;

mas ya que en van lo prueva mi deseo
conquistar con firmeza aquella gloria,
do mas que la razon pudo la suerte,

baste me, al estado que poseo,
ver que la fé no prueva su victoria
mejor en algun paso que en la muerte.

MOTE

No es menester que digais
cuyas sois mis alegrias
que á lo poco que durais
bien parece que sois mias.

Alegrias que en tardaros
lo mismo sois que tardanza,
pues que solo en la esperanza
dais tiempo para gozaros;
y que sirve desearos
pues solo esperanzas dais ?
si una eternidad tardais
y ni un punto os detuvistes
que mal sois y que bien fuistes
no es menester digais.

Bien hayan los desengaños
de nuestro mayor contento,
pues en posesion, momento,
y en esperanza, mil años;
bastan los pasados daños
en esperanzas baldias,

que contentaron mis dias ([1])
de una posesion que fue
tan breve, que apenas sé
cuyas sois mi alegrias.

No vengais para volver
con prisa tan desigual,
que de vós es menor mal
esperar que poseer:
bien sé que no puede ser
gozaros aun que vengais,
que nel punto que llegais
por mias os desconozco,
y en nadie mas os conozco
que en el poco que durais.

Mudais la naturaleza
en el punto en que os poseo;
fuestes tardanza al deseo,
y al gusto sois ligereza;
no sé si os llame tristeza,
si de mis locas porfias
adoradas tiranias;
mas mias quiero llamaros
que en el punto de gozaros
bien parece que sois mias.

([1]) Faltava este verso, que compuz.

Versos de D. Manuel de Portugal a Jeronymo Corte Real, seu cunhado, estando em Almeirim

Dejaste las hermanas y la fuente
adonde fielmente eco responde
que nadie se le esconde al ojo amigo:
no sigue de enimigo las pisadas
de odio ensangrentadas, carcomido
de envidia su sentido apasionado:
lisonja a su lado em gesto humano,
como sincero hermano se mostrando,
está penetrando hasta el hueso;
si va puro, si grueso el estilo,
si el delicado hilo se interrompe,
la furia con que rompe tu concepto:
si es alto al sugeto, ó grato al vulgo,
de mi que no promulgo leyes graves
llevástelos suaves tus acentos;
mis oidos atento eschuchando
estaban, alagando mis pasiones,
que en tan diversos sueños desacuerdan,
que jamas se acuerdam en bien mio;

lleva su desvario mi cuidado
al bien mas apartado, y en los meneos
de sus largos rodeos me quebranta
el ánimo, que espanta y está dudoso:
despues al temeroso reino oscuro
me lleva, no seguro de la vuelta,
y toda su revuelta represiento.

Alli verás sin cuenta mis deseos
daquellos gestos feos desviarse,
y al bien determinar-se; mas volviendo
al aire puro, y siendo dilatado,
el pecho apertado, cuyo huelgo
yo de nuevo me huelgo desdichado
en el mismo cuidado diligente,
que nunca lo consiente á mi sentido
estarse detenido en lo mejor,
y en paz interior siquiera un punto,
gustando aquel transumpto de lo alto;
mas siempre em sobresalto recelando
y en pasion fluctuando, como de antes,
los eternos amantes, que del cielo
miran el desconsuelo miserable,
volando el saludable contra el vicio.

Divino ejercicio nos presienta,
de sus canciones cuentan los motivos,
que en cantares altivos y enlevados
estan adeosados todo el dia:
de donde se inferia la dudosa
cuenta, da quel que osa dilatando
y a si, enagenando su taliento
por niebla, sombra; y viento casi hurtado
llevar por lo vedado su recelo,
la vena que del cielo se deriva
daquella fuente viva y dulce espanto,
a quien eterno canto solo deve
el hombre que se atreve a lo contrario.

Mira cuan voluntario, y cuan remoto
es el genio inmoto, que me inclina
a ti, y me avecina a conversarte,
que descanso hablarte, en esa empresa,

de que el alma acesa te imajino,
no sé porque camino me ha llevado
tan lejos desviado de mi intento
y ahora que el aliento va faltando,
estan multiplicando por momentos
razones y argumentos, que concluen;
mas luego alli me huyen de las manos
volando livianos pues no pueden
llegar á ti, que queden en mi gusto,
volviendo á ese injusto apartamiento
no sé elegir qual siento ver tu verso
elegante y terso, derramado,
en este despoblado pedregoso
do temo el odioso cerco agudo,
y mucho mas el rudo movimiento
de un grueso elemento mal mezclado,
que fuerma de su grado en el seno,
y que todo está lleno, muy ufanas
las miserables ramas importunas
de encharcadas lagunas, porfiando
de estar inficionando el aire puro,
y no dejan seguro apartamiento
a do subes si intento lastimable
haciendo incomputable disonancia
no apague la elegancia mas sonora,
pero revivo ahora por tu parte
pues quizo el cielo donde grato objeto
que con tu alto y electo entendimiento
te esté escuchando atento y divertido
del curso que el sentido sublimado
le trae fatigado y asi se inclina
que casi ya reclina su cansacio
sobre el verso, y de espacio se recrea;
mas mientras se pasea por su rama,
tu hiedra, que desama bajos troncos
ni los bramidos roncos de las fieras,
ondas, ni las esferas ya rompidas
de llamas despedidas con furor,
jamás harán rumor que apague y esconda
en la letra honda el dulce canto,
que tu sublimas tanto qual se deve
á ingenio que se atreve á un tal sujeto,
que asi lo harás perfecto, que de um polo
al otro, sonará su nombre solo.

Do Gabriel Pereira de Castro, a uma sepultura (1)

Aqui a cinza de um pastor se encerra
que ao gado seu e ao mesmo céo fugia;
não tem pedras, que toda a pedraria
largou das mãos depois de vir da serra.

A Parca justa, que outras vezes erra,
aqui quiz que cerrasse o ultimo dia;
que quem a terra onde nasceu vendia
nem morto o quer a sua propria terra.

Comprou sua fortuna e fixa a teve
com prégos de diamante, instabil roda,
té ser da força superior vencida;

Chorou sua infausta morte a Hespanha toda;
porque deu muito, e como a tantos deve
sem razão, mas com causa, foi sentida.

(1) De D. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Braga, morto em Madrid, onde era o Presidente do concelho de Portugal.

Cuidados Amorosos

Assim como houve Fenix, que renova,
vos vejo, meus cuidados, renovados,
convertidos em tão novos cuidados
que não sei pera dar nova mais nova.

Minha alma se tornou peito de prova
por vencer desenganos escusados;
com todos os sentidos escudados,
a campo chama a causa que reprova.

De um frecheiro, pequeno cego e crudo
vencida ficarás, que não me engano,
que per capitão vae d'aquesta empreza.

Quanto mor resistencia, maior damno
fará o vencedor, que vence tudo
'num peito isento e cheio de crueza.

Contas a Deus

Vinde cá, pensamento, vinde á conta,
dae conta donde fostes e viestes;
que conta me dareis do que trouxestes?
sommae a conta bem, vereis que monta.

Dae conta, alma, de vós, e estae mui prompta
a dar conta de tudo o que fizestes:
contae quem bem vos quiz, quem vós quizestes,
que sendo bem, tambem se vos desconta.

Dae-me conta da despesa e recebido;
sommae e vede bem se é conta certa,
desde o tempo contae que haveis nascido.

A conta aclarae bem, sem ter referta,
que como não for conta de perdido,
da gloria achareis sempre a porta aberta.

Desalento

Perdi-me dentro em mim como em deserto,
minh'alma está mettida em labyrintho,
e posto em tal estado já me pinto
cair 'noutro maior, 'nelle encoberto.

Tenho o remedio longe e a morte perto,
pois mouro do que temo e do que sinto,
se alguem me quer valer não lh'o consinto,
por vir o que receio haver mais certo.

Nova invenção de mal, novo tormento,
ser cutélo da vida a mesma vida,
ser desatino usar do entendimento!

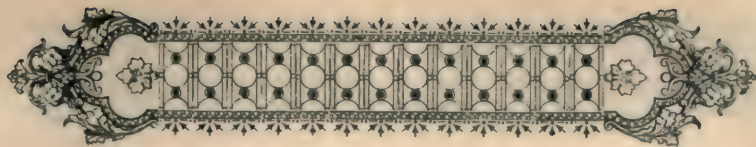
Vingae-vos, dor cruel, mal conhecida;
que á vossa custa sei do pensamento
que em grande dor não ha vida comprida.

Paga de amor

Primicias do meu infelice estado
vos dou, senhora, em paga a vós devida;
já que a causa de vós é procedida
seu effeito tambem vos seja dado.

Pelo licor vereis o que hei calado,
que me entristece alma e acaba a vida:
não choro já por causa conhecida,
se não porque com causa me é forçado.

Pagar-vos de outro modo não me atrevo;
que pera vos pagar quanto quizera
sabei se mais vos pago mais vos devo.

Todo o bem que em mim ha, se o tivera,
vos dera com mor gosto do que o escrevo,
se o que desejo dar dar-vos podera.

Discripcion de Madrid

Grandes mas que elefantes y abadas,
titulos liberales, como rocas,
gentiles hombres solo de las bocas,
discreto cavallier llaves doradas :

Hábitos, pleitos, cambios, embajadas,
confusa multitud de damas locas,
carrozas de ocho bestias, y son pocas,
con las que las tiran y son tiradas ;

cata riberas, animas en pena,
con Bartolos mezclada la milicia,
y los derechos con espada y capa ;

caras y pechos todos á la milicia,
todos con perejil y yerba buena,
dichoso el hombre que de si se escapa !

Trovas (1)

Ya se te viene llegando
aquel tiempo, hermano mio,
que todo tu señorio
perderás burla burlando;
que en verdad
como sea tu bondad
de inocencia ceñida,
no sentiste la maldad
en tus consejos tejida.

Los que por amigos tienes
mas que no á tus hermanos,
fueron sus consejos sanos
á provecho de sus bienes;
estos tales
sus pensamientos caudales
son bien como podrá ser,
maiores cosas haber
fueron de tus leis mentales.

---

(1) De D. Nuno Alvares Pereira, quando casou a Princesa D. Maria com o Principe de Castella D. Filippe, no anno de 1543, em que parece que profetisou a morte do Principe D. João, que Deus tem.

Si por caso no me engaño,
entonces verás abiertos
los deseos encubiertos,
causadores de tu daño;
cuan comprado
lo que poco ha costado
a quien lo quiziese dar,
y no dejan de burlar
de como te han burlado.

Que los que no son dudosos
mas verdaderos consejos,
saldran dellos pichalejos
que no sean codiciosos;
que amicicia
no concorda com codicia;
porque lleve el codicioso
jamás se vió piedoso
ni de Dios temer justicia.

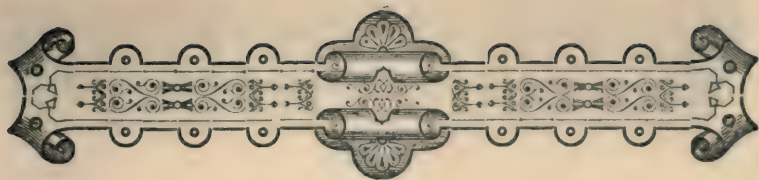
Y aun para peor ser,
en cosa tan varonil,
trocaste tu parecer
por un loco feminil;
si supieras
en tus pasados pudieras
ver cuanto mal ordenó
una mujer, que quedó
la qual Dios quitó de veras.

Si muchos hijos varones
tuvieras, pudiera ser
que los consejos de ayer
fueron dignos de perdones;
pero cata
si te Dios un solo mata
de lo qual no estás muy lejos
á tus gemidos y quejos
no valdrán oro ni plata.

Aquel tu deudo amigo
que á tu cuesta haber procuras,
no te engañen las pinturas
dulces que trae contigo.

que su fuero
és llegar como cordero
hasta donde pueda hallar
cosa que pueda tragar,
como lobo carnicero.

A tus hermanos carnales
deves crer y haber por cierto
que lumbrarás tan reales
te darán seguro puerto;
que tal par,
Dios te los quizo dejar
por tirarte de contiendas
si á otros te encomiendas
mal trás mal hasde pasar.

Y desto que aqui te digo
á sombra de profensia,
á Dios tomo por testigo;
el és que mi lengua guía;
y puede ser,
que el que pensó hacer
á encencios sin provecho,
que se vuelva en despecho
su retorcido saber.

Mal de amor

O mal que me atormenta não se entende,
e até quem o faz o não conhece:
a alma que de contino arde e padece,
que em si o sente, só esta o comprehende.

Podel-o descobrir se me defende,
e rezão encobril o me parece;
mas, porém, encoberto, tanto cresce
que quanto mais o encubro mais me offende.

Ainda que este mal venha a matar-me,
nunca o sabera já de mim a gente;
que mor mal que morrer é publical-o;

Mas não pode tambem ninguem tirar me
que a causa por quem mouro, peno e calo,
é tal que no mor mal me faz contente.

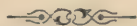
DE D. JOÃO D'ALMEIDA

A Camões

(Só os tercetos d'um soneto)

Do illustre Gama os feitos celebrados
tanto de espanto tem por ti escriptos
quanto tem de terror por elle obrados.

Descobridores ambos inauditos,
elle, de mares nunca navegados,
tu, de conceitos nunca de outrem ditos.

De D. Nuno de Mendonça
AOS PAÇOS D'ALMEIRIM

Vestigios pera magoas conservados,
torres que levantadas sois ruinas,
se deixastes cair as vossas quinas
pera que são castellos levantados ?

De conservar os dons mais sublimados
fostes, ó torres, pouco tempo dinas,
e em baixa sorte sois adamantinas,
pera nos conservardes magoados.

Fostes a passatempos dedicados,
passou por vós o tempo de alegria,
fizestes vosso officio em nosso damno.

Venceis emfim, o tempo, com a perfia,
pera que em morrer, quaes sepultados,
de letreiro sirvaes ao desengano.

Amor, gloria e cruz

Amor trouxe Jesus da gloria á cruz,
Amor de cruz ensina amor de gloria,
Amor nos descobriu gloria na cruz,
Amor nos deu na cruz posse da gloria:

Amor nos mede a gloria pela cruz,
Amor nos leva a nós da cruz á gloria
Amor que gloria quer funda-se em cruz,
Amor fundado em cruz pára na gloria:

Amor é preço egual de gloria e cruz,
Amor, nuvem de cruz, é sol de gloria,
Amor perto de gloria em mais de cruz.

Amor honra na cruz, gosa na gloria,
Amor une na terra, gloria e cruz,
Amor donde ha mor cruz tira mor gloria.

De Pero da Costa

Feito no tempo das alteraçõões de D. Antonio, sendo ainda vivo el-rei D. Anrique

Quem segues, Portugal? Ao que me offende.
Quem deves de seguir? Ao que Deos manda.
Per onde queres ir? Per onde elle anda.
Deos quer a defensão? Justiça se entende.

Não quer justiça el-rei? Elle a pretende.
Dos outros que dirás? Que um pende á banda.
O outro que mais anda? Mais desanda.
Quem faz tamanho mal? Quem o defende.

Quem tem per si justiça? A lei o diga.
E tu não o dirás? Dir-me-ão: és parte.
Pois louva te em juiz. Deos não me obriga.

Em armas te pões logo? Não as de Marte.
Pois dize-me de quem? Da parte amiga.
E estas onde estão? Na melhor parte.

CANTIGA

De D. Manoel de Portugal

A uma cadeia de vidro, que se quebrou

Tan estraña és la aficion
do mi alma está em pena,
que aun quebrada la cadena
és mas fuerte la prision.

Aun qne en mi todo podeis,
este amor ha reservado
que mi dichoso cuidado
jamás de vós lo mudeis.

Si os lastima mi aficion,
que hareis? pues en la pena
se acrecienta la prision,
com quebrarse la cadena.

Trovas feitas a esta cantiga

Viene, dulce muerte, viene,
mi desdicha te detiene...

Al que tiene de morir
dilatada muerte espera;
que si la lei lo condena,
dos vezes muere en vivir:
solías, muerte, venir.
ahora que me conviene,
mi desdicha te detiene...

Suele ser la muerte vida
a quien ventura se esconde,
viene cuando aborrecida,
deseada, no responde:
dime, dulce muerte, adonde
te hallaré, que me conviene,
mi desdicha te detiene...

Teme morir quien pretende
esperar remedio alguno,
pero no el que entiende
su mal no tener ninguno:

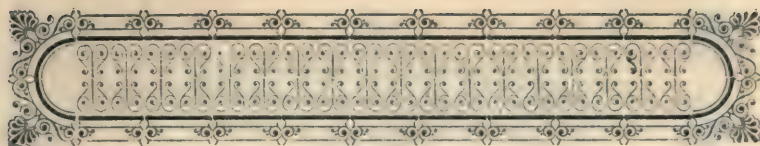
si te soy, muerte, importuno,
mi vida la culpa tiene,
viene, dulce muerte, viene.

A quien amó y ventura
tiene dado el desengaño,
si el morir acaba el daño
querer vivir és loucura,
pues mi mal y desventura
otro remedio no tiene,
viene, dulce muerte, viene.

La muerte tiene por vida
el que la tiene penada,
libre, cuando deseada,
viene, cuando aborrecida,
no dilates tu venida,
viene, dulce muerte, viene,
mi desdicha te detiene...

Cuando la vida és penosa
és la muerte bien venida;
mas en la dulce y sabrosa,
suele ser aborrecida:
ya que mi ventura y vida
otro remedio no tiene,
viene, dulce muerte, viene.

No te tardes, dulce muerte,
pues me ves en tal estado,
que, si morir és forzado,
el vivir és cosa fuerte;
acabar és mejor suerte
al que remedio no tiene;
viene, dulce muerte, viene.

Al que está certificado
que tiene de padecer,
enemigo suele ser
el verdugo descuidado;
si al triste afortunado
acabar solo conviene,
viene, dulce muerte, viene.

Romance de Jorge Furtado

No hagais, pensamiento mio,
el vulto tan levantado,
que no llega el que mas sube,
ni alcanza quien no ha llegado.

Ni vas trás vuestro deseo
tan ciego y tan deslumbrado,
que os pueda descomponer
desengaño no esperado.

Bajad vuestra esperanza
antes de ser derribado;
que és peligroso el caer
y mas cuando és de mas alto.

No querais ser venturoso
si pensais ser desdichado,
que és muy custoso ser cuerdo
á precio de temerario.

Ni encendiais de nuevo el fuego
en que os quedais abrasado,
que quien una vez lo enciende
muchas no puede apagarlo.

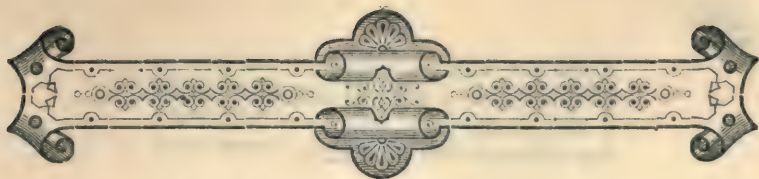
No penseis que és cobardia
el no acabar lo empezado;
que acabar és de dichosos,
como emprender és de honrados.

Y por salir con victoria
no está ninguno obligado,
no lo estando de su honor
á perdelo ni arriscarlo.

Quitad al tiempo y fortuna
el poder que habeis dado,
y pues no os haze servicio
no querais ser mas su esclavo.

Que tienen los pechos nobles
á vezes por menor daño,
una pérdida esperanza,
que uno deseo dilatado.

Sacad de sus sinrazones
con que os ha desobligado,
conocerle y despreciarle
quedar és libre y envidiado.

Que no hay venganza mayor
de un injusto y de un tirano,
que despreciar su poder
el que ha sido su vasallo.

Trovas

Accrescentadas ás do Conde do Vimioso

Grande fazenda é o siso
a quem d'elle sabe usar:
nunca vi aproveitar
fallar mal em prejuizo.

Muito saber é damnoso,
gran trabalho ser leigal;
o saber fundado em mal
para a alma perigoso.

Muito vence quem se vence,
muito diz quem não diz tudo:
ao que é discreto pertence
a tempo fazer-se mudo.

O que de si fizer ponte
terá vida, será ledo;
e por captivo se conte
quem d'outrem fiar segredo.

Cada um em seu estado
conhecer-se, é gran prudencia,
e não se dar por achado
das offensas em ausencia.

Da offensa, esquecimento
gran mezinha dizem ser;
grande perda perder tempo,
maior não no conhecer.

Conforme ao tempo viver
e á terra e ao estado,
obrigação deve ser
do que for bem attentado.

De egual conversação
costume é nascer despreso,
requer-se primor e peso
no conversar, e eleição.

Malicia dissimulada,
não ha na vida mor mal,
nem nenhuma peste egual
á maldade colorada.

Nunca vi, onde ha engano,
poder obrar a virtude;
que gran descanso e saude
é vencer com desengano.

Onde ha malicia escondida
que innocencia pode haver?
a virtude deve ser
natural e não fingida.

Inda que traga o engano
muitas aguas de bondade,
não dura muito seu damno,
nem fingida santidade.

Nunca falsos sentimentos
poderão muito durar:
onde a obra soe faltar
vejo supprir cumprimentos.

A homem malicioso
antes tel-o por imigo:
não achei no mal amigo,
nem menos velho ditoso.

A mais discreta vingança
é, podendo, fazer bem:
quem cuida que amigos tem
não nos prove na balança...

O que a máos perdoou
aos bons fez grande offensa;
quem com tredos dispensou
pera o matar deu licença.

Ao amigo que é geral
não se lhe agradece o bem;
menos trabalho se tem
na virtude que no mal.

O medo e o perigo
cerram portas ao conselho;
o que nos males é velho
só Deos acha por amigo.

Os homens com os officios
declaram a condição;
pol-a verdade e rezão
não vejo dar beneficios.

O vicio é no devedor
fazer offensa a quem deve;
emquanto a paga deteve
é captivo do acredor.

Medo e neceessidade
mui grandes cousas inventam:
os homens que se contentam
tem riqueza e liberdade.

Piedade, auctoridade,
rigor, requer o governo:
nunca vi mais certo inferno
que fingida santidade.

Na republica menos damna
máo principe, que o privado;
ser mal ou bem inclinado,
o mal e bem delle mana.

Natural dos homens é
piedade e compaixão;
nos principes, porque o são,
mais lustrosa ser se vê.

Senhor que quer saber tudo
muito deve perdoar:
tosquie o pastor sisudo
e não deve de esfolar.

Tudo soffre e tudo faz
o mercador por dinheiro:
não pode viver em paz
o que for meixeriqueiro.

Aos prosperos da vida
se obedece e faz resenha;
mas, em arvore caida,
nem sequer vae fazer lenha.

Não tache ao innocente
sentir-se sendo offendido:
o são visita ao ferido,
o mal é de quem o sente.

Em condição bellicosa
é um milagre a mudança,
humana e piedosa;
a porfia vence e cança.

Os males têm um só bem,
que é d'elles ter vergonha;
brandas palavras, peçonha,
engano e veneno tem.

Não se deve de perder
a estrada per atalho:
bom é viver sem trabalho
melhor com honra morrer.

Esperança é de emenda
tudo peccar com vergonha:
triste do bispo que sonha
em athesourar fazenda.

Ao bom é grande honra
ser do máo escarnecido;
nunca vi maior deshonra
que delles andar temido.

Fugir della, é desejal-a,
acceital-a, não é siso,
em aldeias procural-a
visco é e prejuizo.

A verdade dos prudentes
não devem pecos julgar,
nem offensas de innocentes
os culpados castigar.

A quem perdeu a verdade
não lhe fica que perder;
muito se deve temer
não perder auctoridade.

Não se deve nunca ao medo
pedir conta nem rezão;
peccados de ingratidão
não perdoa Deos tão cedo.

A fraqueza do amigo
deve se dissimular;
e mais é pera guardar
de encoberto inimigo.

O alheio procuramos
saber, e calar o nosso;
mas o bom e virtuoso
foge do que nós usamos.

Não ha estado contente,
nem vi bonança segura:
quem se fiar da ventura
ficará mais descontente.

Dar afflicção ao afflicto
não é obra de christão,
convem na tribulação
ter emenda e ser contricto.

Nas perdas maior espirito
se requer, do que no bem;
paciencia, cor contricto,
conformar com Job tambem.

Bom amigo, quem o tem
faça delle gran thesouro;
mas já o não é ninguem
mais que emquanto dura o ouro.

A' amisade, ao que parece,
anda o nome corrompido,
é já mulher de partido,
que se dá por interesse.

A homem malicioso
não se deve conversar:
o christão e virtuoso
foge de ouvir murmurar.

Residir, e visitar
é officio de prelado,
pera vigiar seu gado
não lhe cumpre descansar.

Para acquirir vontades
é gran parte o soffrimento:
ninguem pode ser isento
se não tiver calidades.

Tres cousas dizem que são
que desamparam o triste:
saber, e reputação,
animo com que resiste.

Nunca grandes confianças
deixaram de custar muito:
poucas vezes vi dar fruito
a serviços nem privanças.

A fortuna e a tormenta
hão-se de tomar a peito:
quem de pouco se contenta
vem de ser fraco sugeito.

Dos amigos que se escondem
no mal, não ha que fiar;
o seguro era fallar
com muitos que não respondem.

Nunca vi mor desenfado
que a tempos enfadamento:
perfeito contentamento
não no tem nenhum estado.

O que jura, por ser crido,
de si mesmo tem suspeita;
poucas vezes foi acceita
quem pragueja em escondido.

Não pode em nada acertar
quem tem baixos pensamentos,
e grandes enfadamentos
vem de muito conversar.

Nunca vi pouco fallar
que lançasse náo á costa:
quem a escudeiro se acosta
não lhe dão condes logar.

De bom zelo soe avir
o fazer justiça a medo:
quem a si não tem segredo
mal pode a outrem encobrir.

Muito gosta a auctoridade
ser de egual condição:
o que vive da verdade
não nega conta e rezão.

A auctoridade e o gosto
deu sempre recolhimento;
despreso, brigas, desgosto
em praças ajuntamento.

Trabalho é entender,
descanso não saber nada;
a tempos muito saber
ante senhores enfada.

Soffra offensas do imigo
o que sabe ter-lhas feito:
oprimeiro no perigo
o é na honra e proveito.

Do que uma vez foi tredo
não se deve de fiar;
o poderoso com medo
deve do poder usar.

Nunca vi atrevimentos
succederem sempre bem;
seguros contentamentos
não os procure ninguem.

Quem de si muito confia
se encontra mais enganado:
por imigo declarado
do que temo, me daria.

Pouco perdeu na fazenda
quem com má vida a perdeu:
quem no mal envelheceu
acaba antes da emenda.

Melhor soffre reprehensão
todo estado que despreso;
quem vive por conta e peso
terá vida e salvação.

Menos odio e mais favor
com a gente procuremos:
de prudente e sabedor
é nunca seguir extremos.

No conselho muito val
se precede auctoridade;
mas, sobre tudo, verdade,
amor, e tenção leal.

Competencia no amor
Causa é de mais amar;
aggravos e desamor
partes são para o deixar.

Muitas vezes se submette
o honesto ao necessario:
ao que é valente compete
temer o fraco contrario.

Em negocios de substancia
menos palavras, convem:
as humildes, força tem
em os casos de importancia.

Sempre vi parecer mal
todo o bom a mau juizo,
regeitar o natural
por estrangeiro vindiço.

Pouco deve de alcançar
o que súas obras gaba:
trabalho é começar
a vida, quando se acaba.

Viveu quanto quiz na vida
o que escolheu por sorte,
acceitar antes a morte
que ter vida aborrecida.

Do Condestavel D. Alvaro de Luna

a uma dama, que o engeitou a elle por outro, a quem chamavam Robles

Entre vós, damas, hay una,
por ser yo hidalgo pobre,
que dejó plata por cobre,
trocó fuente por laguna,
trocó Paris por Procuna,
trocó dulce por salobre,
quiso mas sombra de roble,
que nó resplandor de luna.

De auctor incerto

Foge-me diante dos olhos a esperança
com que um menino cego me enganava,
e como viu que della me pagava,
mostrou-se arrependido da tardança.

Já traça contra mim dura vingança,
em desconto da gloria que gosava,
ou por negar-me o bem que me mostrava,
ou por mostrar que o mal não tem mudança.

Trouxe-me á vista sempre minha gloria;
porque tomando forças deste engano,
me não faltasse a vida no tormento.

Assim, por gloriar-se da victoria,
o bem, que era triaga de meu damno,
o tomou contra mim por instrumento.

De D. Manoel de Portugal

—◆—

Por mais que o brando lirio entre a espessura
ora se deixe ver, ora se esconda,
e nos vales fingidos que responda
pareça echo Apelles na pintura;

E por mais que a toda a creatura
natureza aos olhos corresponda,
ou na terra esmaltada, ou mar sem onda,
variando encareça a fermosura,

Das flores e verdura, que apparece;
por mais que a fertil copia o campo vista,
por mais que em terra e céo ver se offerece,

E eu tão longamente em vel-o insista,
só em vos imaginar a alma espairece,
em vossos olhos só descansa a vista.

De auctor incerto

Sospechas, confusion, contradicciones,
aparencias, designios, devaneos,
la verdad, la razon, las sinrazones,
pensamientos. temores y deseos;
el no hallar una en tantas ocasiones,
verme atajado á manos de rodeos,
no me dejan saber que me sustenta
donde la obstinacion se desalienta.

Soy de puro rendido, porfiado,
doyme em precio del daño que recibo,
persigueme el descuido y el cuidado,
aire no alcanzo, y en el aire estribo;
en mi, un ligero bien es mal pesado:
mil torres edifico, que derribo,
con pecho de cristal cera y acero,
vivo de los contrarios de que muero.

En un instante voy y nunca llego,
paréceme que vuelo y no camino,
es el desasosiego mi sosiego;
pongo en desatinar todo mi tino,
fuera ver mucho verme a mi tan ciego;
nadie prevengo y todo lo adivino;
si me quiero hallar con el seguro puerto,
piérdome dentro en mi como en desierto.

A' morte do Principe D. Carlos, de Castella

Naci de abuelo y padre sin segundo,
de grandes reinos principe heredero;
llené de miedo y esperanza el mundo,
joven y ardiente y de animo guerrero:
la muerte al punto derribó al profundo
las esperanzas de tan alto vuelo.
O' suerte humana, quien de ti confia!
que ayer fui Carlos de Austria, hoy tierra fria...

Trovas de auctor incerto

Un atrevido temor
y una cobarde osadia
me causa un ciego que guia,
que suelen llamar amor.

E's mi amigo y contrario,
enemigo de reposo,
hazeme estar temeroso
tanto como temerario.

Y asi por participar
del uno y del otro estremo,
aventuro lo que temo,
y temo el aventurar.

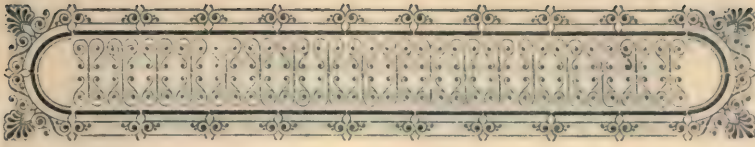
Mil vezes de puro amor
digo contra el sufrimiento:
máteme el atrevimiento
si hade matarme el temor.

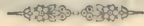
Otras tantas temeroso
del mismo amor obrigado,
entre cuidado y cuidado
quedo rendido y medroso.

En todo lo que no creo
finjo á ratos confianza,
por ver si saco esperanza
de las fuerzas del deseo.

Luego pienso que en tenerla
vengo á ser mas homicida,
procurando alargar vida,
que és duro mal el perdela.

Y tornome a consolar
no hallando vida mas gostosa,
mi muerte tan rigorosa
como atrevime a esperar.

O' hermosa sin igual!
defectos jamás oydos,
queden a los ofendidos
enamorados del mal

ELEGIA

A El-Rey D. Sebastião, nosso senhor

Rei bemaventurado, em quem parece
aquella alta esperança, já cumprida,
de quanto o céo e terra te offerece;

Fermosa planta de Deos concedida,
a lagrimas de amor e lealdade,
só nosso bem, vida de nossa vida;

Emquanto essa innocente e branda edade
por Deos crescendo vae, felicemente,
té o mundo encher de nova claridade;

Emquanto este teu povo e o do oriente
novo crescentamento por ti esperam,
de outros reis, de outras terras, de outra gente;

Taes promessas de ti os céos nos deram
no teu tão milagroso nascimento,
que sp'rito egual a si em ti pozeram.

Enlevado de amor, de santo intento,
perante essa brandura temeraria,
deter te com meu verso um pouco tento.

Depois virá um tão ditoso dia
em que as tuas reaes quinas, despregadas
na multidão de toda a barberia,

As victoriosas frotas carregadas
das captivas corôas e bandeiras,
d'outro espirito maior sejam cantadas.

Agora ouve, senhor, as verdadeiras
guias que levam reis a essa alta gloria,
não duras armas, só vélas ligeiras.

Quantas armadas conta a antiga historia,
quantos grandes exercitos perdidos,
aos mais fracos deixaram a victoria?

Esses, tanto no mundo conhecidos,
cujos nomes venceram tantos annos,
não foram só por força obedecidos.

Não se sogigam corações humanos,
de boa vontade á força; um peito aberto
os vence com amor sem arte e enganos.

'Nesta sombra, onde tudo anda encoberto,
quem da verdade vê mais que a figura,
quem seu passo direito leva, e certo?

Uns falsos longes de uma vã pintura,
com sua côr ao parecer lustrosa,
quantos detem com falsa fermosura?

Não tem côres nem dobras a fermosa
verdade, que buscais, ó gente cega;
humilde, nua está, não tão custosa.

Não ha um só Cupido, que almas cega;
mais ha no mundo que uns sós vãos amores;
que todo, o que ha vontade, ao mal se entrega.

Aquelles que do amor foram pintores,
que os olhos lhe tiraram e o descobriram,
pintaram para reis e imperadores.

Altos enganos que em figura viram,
as forças deste proprio amor imigo,
que moço, cego e nu, cruel fingiram.

Cada um trás em si mesmo seu perigo,
herdado desta natural fraqueza,
que um homem tanto faz de si amigo.

Eguaes somos, senhor, na natureza,
assim entramos na vida, assim saimos;
o entendimento é nossa fortaleza.

Egualmente de um só principio vimos,
egualmente á um fim todos corremos,
e uma estrada commum egual seguimos.

Na terra a morte, a vida nos céos temos,
quanto esta terra mais que os céos olhamos,
tanto caminho do bom fim perdemos.

Cegos de nós, que nos tão mal trocamos,
que a parte vil e baixa senhorea
e o mais alto ao mais baixo captivamos!

Força cruel que dentro em nós guerreia
vence a cega vontade, a rezão clara,
e leva assim de nós victoria feia.

Aquelle lume que a alma illustra e aclara,
apagado por nós 'nella é perdido,
como mortos nos deixa e desampara.

Deu o remedio Deos, eis um, erguido
por elle em poder alto, de que o povo
seja ou por bem levado, ou constrangido.

Não é nome de rei titulo novo:
com elle começou o mundo, e dura;
per fabulas antigas não me movo.

Depois que d'aquella alta fermosura
caiu o primeiro homem, em triste sorte
o involveu 'nesta sombra grossa e obscura.

Fugiu a luz, entrou armada a morte,
cumpriu nova vigia, e guarda a lei
que ao cego mostre a luz e obrigue ao forte.

Elegeu Deos Pastor á sua grei,
viu tambem á rezão necessidade,
e eis eleito um rei, eis outro rei.

Conforme e junto o povo na vontade,
a um só, por bem commum, deu seus poderes,
promettendo obediencia e fieldade.

Obrigaram suas vidas, seus haveres:
prometteu o bom rei justiça e paz,
e remedio e soccorro a seus misteres.

D'ali sujeito ao rei o povo jáz
d'ali sujeito o rei á boa rezão,
da mesma lei, que em si a força trás.

A quem todos seus bens e vidas dão
por os livrar de injuria e violencia,
se lh'as elle fizer, a quem se irão?

Juiz seja a justiça, a consciencia,
e aquelle santo e natural preceito
deve á lei o que faz obediencia.

Quem o caminho ha de mostrar direito,
se torce delle, e torce a falsa estrada,
como terá seu povo á lei sujeito?

Poz Deos na mão do rei a vara alçada
pera guia do povo errado e cego;
mas não foi só á sua vontade dada.

Como destro piloto no alto pego
co'o leme guia a náo ora a uma parte
ora outra a desvia do váo cego;

Não valem ali forças, mas só arte;
arte vence do mar a ira espantosa,
arte vence sem aço ao fero Marte.

Hydra de mil cabeças espantosa,
pego de tantos ventos revolvido,
não se vencem, senhor, com mão forçosa.

Em duas eguaes partes repartido
Deos te deu teu poder em premio, e pena:
demos a cada qual o que é devido.

Aquelle que suavemente ordena
todas as cousas, olha com amor,
paga o bem logo, e de vagar condemna.

Não se acha ali respeito nem favor;
tanto mal cada um quanto merece:
eguaes ante elle são servo e senhor.

Olha-te bem, gran rei, e a ti conhece:
nascido só para reger a tantos;
e dessa grande alteza a teu fim desce.

Ver-te-has egual na humanidade a quantos
mandas, verás o fim tão duvidoso,
como quem tambem morre e nasce em prantos.

Que presta ser na terra poderoso
se o alto fim do céo se põe em sorte,
que té ao Filho de Deos foi tão custoso?

Corte o bom rei primeiro por si, corte;
mais vence o exemplo bom que o ferro e o fogo;
não pode errar quem contra si é forte.

Nem a propria affeição, nem brando fogo
tire a força, a rezão ou a egualdade;
não se lhe faça sempre falso jogo.

Somente em Deos rezão é a vontade;
absoluto poder não ha na terra;
que antes fôra injustiça e crueldade;

Que vontade mortal, senhor, não erra
se a lei justa e rezão a não sofreia,
de que nasce a injustiça e cruel guerra.

Cada um pinta em seu peito uma ideia,
á qual, mal ou bem, se se affeiçoa,
assi lhe sae fermosa, ou lhe sae feia.

A boa guia é inclinação boa,
a qual nasce do claro entendimento,
e com facil discurso ao melhor voa.

Tanto val', tanto pode o santo intento
que só por si honra e louvor merece,
e a obra que val' dez faz valer cento.

E quando humanamente erro acontece
a quem pode acertar, a culpa é leve,
e todo o bom juizo a compadece.

Que injustiça será que não releve
não sair á vontade a obra egual,
pois polo intento só julgar se deve.

No livre peito e coração real
estee o bem commum sempre fundado;
não pode de tal fonte manar mal.

Ama o povo o bom rei e é delle amado,
ledo e facil em crer e julgar bem,
imigo de todo o animo dobrado.

Sempre a mão larga, sempre aberto tem
o generoso peito ao premio justo,
e triste e vagaroso á pena vem.

Este é chamado bom, e grande, augusto,
da patria pae, prazer e amor do mundo,
mortal imigo do tyranno injusto.

Este logo, de um alto e de um facundo
engenho, tem estrellas bem cantado:
voando vae na terra sem segundo.

Tal nos cresce, gran Rei, por Deos só dado,
inda maior que as nossas esperanças,
maior que tua estrella e alto fado.

Cedo teu sprito vencerá tardanças
da tenra edade, e cedo renovando,
trará dos santos reis altas lembranças.

Começa-te já agora de ir costumando
a pôr em nós teus olhos reaes, serenos,
o mansissimo avô teu imitando,
inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

MOTE

Son tan contrarios los fuegos
del amor y de los celos,
que él muere, si viven ellos.

GLOSA

Si el amor un alma inciende
asi la encienden los celos;
por que és cierto que allende
de amor la invidia pretende
encender tambien sus hielos.

Mas de amor ardiente sales
gusto de amorosos juegos,
de celos, rabias mortales;
y destos dos pedernales
son tan contrarios los fuegos!

E's amor gloria que ordena
el amoroso cuidado;
son los celos grave pena,
infierno a que amor condemna
el pecho desconfiado.

Son celos rabia que cansa,
al que vive con recelos,
nace de amor segurança:
ved el fruto que se alcança
del amor y de los celos!

El que cria en sus entrañas
celos con que asi se ofende,
cria viboras estrañas,
como crian las montañas
la leña con que se enciende.

Si asi, pues, de si se olvida,
quien con la memoria dellos
no cura de su perdida, [1]
perderá la propria vida;
que él muere, si viven ellos.

---

[1] Compuz tal verso para substituir este, que não rimava:
No trabaja por perdelos.

Solo sé el porqué . . .

De hoy mas quiero vestir un triste luto;
la tristeza será mi compañia;
jamás nadie verá mi rosto enjuto,
ni mis ojos verán la luz del dia:
lagrimas darán tanto tributo
que en llanto acabaré la vida mia;
el placer me será siempre enemigo:
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

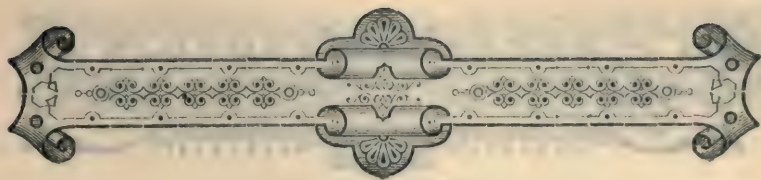
Tendré el placer aborrecido tanto
que haré vida en una cueva oscura;
será mi cabecera un triste canto,
y mi lecho será la tierra dura:
mi bebida será mi amargo llanto,
mi comida ansia, dolor y tristura,
me será el mayor pezar mayor amigo:
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Descubriré mi grave sentimiento
a los peñascos y arboles en vano;
ablandará las piedras mi lamiento
que no enterneció un corazon humano:
dirán mis ojos la ansia con que siento

sobre mi corazon la helada mano
de amor, que no és el amor sino enemigo:
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Ni mis querellas escuche el alto cielo,
a quien ha tanto que me quejo em vano;
ni fortuna, ni amor me tenga duelo,
ni alze de sobre mi sua airada mano;
que ni quiero remedio ni consuelo,
y de quererle tarde ó temprano
ahora y para siempre me desdigo:
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Tomad venganzas, enemiga y dura,
en una alma que jamás supo enojaros,
sino los habrá ofendido por ventura
por haberse estremado en amaros;
el que en amores tenga mas ventura
verá volver nuestros ojos claros;
yo tambien buscaré nuevo abrigo;
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Haré yo, alma mia, un nido
sobre mas fiel y firme fundamento,
en tan seguro ramo sostenido,
que no me lo derrube qualquier viento:
vayase por perdido lo perdido;
que por menos de solo mi pensamiento,
deste engañoso lazo lo desligo:
yo lo sé el porqué, aun que no lo digo.

Soneto que uma mulher fez a um forno,
que serviu de fazer cal, emquanto se fizeram uns edificios,
e depois ficou em hermida, dentro na cerca

Cheio de furiosa chamma ardente
a dura pedra, sendo aqui lançada,
em pó moido e brando transformada
'neste forno já foi antigamente.

'Noutra transformação mais excellente,
per mais suave flamma é aqui dada;
então, a mudar pedras costumada,
e agora, corações de dura gente.

Edificios na terra então fazia,
edificios no céo levanta agora:
Vede quam differentes tem effeitos!

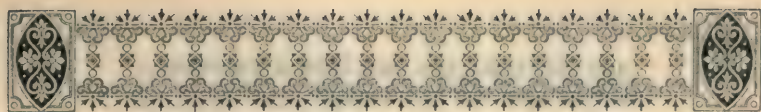
Passou da noite escura ao claro dia;
com tamanha vantagem se melhora,
que abrandava então pedra, agora peitos.

A Vasco da Gama, depois de estar na India

O grande esforço, o saber facundo
fez que o primeiro Gama a India mande;
por mais que a fatal roda ande e desande
será seu nome grande em todo o mundo.

Mas vós, Gama segundo, e sem segundo,
que já quando nascestes ereis grande,
de vosso nome não me espanto, que ande
com fama eterna e com louvor jocundo.

No ventre, o immortal merecimento,
Conde Almirante, em viso-rei vos chama,
vestidos que cortou com justa lei;

mas como trajos são do nascimento,
mais estreitos vos vem, illustre Gama,
de Conde, de Almirante em viso-rei.

De Bernardo da Motta, ao Conde Almirante, chegando á India por viso-rei

Inclita geração do Almirante Gama,
em si tanto mais alta,
quanto de vós se esmalta;
porque a tão soberana e rica planta
somente pode dar lhe gloria tanta,
se tudo o que ella tem
só vós hoje lh'o daes, de vós lhe vem.

Nunca de Israel tão desejada
foi tanto a liberdade,
da dura crueldade
e captiveiro acerbo, em que se vio,
do impio pae que tanto o perseguio,
quanto o vós fostes, donde
agora estaes benigno, e inclito conde.

Já vejo a moura gente em si confusa,
tão inimiga nossa,
temer a espada vossa;
que do governo tendes o tridente,

que Neptuno vos deu ledo e contente,
vendo que em vós estava
melhor que 'nelle quando a governava.

E vejo que tambem nos offerece
das escondidas veias,
auriferas areias
o Indo, e que o Ganges vos entrega
os tributos das terras que elle rega,
e, com justa rezão,
a vós se deve tudo o que elles dão.

A vós, que o peito alheio da cubiça
tendes, que tanto damna,
com graça soberana,
pera só no serviço despenderdes
do rei, e grandes povos, que regerdes,
o indio thesouro,
com pena a cerviz dobra ao duro mouro.

Assi como do triste Phaetonte
nos apparece o pae,
logo a noite se vae,
começa a esclarecer a terra escura,
mostra o prado tambem sua verdura,
e as aves docemente
começam de cantar com a luz contente;

Assi comvosco, sol da india terra,
mandado a nós do céo,
a India esclareceo,
e se afugentou a nevoa fria
da dura e insoffrivel tyrannia,
em que tão triste estava,
por quem a liberdade lhe usurpava;

Assi como quando os animaes
dos sequiosos montes,
nenhum bebe das fontes,
temendo a má peçonha da serpente,
quando o unicornio está d'elles ausente,
se chega, e as aguas toca,
cada um 'nellas põe seguro a boca;

Logo tambem, senhor, que vós tocastes
na terra venenosa,
ficou boa e ditosa;
nem teme da peçonha o certo damno
a gente que vos vê, propicio e humano,
que tendes o poder
de tão tyranno monstro desfazer.

A Deosa, que ligeira corre e voa
desde o Ganges e o Indo,
mostrando e descobrindo
voará ao lusitano e patrio Tejo
com mor velocidade, e mor desejo,
donde as nymphas fermosas
vossas cousas farão mais gloriosas.

Porque, alto senhor, eu que não posso
com meu zelo e engenho,
o que em minha alma tenho,
dizer-vos em meus versos mal limados,
temo que, ainda assim, sejam notados;
mas eu, se tenho a culpa,
o desejar servir-vos me desculpa.

Vendo que vosso peito alto e sublime,
mais do que Octaviano,
ou o grande Africano,
Achiles tornando-o companheiro,
a mim será Mecenas verdadeiro
de minha tosca musa,
que de heroe tão famoso está confusa.

Vendo que tem de novo competencia,
e querem novas glorias
sobre vossas historias,
Aragne com a vencedora Pallas,
por ver que ha melhor de debuxal-as,
fazendo em sua tea
que com ellas não possa a lei lethea;

E que de novo vão apparelhando
a vossos successores,
em seus gentis louvores
a gloria, que de vós lhe está guardada,

que seja polo mundo divulgada,
pois sae dessa planta,
que tanto pelo mundo se levanta.

O bellicoso sogro e genro altivo
esqueçam por agora;
que nos berços da aurora
se alevanta vossa espada invicta,
que os animos renova e resuscita,
caidos e cansados,
que estavam dos trabalhos já passados.

De sorte que de vos não ter segundo,
vos fique em Portugal
o nome de immortal;
e Deos, se 'neste estado hoje vos poz,
foi para que, senhor, saiam de vós
de Condes e Almirantes
inclitas gerações, altos infantes.

De Francisco de Sá e Menezes

Vuelve, Philis hermosa, onde este llano,
onde estos holmos verdes y sombrios
suspiran por ti luengamente en vano,

vuelve ahora de los hielos frios:
ya por aquestos florecidos prados,
sueltos y desatados van los rios;

de aqui verás dos campos rociados,
cuando amanece, y con la aurora
hacierense los cielos colorados;

de aqui verás á la primera hora
salir el ganado y quien lo guarda,
y despues lo recoje donde mora;

de aqui verás cuando el monte arde
por abrochar de nuevo, y juntamente
verás los horizontes de la tarde,

dejando otras tierras y otra gente,
de sus rayos cercado, claro y puro;
verás salir el sol del oriente,

verás como se pone y queda oscuro
el mundo, triste, intratable y frio,
y deja á la gente el trabajo duro;

verás tambien el medio del estio,
el fresco viento antes del sol puesto,
como viene encrespando el manso rio.

Tu, dulce y hermosa Philis, verás esto:
yo de la mañana, hasta que anochezca,
miraré tus ojos y tu blando gesto:

viéndote, no temer que se embravezca
la mar, y la tierra se destruya,
ni que el mundo, enfin, todo perezca;

ni sentiré, por mas que el tiempo huya,
ni sentiré si pasa vagaroso,
como és natural costumbre suya;

no temas de que pueda ser quejoso,
y mis dias presentes y pasados
se volverán, ó Philis, en reposo:

si yo te veo venir por estos prados
en flores, envolviendo tus cabellos,
ó sin orden al viento desatados,

mi pensamiento y alma, que con ellos
vive, se llevarán, viéndote tanto,
que otra cosa no pueda haber sobre ellos.

Daré fin del todo al triste llanto,
aprendido en tus hermosos ojos;
cantaré nuevo y desusado canto,

ya no cantaré de mis enojos,
ni como en tu ausencia, desdichado,
se me volvian las flores en abrojos:

en tus claros ojos comenzado
será siempre mi canto, y detenido,
y en ellos tambien será acabado:

con la voz andaré, con el sentido,
enseñando á llamar tu dulce nombre,
á este monte y campo florecido:

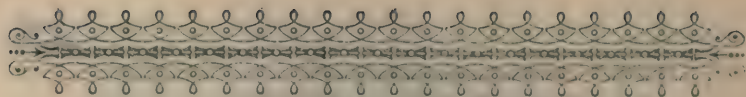
no habrá álamo que este valle asombre,
onde versos por ti no sean escritos,
ni hora en que mil vezes no te nombre;

las aves de la mar quejarse en gritos,
la tempestad escucharé contigo;
contigo guardaré los verdes mirtos:

ai! coitado! do me lleva consigo
el deseo, á decir, sin fundamiento,
estas palavras vanas que aqui digo!

Para que enciendo mas el pensamiento,
haciendo que se levante y que se encumbre,
do despues cae y se deshace en viento?

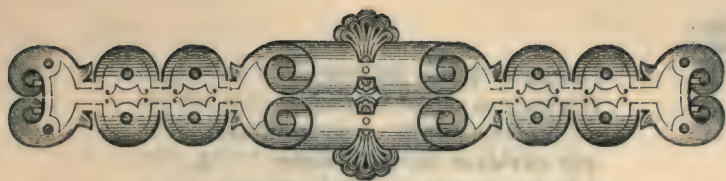
Philis, de aquella sierra el alto cumbre
passó ya allende su voluntad
ha puesto contra mi tiempo y costumbre;

por esto el consejo bueno y la verdad
será estar en mi mal prompto y esperto,
hasta que muera en esta soledad,
do tengo el morir seguro e cierto.

A certa senhora, indo confessar-se

Quam bem parece um peito diamantino
isento, e duro mais que a pedra dura,
mostrar-se mais que a cera na brandura,
quando ferido está do amor divino!

Então nas ricas transas de ouro fino,
e 'nessa mais que humana fermosura,
retrato das que estão em mor altura
qualquer alto louvor é justo e dino.

E pois com vossa vista, da mais gente
as almas enlaçando está Cupido,
(que onde estás, amor, tudo quebrantas)

nem para confissão tão claramente
vos deixaes ver, que Deos não é servido
que por uma salvar se percam tantas.

De D. Manoel de Portugal

Siendo ya de la prision
a mis tormientos sacado,
y á tal muerte condenado
do perdiese la aficion,
en los gestos grave espanto,
esculpia tal sentencia,
viendo en ti faltar clemencia,
en todos sobrava el llanto.

Naquel crudo sacrificio,
que verlo temblar hacia,
alli alma gloria sentia,
pues era por tu servicio:
y queriendo ejecutar
al rigor tu mandamiento,
á mi triste pensamiento
empezó de lastimar.

Luego le puse delante
el proceso desta historia,
do no hay punto en la memoria
que olvidase tu semblante,
y la esperanza visible
le muestre que muerta estava;
revivi porque esperava
aun la muerte mas terrible.

En los pasos mas dudosos,
por do siempre me traias,
cuando despacio descorrias,
con descuidos peligrosos,
y fuerza de ocasion,
mis ojos a ti volvia;
al partir, partir sentia
por medio mi corazon.

Si estando enloquecido
con la fuerza del deseo,
maginando lo que veo,
que no cabe en mi sentido;
cuán presto me advertias
con tormento, no pensando
que aun el bien imaginando,
en mi alma no sufrias.

Mas ella, que en si tenia
mi aficion, que desamabas,
que con la vida pensabas
que su rigor sacaria;
en lo eterno resguardando
aquello do amor se siente,
no temia el acidente,
mas sintiendo y mas amando.

Haciéndose en tu presencia
de mi vida ejecucion,
para mas condenacion
renovaste la sentencia,
por consumir mis enojos,
viéndome gloria en morir,
condenásteme a vivir
en ausencia de tus ojos.

Si por el bien que te quiero
asi me dás el tormento,
hecha la cuenta sin cuento,
mas grave dolor espero;
y asi, ejecutando
tu voluntad no cansada,
verse ha cuanto eres amada
por lo que fuere penando.

compites en mi aficion,
el dolor llevas al estremo,
tu hermosura mas temo,
señora, que mi pasion:
ella deshace la vida
do nel alma mereci;
que a los ojos que te vi
para siempre quede unida.

Trovas de D. João Manoel

Que yo cien bocas tuviese
y la voz fuese de hierro,
el imposible sin yerro
que mis angustias dijese:
y mandaisme vos ahora
mi triste vida escribir!
és imposible, señora,
en dos mil años decir
lo que sufro cada hora.

Mas que esto sea verdad,
seguiré lo acostumbrado,
que és hacer vuestro mandado
y nunca mi voluntad;
y pues de mi perdimento
sois veadadero testigo,
vereis que de mi tormento
mas de lo que puedo digo
y menos de lo que siento.

Des que soy por mi fortuna
de vuestra vista apartado,
mi lecho hago laguna
llorando demasiado;
y jamás cesan mis males
ni mis continos dolores,
tan grandes que no sé cuales
se puedan decir mayores,
aun que sean infernales.

Las noches, mi sentimiento
aclara las tenebrosas,
y mi triste pensamiento
de pequeñas, espaciosas:
naquellas son memorables
las mis angustias crecidas,
presentes como pasadas,
por lo qual son mal dormidas
magüer sean bien lloradas.

No cuento yo por pasion
las lagrimas de mis ojos,
las cuales de mis enojos
han sido consolacion,
mas en mi triste memoria,
pues ella me desordena
todo o bien, toda victoria,
no con la presente pena
mas con la pasada gloria.

O cuán bien aventurados
son aquellos que gustaron
el leteo, pues, quedaron
de sus hechos olvidados!

mas ay! yo no poderia
querer tal buena aventura!
la muger de mi fantasia
quier mi vida con tristura,
sin ella no viviria.

Porque la pena presente
dalgun pasado placer,
algo me deja contente,
por grande que suele ser.
mas este conocimiento
no me quita de pasion,
antes crece mi tormento,
sentindo mi perdicion
cada hora en crecimiento.

La vuestra forma excelente
que mi memoria retiene,
ante mis ojos se viene
como si fuese presente;
y con esto mi sentido,
y mi triste entendimiento
me deja triste y afligido,
tan cercano de tormento
cuán apartado de olvido.

Cada un dia imagino
como en aquel vos miré,
y la hora determino
en que entonces vos hablé;
y digo lo que, a mi ver,
me parece que diria,
y no os viendo responder,
antes mi muerte queria
que tal pena padecer.

Aquellos lugares todos
do os vi y no os veo,
por cien mil vias y modos
cada hora los rodeo;
y pues lloro nel logar
donde entonces me alegré
vos deveis imaginar
que haré donde lloré
pues no os puedo olvidar.

Las sierras por onde andamos
ahora sin vos las ando,
alli donde descansamos,
alli muero suspirando:
los verdes prados y rios,
és forzado que acrecienten
tanto los dolores mios,
que no sé como se cuenten
que no diga desvarios.

No sé quien padecerá
del infierno mas tormento,
ni qué fuego quemará
mas que este pensamiento!
ó memoria de mi bien,
lloradas noches y dias,
ó vos señora por quien
no creo que Jeremias
mas lloró en Hierusalen!

La música que solia
mis cuidados amansar,
ahora multiplicar
los ha hecho en demasia;
si digo alguna cancion
que digo naquellos dias
soy en tanta alteracion
que ni las lagrimas mias
sufren disimulacion.

De amigos de enemigos
me és hacido por grande mengua,
seren mis ojos testigos
contrarios de la mi lengua;
y pues cantar y llorar
me acontece cada hora,
deveis vos considerar
si sin lagrimas llora
esto puedo recantar.

Asi que el tiempo presente,
que sin vos me fue otorgado,
y gastado interamente

en llorar otro pasado:
los lugares a que amor
me causó vuestra presencia,
todos llenos de dolor,
los ha hecho vuestra ausencia,
que no puede ser mayor.

Para que yo escribiese
enteramente mis daños,
cumpliria que tuviese
grande multitud de años;
mas és mi vida penosa,
para mis males sentir,
en estremo copiosa,
y corta para decir
pena tan espaciosa.

Trovas que se fizeram em tempo del Rey Don Fernando de Castella

Abre, abre las orejas,
escucha, escucha, pastor;
que no oigas el clamor
que te hacen tus ovejas:
sus vozes llegan al cielo,
quejando su desconsuelo;
que tu trasquilas á engaño
tantas veces en el año,
que no se les cubre pelo

Traes tres trasquiladores
cada cual con sua tijera,
que dejan tales los cueros
que el ganado desespera;
y despues que has trasquilado,
alquilas todo el ganado
á peladores, que van,
y si les ladra algun can
arrojaste tu cayado.

Bastara que trasquilaras
con tu tijera la vieja
y cada año de cada oveja
un velocino sacaras:
la lana te sobraria,
y el ganado medraria;
que con el calor de estio,
ni tan poco con el frio
del invierno, moriria.

Has sacado lana tanta
que si te dieras la maña,
hubieras hecho una manta
que cubrierã toda España;
mas como las has repelado,
el viento te la ha llevado;
porque no va tu intencion
dirijida, en conclusion,
al provecho del ganado.

Guaï del cordero que nace
pastor, en tu temporada,
si de las hiervas no pace;
pues la madre está ordeñada,
que la oveja que se esprema
cada dia en leche y frema,
y toda va al entremijo,
que leche dará á su hijo
que sea sino postema?

Haces mil presunciones
en el ganado precioso,
y dejas á tus trincones
lo peor y mas tiñoso;

las unas andas matando,
y las otras prosperando;
y quedándoles su roña,
és tan fuerte su ponzoña
que mata luego en tocando.

En tu vida és engañado
si piensas que somos bobos;
trayendo por perros, lobos,
como medrará el ganado?
que están por esas majadas
las ovejas desoladas,
y comidos los corderos,
y por codicia de cueros
las das por bien empleadas.

Traes un lobo rabáz
en hábitos de cordero,
porque en son de poner paz,
puedas ser mas carnicero;
que en la cueva do yazia
raizes crudas comia,
y despues entró lamiendo,
y en tus hatos va mordiendo
tus mastines cada dia.

Con otros lobos ventores
de linage de ulpejas,
que andan por las ovejas
descubriendo sus sabores,
y de ellos muitos aullidos,
que te dan á los oidos,
los que quedan á tu lado
cuando matan tu ganado,
nunca oyes sus gemidos.

Las siete sierpes rabiosas
han mordido y enpozoñado
las pasturas virtuosas
de todo tu dehesado
con la serpiente rabiante
que és dragona muy gigante
cabeza de todas siete,
con otra que se remiete
la cola para adelante.

Consiéntesles sus placeres,
y que vivan entre nos;
porque hacen lo que quieres
y no lo que manda Dios,
y otras cabras ya buscando
por veredas tropezando
con el triste del ganado,
que está ya tan destrozado
que andan todas cuosquiando.

Pues, pastor, en tu manada
porque sufres tal estrago,
no has de dar cuenta con pago,
pues llevas buena soldada;
que el ganado remolina
con el tiempo, y la neblina
y el torbellino graniza;
porque llevas la ceniza
y derramas la harina?

Si me dices que fué empreza
por servicio de tu lei,
por acrecentar tu grey,
por ensanchar tu dehesa:
dices que lo que has ganado
ha sido bien empleado;
para que allanas las sierras?
para que quieres las guerras,
pues destruyes el ganado?

Y tienes tanta caldera
con tanto tarro y errada,
tanto barquiño y natera,
que és cosa demasiada,
y al sabor del paladar,
no haces sino tragar
de la nata y del tabefe;
y como és vianda trefe
temo que has de rebentar.

Pastor, si tambien te sabe
el seguir del apetito
que se diga: muy bien cabe
á buen bocado buen grito:

entraste muy alagero,
publicando buen tempero,
para sanar lo mordido,
y paréceme que ha sido
el hisopo del herrero.

Tienes muchos zamarrones
de las pieles que has quitado,
y abrochado con botones
de los huesos del ganado,
y has perdido la gûaiada
de traer la mano usada,
de tener siempre al albogue
que aun que el ganado se ahogue
no te dá por eso nada.

No ha mayada que embarga
tu atillo y garavata;
que ya las burras del hato
no pueden llevar la carga;
y recelo que al cargar,
como tienen el ensillar,
tan lleno de mataduras,
y las albardas tan duras,
temo que han de respingar.

Tus mastines los famosos,
de verse tan mordizcados
andan lo mas asombrados,
corridos de los raposos;
y si algun mastin cuitado,
por el monte ha trabajado
de cazar algun conejo,
tomáselo el lobo viejo
que ladra siempre á tu lado.

Que la rueda de ventura
y los tombos de fortuna,
cuando mas está seguro
hace clis como la luna,
pues ya en los rios caudales
habemos visto señales
de daños advinideros,

con otros muchos agüeros
que demonstran grandes males.

FIM

El sol se pondrá enrocado
en el año de noventa,
ventará cerco y nublado;
porque ha de correr tormento
y mostrarseha el cometa
en manera de saeta,
pastor, sobre tu cabaña;
porque ha de temblar España,
segun muestra tu planeta.

Trovas

Llorad, sin descansar, ojos cansados.

No cure de mis versos ni los lea
el que no fuere triste ó lo haya sido,
y si lo és, para que mas lo sea,
lugar no busque oscuro ni escondido:
mis duelos puede oir, y en ellos vea
como sin arte alguna me han salido
del alma, y la razon de mi querella
muy bien lo sabe amor, que és causa de ella.

O' lagrimas, que sois claros indicios,
dad desengaño de mis confianzas,
solemnizad el fin de mis servicios,
ansencias, soledad, y mil mudanzas;
y pues en los encumbrados edificios
que amor me hizo de crudas esperanzas,
los veo por el suelo derribados;
llorad sin descansar, ojos cansados.

Dejé los campos de la patria amada,
passé la mar, aventuré la vida,

rendi una libertad bien empleada
bien empleada y mal agradecida;
y pues la ausencia me ha tornado en nada,
en premio de una fé tan conocida,
con desengaños tan desengañados,
llorad sin descansar, ojos cansados.

Siembre las vanas esperanzas mias
en tierra donde pastos florecieron,
y en descuento de darme alegres dias
noches de amargo llanto produjeron,
secáronse mis alegres alegrias;
porque á su tiempo el agua no les dieron,
y para que no sequen mis cuidados,
llorad, sin descansar, ojos cansados.

El alma que descansa cuando llora,
y suspirando alivia su fatiga,
no és grave su dolor, pues se mejora,
ni és mucha su pasion pues se mitiga,
y la triste pena mia de hora en hora,
llorando crece, y porque nadie diga
que estais despues del llanto sosegados,
llorad, sin descansar, ojos cansados.

MOTE

Se de vós já se me deu
não se me dá nada agora,
sê-de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

VOLTAS

Que me dá que vós sejaes
de quem tendes na vontade,
pois nunca fallaes verdade,
antes sempre me zombaes?

Minha sorte se melhora,
que quereis que diga eu?
sê de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

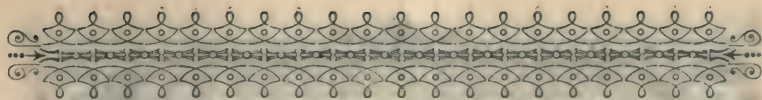
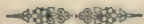
Amaveis de zombaria,
eu pretendia de siso;
mas o vosso pouco aviso
mil verdades me dizia:

Buscae remedio já agora,
que outro tanto farei eu,
sê-de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

Mas não ha que admirar
de mulher e seus amores;
que quando dá mais favores
pretende mais enganar.

Se o vosso coração chora,
de isso mesmo rio eu;
sê de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

E' commum opinião
mudarem os pareceres;
mas cá diz certo rifão:
que mulheres são mulheres.

Firme nem uma só hora,
senhora, vos achei eu,
sê de de outrem, muito embora,
que eu tambem quero ser meu.

A D. Vasco, 1.º Almirante da India Oriental

As armas desta vossa sepultura
ficam, alto senhor, eternisadas
na memoria das gentes esmaltadas;
porque ainda gasta o tempo a pedra dura.

Em Africa soberba, na pintura,
no mauritano sangue estão banhadas,
em Asia pelos muros arvoradas,
onde só ha a lei de Christo pura.

Assim tem já cercado o mundo em roda,
vencendo e sujeitando os inimigos
dos troncos, de que fostes planta bella;

Porque dellas tambem na Europa toda
se vestem os que vêm de reis antigos
de Aragão, Portugal e de Castella.

Trovas de um autor incerto a um certo proposito

Tal estoy del sentimiento,
vuestro, poco, y mucho, mio,
que del todó desvario,
con la fuerza del tormento;
mas viene á ser grande medio
en este mal la locura;
porque pienso en la ventura
de que estoy tan sin remedio.

Y así os hizo Dios,
de modo tan desigual,
que el mismo dolor y mal
queda en bien por ser por vós
tanto, que me estoy perdiendo;
pero tanto mereceis,
que os quedo yo á vós debiendo
el mal que vós me deveis.

MOTE ALHEIO

Si por caso yo viviese
esperaria morir;
mas yo nunca vi venir
muerte do vida no viese.

GLOSA

Fuéme tanto deplacer
serdes vos mi homicida,
que tomara poder ser
que me volvieseis la vida
para otra vez la perder.

Y llegué á desear
que hidra de Hercules me viese,
para mas os contentar,
prompta para me matar,
si por acaso yo viviese.

No hay tan dichosa suerte
de que és esta suerte mia,
acertando en mi porfia;

que mas estimo la muerte
que vida que contenia.

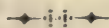
E's la vida un mal esquivo
que con la muerte se ha de ir,
y asi llego yo a decir
si otra vez me viese vivo
esperaria morir.

Mas si vos no lo haceis,
és imposible que viva;
todo y mas que esto podeis,
que hasta la muerte volveis,
que perezca que se viva.

Sin esto no hay vivir,
la vida no se detiene
des que empieza su partir;
algunos dizen que viene;
mas yo nunca vi venir.

Hareis vuestro poder grande,
digno de eterna memoria,
que la vida transitoria
no solo con vida ande,
mas tambien ande con gloria.

Matareis y dareis vida
a quien de vós la quisiese;
porque todo el mundo viese
que dais cuando sois servida,
vida do vida no hubiese.

Á morte da Senhora Dona Luiza Anriques no anno de 608

Vestida já de luz e divindade
estaes, alma divina, lá subida,
donde se algum bem vedes cá na vida
é podermos sentir vossa saudade.

E aquella magoa eterna, que a vontade
nos tem em holocausto offerecida,
nas mãos da mesma fé se vê mettida
na grande esphera lá da eternidade.

Mas se á vista de bens incomprehensiveis
não pode ter lugar nenhum tormento,
colloque-se este só entre os tropheos;

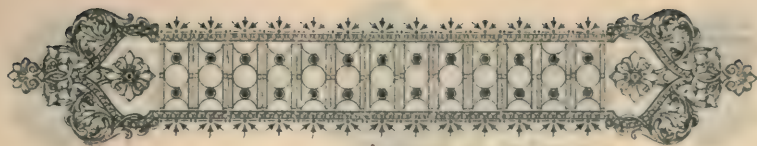
Que vencer pode a morte os impossiveis;
mas despresar não pode um pensamento,
quem tantos pensamentos tem nos céos.

De Luiz Caraiva de Lucena, jesuita, natural de Trancoso, ao Padre Mestre João d'Albuquerque, jesuita

Soberbo Briareu, que antigamente
Em esquadrão de braços confiado
Quizeste, lá do Olympo sublimado,
A Jupiter lançar omnipotente :

Se da escura masmorra, onde o ardente
Corisco, por Vulcano fabricado,
Te metteu pera sempre condemnado,
A levantar os olhos se consente,

Olha, vê celebrar teu desatino
Por um engenho tal, que só podera
Converter tua pena toda em gloria.

Dize : pois de um canto tão divino
Foi causa o ser vencido, se vencera,
O quanto me pezára da victoria!

MOTE

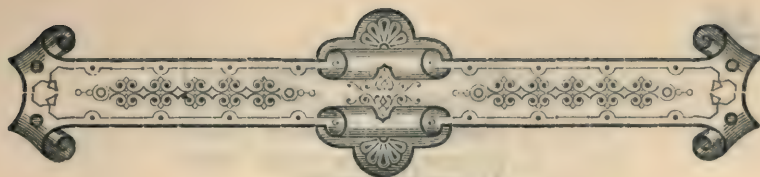
Ojos que se quieren bien
cuando se miran de lejos,
no son ojos, sino espejos
donde las almas se vén.

GLOSA

Los ojos apasionados
son puertas del corazon,
cerrados á la razon
y abiertos á los cuidados;
por cuyo milagro bien
en ausencia se conocen,
y no és mucho que se gozen
ojos que se quieren bien.

Causa una vista el cuidado
á las almas que se entregan,
de que nunca jámas ciegan
de puro haber ya cegado:
dales de amor los antojos
y otros secretos consejos,
que hacen presentes los ojos,
cuando se miran de lejos.

Mándales que noche y dia,
con firmisima atencion,
velen la imaginacion
y acechen la fantasia,
y que no les cause enojos
la perfecion de los lejos
que aun que se dán por ojos
no son ojos, sino espejos.

Y espejos donde no vive
sino cómo infiel traslado
lo que dibujó el cuidado,
y lo que el amor escribe,
tomando para este bien,
por instrumento los ojos
que quieren hacer despojos
donde las almas se vén.

MOTE

Dona velha relha
saí dessa quelha;
não sobes escada
que não digas upa,
sujaste na roupa
fedes-me ao mijado,
é pôdre o calçado,
porque sondes velha;
saí dessa quelha
dona velha relha.

Já tivestes dentes,
agora gengivas,
covas de formigas,
olhos de vidraça,
nariz de cabaça,
porque sondes velha;
saí dessa quelha.

Já fostes colchão,
agora almadraque,
moça, gentil dama,
lindo estouraque,

deu-vos por combate
que saiaes da quelha
dona velha relha.

Já tendes recado
d'aquelle estudante,
que era, sem peccado,
sugeito bargante;
deu-vos por combate
que saiaes da quelha,
dona velha relha.

Aos governadores

Trás um mal outros maiores
vêm sobre ti, Portugal;
hontem coberto de cal,
agora de semsabores.

Tantos annos de Marquez
que te quiz tirar a pelle,
e por te livrarem delle
te fazem jogo de tres.

Um, sombrio e resoluto,
outro, nunca experimentado,
outro, que só tem cuidado
de acquirir, é astuto.

Todos tres de mão commum
darão comtigo através;
se dois e um fazem tres
estes tres não fazem um.

Um, nos conselhos moderno,
outro, altivo e temeroso,
outro, astuto e cubiçoso,
como farão bom governo?

Deste erro e deste damno
a culpa não tem Castella;
mas a culpa é de quem 'nella
a suborna com engano.

Ministros mal informados
por respeito e affeições,
com erradas eleições
deixam tantos aggregados.

Deos accuda a este enleio,
em que os nescios não rezavam,
pois tantos ternos ficavam
differentes do que vejo.

Aos governadores de Portugal

MOTE

Fugir, que quer o céo cahir.

GLOSA

Que venha um pastor mellado
per tão illicitos meios,
reger vassallos alheios
das ovelhas descuidado,
e que nos seja forçado
crer no Messias por vir,
fugir, que quer o céo cair.

E que outro, impertinente,
buscando traças e vias,
dê passagem a cortesias
que admire toda a gente,
e que venha de repente
governar sem nos servir,
fugir, fugir...

E que venha outro, engelhado,
já por não servir disposto,
governar-nos em agosto,
sem estar assezoado,
estando prophetisado,
que monstros ha de parir,
fugir, fugir...

Jogando o jogo de tres,
havendo os dois a massada,
é cousa averiguada
que até ao extremo o fez;
guardar de talho e revés;
porque nos ha de ferir,
fugir, fugir...

Que não sei de que me espanto
vendo tanto desatino;
que quando o rei é menino
está todo o reino em pranto;
choremos por entretanto,
já que não podemos rir,
fugir, fugir...

Folia

com que os Portuguezes, que se achavam na côrte, vão beijar a mão a S. Magestade e dar-lhe as graças pola Mercê que faz ao Reino, e se reformar o conselho

MOTE

Vossa magestade
viva muitos annos
pela liberdade
dos seus lusitanos.

Livre já de enganos
em dourada edade,
vossa magestade
viva muitos annos:
com pouca sciencia,
sem experiencia
governavam tudo,
nem ao ponto crudo
preveniam damnos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Governavam guerra
que elles nunca viram,
porque não sairam
por mar nem por terra,
nem este erro encerra
a causa dos damnos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Na India deixaram
entrar hollandezes,
que os bons portuguezes
com sangue ganharam:
Ormuz entregaram
aos persianos;
vossa magestade
viva muitos annos.

E em taes desvarios
as armadas mandam,
que perguntam se andam
de noite os navios;
d'aqui vem os brios
aos lutheranos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Poderosa armada,
gran casa real
tinha Portugal,
hoje não tem nada!
a renda é sobrada,
vae-se polos canos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Todos tem commendas,
todos tem thesouro,
estão cheios d'ouro
com grossas fazendas;
elles tantas rendas,
nós com tantos damnos!
vossa magestade
viva muitos annos.

Pera seus creados
querem os officios,
e os beneficios
para apaniguados;
aos pobres soldados
alvarás de enganos!
vossa magestade
viva muitos annos.

Tudo quanto viam
tudo cubiçavam,
pensões que vagavam
em si as proviam;
para isto fingiam
traças e enganos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Mandam ás armadas,
que em Ferrol estão,
se estão ancoradas,
que logo se vão
a perder-se então
os nobres Passanos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Ao Duque de villa Hermosa, Presidente

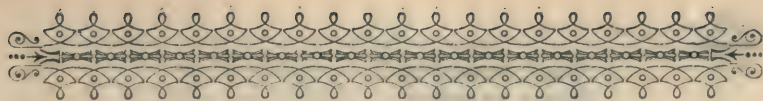
Um é Presidente,
homem de encher mão,
nunca diz que não
e a toda a gente,
então é que mente,
fazendo afanos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Motta

Outro gran sagaz,
tão sorrateirão,
que, se ri primeiro,
então nada faz:
é lobo voraz,
com muitos enganos;
vossa magestade
viva muitas annos.

D. João de Bragança

Bispo, não vae lá,
nem fará lá mingua;
este, não tem lingua
nem boa nem má;
mui bem creará
bracos e alanos;
vossa magestade
viva muitos annos.

Desculpa-se o intento
de alguns erros seus,
que lhe não deu Deos
mais entendimento,
olhos soberanos;
vossa magestade
viva muitas annos.

Trovas ao Mondego

Posto que, Mondego,
Corras tão de pressa,
Ao manso Lessa
Venderás socego.

Este, descomposto
Tem sem nascimento,
Tu, no firmamento
Tens o berço posto.

Porque só tu caes
De estrellado monte,
Porque de uma fonte
Estrellada caes.

Nunca dará mate
A' tua corrente
Qualquer relucente,
Por mais que se mate.

Ossa retumbando
Rasas penedias,
Poucas harmonias
No som imitando,

Ossa, por seixinhos
Alvos, o derivas,
Ao som dos vivas
De seus passarinhos.

A seu movimento
Lança o roxinol
Seu ré, mi, fá, sol
Em melhor accento.

E as outras aves
Que o contrafazem,
Por ti se desfazem
Em versos suaves.

Zephyro queixoso
Lhe faz o compasso,
No fresco regaço
Do bosque viçoso.

Na verde floresta
Sua solfa leda
O echo arremeda,
Por dobrar a festa.

D'uma e de outra parte
Te cinge verdura,
Melhor sem cultura;
Mais gentil é Marte.

Na arvore de Alcide
Hera se embaraça;
No alamo se enlaça
A mimosa vide.

O verde arvoredo
Na sombra contende,
Com a que te rende
O fresco salgueiro.

Tem platano ledo
De sua ventura,
Zomba da frescura
Do mais arvoredo.

MOTE

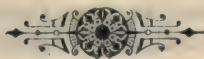
Tolhe-me que vos nos veja
mas não me pode tolher
que vos veja sem vos ver.

GLOSA

Se temor e inveja estão
unidos em uma vontade,
com mostras de crueldade
mostram sua condição.

Um mal outro mal deseja,
segue uma dôr outra dôr,
junta-se temor e inveja,
e por inveja e temor,
tolhem-me que vos não veja.

Qualquer destes males mata;
mas pera males sou mudo,
que a fé tomo por escudo,
e amor tudo desbarata;
que, ainda que cego, vê tudo.

Destes contrarios qualquer
tem poderoso partido;
mas amor tem mais poder,
tolhe-me bem tão subido;
mas não me pode tolher
que vos veja sem vos ver.

De D. Francisco de Portugal

Estas postreras razones
nacidas de ansia y dolor,
quiere que os escriba amor,
entre amargas confusiones;
no mudalos con razones
señora, el mudar de estado,
ni porque fuy desdichado
siento libre el corazon;
que és mas fuerte la prision
de un amor desesperado.

En ella padeceré
llorando mi desventura;
porque no tener ventura,
no és dejar de tener fé;
siempre os amo y amaré,
de dolor y penas lleno,
que aun que de ser vuestro, peno,
y nesto mi fé os muestra
que ha de ser el alma vuestra,
aun que sea el corpo ajeno.

Tener el cuerpo cautivo
no me ha de quitar la palma;
porque aun que és vuestra el alma,
solo de ser vuestro vivo;
mas ai! que en vano os escribo,
y son vanas mis querellas!
pues no habeis de agradecellas
por no serme agradecida;
Pero si pierdo la vida
que importa se pierden ellas?

Que me querais os merese
daros el alma en despojos;
que el amor que tiene ojos
no és amor, és interese;
a vos misma os engrandese
quereros nesta ocasion;
que amor no tiene razon,
y cuando en el fuera allada,
mas me quedais obligada
con razon ni sin razon.

Ni vuestra alma en las historias
que en ella escritas dejaste,
que ya por mia os confesaste,
y nel tiempo de mis glorias;
mas ai! queridas memorias,
dulces cuando amor queria!
teniendo os el alma mia,
cuantas penas que padece,
que a un triste mas le entristece
memorias de su alegria.

Allaste buena ocasion
para acabar mi esperanza;
pues lo que en vos fué mudanza
si quereis llamar razon,
pues mostrais el corazon,
que prueba quiero mayor?
que aun que és tirano, amor,
bien claro deja mostrarse,
que amor que puede dejarse
no puede llamarse amor.

No sé lo que ahora espero
pues estoy desengañado;
solo sé que en este estado
nada espero y mas os quiero;
no sé si vivo ó si muero,
solo lo que os digo sé:
son efectos de mi fé,
y maravillas de amor;
pues que se muestra mayor
cuando menos hay porqué.

Que notables desengaños
la razon pudo mostrarme;
pues pudo desengañarme
antes del fin de mis años;
adiós queridos engaños,
adiós locas confianzas,
no me busqueis, esperanzas,
pués que tan claro se vé
que dán por paga a mi fé
desengaños y mudanzas.

Si por razon me dejais,
como quereis sin razon
a quien tan sin ella amais
como a mi le engañais,
vos quiso engañar amor;
que és rapáz y engañador,
y en sus leyes tán injusto,
que siempre cuando dá gusto,
és á costa del honor.

Bien os pudiera hablar claro
nesta amarga despedida;
mas pues se acaba la vida
solo que os amo declaro:
muéstreseme el tiempo avaro,
y la fortuna en perderos,
que aun que me quite el veros
con tan injustas porfias,
podrán dar fin a mis dias
mas no á la fé de quereros.

MOTE

Suena con vuestro valor,
vuestro nombre, de tal arte
Martin, que a deciros Marte
os hariamos mejor.

GLOSA

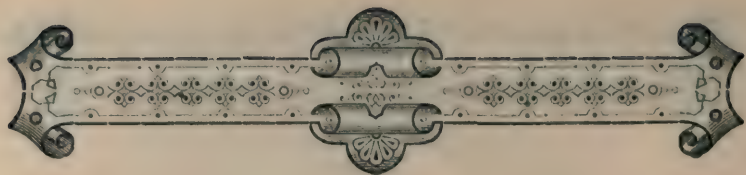
La hazaña aseñalada,
por do valeis tanto vos,
pues que venistes a Dios
por la capa y por la espada,
no hay ninguno, os certifico,
cual vos que tal fama cobre,
pues de partir con el pobre
quedais para siempre rico.

Un bien de eterno consuelo
esta vez nel cielo os escapa;
porque vale vuestra capa
mas que la capa del cielo;
mas haz, mas remedea
es razon tán oportuna,
que ella, cubre el mundo con una,
vós, al que és mayor, con media.

Pero deciros porque,
si entendistes que Dios era,
no se la distes entera;
mas no sin misterio fué;
que como divinidad,
y humanidad conocistes,
la media no mas la distes
para cubrir la mitad.

Y asi pudo, aun que partida,
cubrir el cuerpo desnudo;
porque cubrir no se pudo
con medida el sin medida:
tambien os conocerán
por Martin, glorioso santo,
asi nel partir del manto
como Christo nel del pan.

A' morte de Leandro

Leandro em o mar passando
entre esperança e temor,
foi-se o vento alevantando,
foram-lhe as ondas tirando
mais a vida, que o amor:
como a força ia perdida,
quasi sem poder fallar,
dizem que pedia ao mar
que lhe perdoasse a vida,
e que o matasse ao tornar.

Lamentação

Minhas lagrimas ausentes,
meus suspiros sem ventura;
ó minhas dores ardentes,
agora que estaes presentes,
alegrae minha tristura:
saudades, porque calaes?
angustias, que não dizeis?
gemidos, que não fallaes
os tormentos que me daes
c'os males que me fazeis?

Nunca melhor peça vi
de muitos tempos passados,
atrevo-me porque sinto
seus primores delicados:
tem regras por excellencia,
pontinhos que faz pasmar!
E' frol de toda prudencia
segundo meu bom julgar. [1]

---

[1] No livro: *Expositio magistri Petri Tatareti in sumulas petri hispani*, impresso em 1501, que existe na Bibliotheca d'Evora, encontram-se no fim, por letra de um leitor quinhentista esta decima e outava.

De Simão Fernandes de Tavira

ARITHMETICA

IHS

I

Em nome de Deus começa
arte nova
de algarismo, que por trova
nos ameça,
porque menos nos esqueça,
e a guarde
quem tem necessidade
desta peça. (1)

---

(1) Foi já publicada em separado esta composição poetica e dedicada ao illustre senhor Doutor Eugenio do Canto, de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel. Razões de fôro intimo lhe apressaram a impressão, donde o ter ficado com algumas imperfeições de leitura. Isto por um lado, e por outro o ter ella natural cabimento 'neste livro, como filha do seculo em que escripta a mor parte destas poesias, 'nelle se deixa ficar á posteridade, melhormente lida e correcta.

2

Primeiramente deveis
bem conhecer
as letras, e as escrever,
se non sabeis:
um, dois, tres, quatro, cinco, seis,
e sete mais,
e outo, e nove, com as quaes
cifra noteis.

3

A cifra, que nada vale,
mais faz valer;
põe-se por gráo encher
com seu signal,
como escada natural
pera subir;
assim podeis construir
a numeral.

4

Item mais deveis saber
estes grados,
segundo vão ordenados
pera ler
as letras, e entender
suas valias,
quando cheias ou vasias
podem ser.

5

Começando a unidade
á mão destra,
a dezena toma a sestra
dinidade,
guardando tal calidade
quantas são,
ellas mesmas vos dirão
a cantidade.

6

Unidade com dezena
ambas tomam
outra, com que tres assomam,
que é centena;
o milhar recebe pena
por ser só,
com as tres mette de ló
com tercena.

7

A dezena de milhar,
que é quinta,
sua centena nos pinta,
por mostrar
que ensena, que tem folgar
por se verem,
pera melhor poderem
nomear.

8

Outras tantas unidades
traz o conto,
ordenadas per seu ponto
em edades,
pera darem cantidades
que comprendam
quaesquer contas, que se vendam
por verdades.

9

Conto com sua dezena
mettem velas;
sua parceira com ellas,
a centena,
governam per a vicena
com milhar;
dezena centena a dar
dous condemna.

10

Estas seis com seis passadas
doze fazem,
pelo modo em que jazem
nomeadas,
como casas deputadas,
as figuras,
ou grados de vestiduras
divisadas.

11

Um exemplo quero dar
do passado,
porque fique decrarado,
sem faltar:
trazem por commum fallar
quid est verum
experientia mater rerum
singular.

Exemplo:

6, 5, 4, 3, 2, 1 | 6, 5, 4, 3, 2, 1

12

As especies quatro são
de algarismo,
formadas por gilogismo,
como vão;
de todas fareis menção,
brevemente,
porque dellas mais contente
deis rezão.

13

Seria logo a primeira,
a sommar;
e a segunda, restar
companheira;
multipricar, a terceira
no seguir,
e a quarta, repartir
derradeira.

14

Agora decrararei
cada uma,
porque non fique nenhuma
sem ter lei:
um exemplo formarei
em cada qual,
com que todos, por egual,
contentarei.

PRIMEIRA ESPECIE

15

Quando quizerdes sommar
qualquer conta,
pera verdes quanto monta,
sem errar,
começareis a juntar
as unidades,
e as suas cantidades
congregar.

16

Todas as contas fareis
da mão destra,
e assim até á sestra
seguireis;
ao repartir só mudeis
esta maneira;
porque é de todas bandeira
a guardeis.

17

Se fôr nada, cifrareis
em seu grado,
se um numero apartado
pôl-o-eis;
se são dez, pintareis
cifra figura,
se ambos, o da ventura
assentareis.

18

Aqui haveis de notar,
se quizerdes,
que dos dezes, que fizerdes
em assommar,
de cada, um levar
no sentido,
pera ir tomar vestido
com seu par.

19

Se lá achar companhia
mesturae-o;
sendo só, aposentae-o,
sem porfia;
seguindo por esta via
ireis parar
em o cabo, por repousar
per todo dia.

20

Exemplo vos quero pôr,
porque vejaes
mais craro, e o entendaes
com mais sabor;
perdereis todo temor
e medrosia,
e cobrareis ousadia
com favor.

Exemplo :

209700
2020
303000
300

21

Quatro cifras as sommadas
cifra fazem ;
ponde cifra donde jazem
assignadas :
os dois, ponde nas pegadas
da dezena ;
sete com tres dez, sem pena
fazem fadas.

22

Pintae cifra ao pé
das que fadaram ;
levae um que nos leixaram
por relé,
com nove, dous, tres, dá fé
que quinze são ;
cinco põe-se em a mão
a uma sé.

23

Só se ponha, pois non acha
com quem morre ;
dous, com tres, cinco á morte
dá sem tacha,
posto com sua garnacha
de setim,
pera guarda de sa fim,
tudo despacha.

	209700		
	2020	4	
	303000	—	prova
	300	4	
são	515020		

24

Pera provar se vae certo
o assommado,
tirae os noves do gado
no deserto,
assim mesmo ao reperto
no curral,
de ambos sobre um signal
descoberto.

SEGUNDA ESPECIE

25

Seguindo esta jornada,
entraremos
na segunda, que veremos
mais armada
do que foi esta passada,
pouca cousa;
mas com pratica repousa
amansada.

26

Na unidade começae,
por ser prima,
a decipar, da de cima
lhe tirae,
o que ficar, assentae
em seu termo:
assim todas em o ermo
despojae.

27

Exempro:

Esta lei não se entende
geralmente,
salvo donde se consente
alli prende:
a rezão tirar defende
mais de menos;
mas dá logar que, por menos,
se emende.

28

Quando a mais da provida
é maior
que sua superior,
busca vida
com seus padres supprida,
ajuntados,
com os de cima assentados
na guarida.

29

Quando por dezes supprirdes,
levae um,
porque non vades em jejum:
se tal virdes,
mesturae-o, sem sentirdes,
com seu gado;
o qual só será tirado
por vos irdes.

30

Se não fordes bem certeiro
'neste jogo,
entrae com elle por rogo
afagueiro;
com exemplo verdadeiro,
segun virdes,
tomal-o-eis com rirdes
por inteiro;

3095
467

31

Sete de cinco non posso
'neste mez;
pera dez lhe faltam tres,
por ser nosso;
tres com cinco faz em grosso,
outo tal,
assentae o no portal
por ser vosso.

32

Levae um, posto com seis
fazem sete;
sete com nove remette
dous ás leis,
ordenadas pelos reis
que passaram;
que estes dous vos divulgaram
que guardeis.

33

Quatro de cifra non errês
o que fará;
pera dez seis nos dará,
mal que lhe pês;
seis com cifra descortês,
non medra nada;
albergae-os na pousada
per um mez.

34

Um levaes desta viagem,
sem achar
outros com que se ajudar
de sua lingoagem;
vendo-se como selvagem,
lança mão
de um de tres, que em cima estão
em seu paragem.

3095
467
———
2628
———
3095

35

Temos combate das duas,
das irmãs,
não mui fortes, mas meãs,
das outras suas;
já vencidas, ficam nuas,
expricadas,
com exemplos obrigadas
pelas ruas.

TERCEIRA ESPECIE

36

A terceira decraremos
per rezões,
e per veras conclusões,
que formaremos,
com que as sugigaremos
a servir,
quando quer que nos cumprir,
como veremos.

37

Se quereis multipricar
por tavoada,
sabeia-a bem decorada
e expricar;
porque possaes confiar
em tal aviso,
de cada dez, no sentido
um levar.

38

Começae á mão direita
a obrar;
porque se possa cobrar
sua seita:
a primeira se receita
lá com todas,
e as suas destas das vodas
non engeita.

39

Todas honram seu alqueve
de tal sorte,
que qualquer seu rego corte
por mais breve;
d'ahi donde lhes releve
os ensina,
exquirindo das de cima
o que escreve.

40

Guardando as leis passadas,
que ouvistes,
na primeira, se sentistes
decraradas,
do que guardam as levadas
na memoria,
mettereis a vossa historia
nas pousadas.

41

Com exempro filhareis
esta peça:
de tal guisa se começa
qual vereis,
pelo qual comprendereis
esta cousa:
se bem armaes vossa lousa
caçareis.

Exempro :

1065
407
——

42

Sete vezes cinco fazem,
sem processo
trinta e cinco por expresso,
com jazem :
põe-se cinco, tres se trazem
na memoria
até outra peditoria,
que se vazem.

43

Sete vezes seis produzem
seus corenta
e mais dous, com tres de ementa
cinco luzem ;
daqui, quatro se reduzem
per rezão,
á seguinte producção
com que se cruzem.

44

Sete vezes cifra lança
designada,
que com quatro ajuntada
quatro gança ;
estes mettereis na dança
apontados ;
porque sejam assignados
por fiança.

45

Sete vezes um sete,
perfilhae-os,
depois de haver quatro saios
'neste frete,
pelo qual nos bem promette
de mandar
outrem, que vá governar
pelo topete.

1065
407
7455

46

A cifra bem se escusa
de servir;
a casa basta supprir
como usa;
a sommar nunca refusa
sua linha,
sem crescer mais do que tinha
na infusa.

47

Quatro dá de sua parte
que governe,
comtanto que não inverne,
em Lizarte,
mas que tantas vezes farte
sua gente,
quanto sete foi contente
por tal arte.

48

Quatro vezes cinco vinte,
cifra ponde;
a memoria dois esconde,
porque pinte
esto na casa seguinte,
que são seus:
por serem vossos e meus
se fez acinte.

49

Quatro vezes seis fareis
vinte e quatro,
se escaparem d'algum laço
mettereis
com esses dous, que trazeis,
bem notados;
seis de todos confirmados
deixareis.

50

Quatro vezes cifra nada,
poreis dous,
pera enxotar os grous
da lavrada:
quatro vezes um, que brada
por sa fim,
dá quatro por selamim
de cevada.

51

Assommae quantas carreiras
tendes feitas;
porque serão recolheitas
as janeiras:
fareis de duas maneiras
vossa prova:
uma velha e outra nova
companheiras.

```
  1065
   407
 -----      3 | 6
  7455     ---+---
  0000      2 | 6
 4260
------
433455
```

52

Tirae noves do primeiro
e segundo;
os que leixam 'neste mundo
sem herdeiro,
multipricae no terceiro
e pagae
os noves, que tal vos sae
do celleiro.

53

Ou partí o assommado,
se sentirdes
por qualquer dos dous, que virdes
no eirado,
por serdes certificado
de tal arte,
o outro nos sae em parte
assignado.

54

tres irmãs temos sujeitas,
e captivas,
a nosso serviço vivas
e perfeitas,
com suas regras direitas,
verdadeiras,
que nos tiram de canceiras
e suspeitas.

55

Já nos imos achegando
á final,
com manifesto signal
alcançando;
porém vamos attentando
seu caminho,
não demos 'nalgum espinho
tropeçando.

56

Porém depois de trilhado
a meude,
é mais doce que alaude
temperado:
quando fordes achegado
á cidade
sereis de boa vontade
hospedado.

57

É cidade pompulosa
de gran fama;
das irmãs quatro se chama
generosa,
de todas mais preciosa,
mais sabidas,
e das tres mui bem solvidas
balouçosa.

58

Quer-se muito praticada
de contino;
porque é de metal fino
ordenada,
e com todas amansada
juntamente,
como vereis no presente
debuxada.

59

Figurae o devidendo
no papel,
de tinta ou d'ouropel,
escrevendo,
á mão sestra submettendo
o partidor,
pera ser destruidor,
despendendo.

60

Se o virdes sem companha
de um vestido,
ponde-o sem arruido
na montanha,
termo d'alta Lemanha,
se couber,
se não, dae-lhe outra mulher
de outra manha.

61

Não alargando a primeira,
que já tinha;
porque de rezão convinha
ser herdeira,
entrará com a parceira,
ajudando
a outra, encaminhando
tal carreira.

62

Ponde as vezes que cabe
o partidor,
á destra por servidor
que se gabe
de cociente, que sabe
dar rezão
do que lhe mettem na mão,
quando cabe.

63

Como for o cociente
assentado,
deve ser multipricado
prestemente,
no partidor, que é presente
por escripto,
tirando o seu amicto,
ao crescente.

64

Leixareis o que vos queda
lá no alto;
assim, de salto em salto,
por moeda,
cada um em sua seda,
em direito,
de seu proprio aspeito
e jazeda.

65

O gastado leixareis
com taes signaes
riscado; porque vejaes
o que fazeis:
o partido mudareis
por diante,
até que seja acabante
não cesseis.

66

Quando derdes na ribeira
já em secco,
por vos non achardes peco
na carreira,
soccorrei-vos á bandeira
do provar;
porque possaes affirmar
ser verdadeira.

67

Comecem a exemprificar
estes termos;
porque non fiquem enfermos
sem sarar,
é remedio singular
as dicentes,
com exemplos evidentes
ajudar.

68

Partireis mil e quinhentos
e sessenta
em tres partes, sem tormenta,
e sem ventos,
os sentidos bem attentos
esgoardando
té ao cabo, reiterando
casamentos.

69

Em dez quantas vezes cabem
estes tres?
cabem tres, em portuguez;
por que se gabem
que tres vezes tres bem sabem
que são nove,
e que de dez, um nos prove
quando acabem.

70

Em quinze cinco vegadas
tres se mettem;
cinco vezes três apertem
quinze padas;
da sua ração tiradas
nada queda:
comprem com outra moeda
as empadas.

71

Em seis duas vezes faço
tres herdeiros,
por ser bons casamenteiros
os abraço:
duas vezes tres no laço
prendem seis,
desterrados pelas leis
do seu paço.

72

Em cifra desposoiro
se fará:
outra cifra vos dará,
em mortoiro,
por signal de tão sertoiro
movimento,
pera seu pagamento
adjutoiro.

73

Fareis prova evidente,
natural,
multipricando sem mal
no cociente
o partidor sem parente,
e dar-nos-ão
o devido só, bem são,
inteiramente.

74

Quando quer que no partir
sobejarem
alguas que non acabarem
de cumprir,
á prova devem de vir
ajudando,
unidando, e tornando
a reservir.

75

Tudo quanto dito temos
dá quartão
bem craro por regra, chão,
como vemos:
do partidor entendemos
na pintura,
quando de hua só figura
o fazemos.

76

Mas por duas ou por quantas
mais quizerdes,
partireis se bem souberdes
suas prantas;
porque são de cores tantas,
e costuras,
quantas de Frandes pinturas
trazem mantas.

77

Um secreto notareis
proveitoso:
quando em tirar penoso
vos acheis,
emendando, correreis
até achar
de onde possaes tirar
o que quereis.

78

Tornareis ao mais leixando
em seu grado,
quer só quer acompanhado,
caminhando,
o necessario portando
na memoria,
com que alcanceis victoria
acabando.

79

Outro exempro tomae,
por notardes
estes direitos, se olhardes
como vae:
com aviso attentae
no que digo,
e vereis quam limpo trigo
este sae.

Exempro:

152025040 | 299000

80

Parti cento e cincoenta
e dous contos
e vinte e cinco mil pontos,
e corenta,
por dozentos e noventa
e nove mil,
segundo a conta subtil
representa.

81

Começareis a metter
com tal temor
a sestra do partidor
no seu haver:
non lhe deis tanto poder
quanto lhe vem,
pois c'os outros lhe convem
do seu manter.

82

Dous em quinze cabem sete;
non lhos damos;
para as outras lhe deixamos
deste frete,
pera dar a quem se mette
ajudar,
se o merecer levar
que o aperte.

83

Dae cinco no cociente,
lá no lado,
que com dous multipricado
dez vidente:
dez de quinze, finalmente,
será cinco;
cada uma deste brinco
é contente.

84

Assim faz cinco com nove,
se olhaes,
coarenta e cinco achaes,
que remove,
tiram-se de donde chove
cincoenta
e dous, que sete assenta,
com que prove.

85

Torna cinco a tocar
seu pandeiro,
e com nove segundeiro
a cantar,
corenta e cinco tirar
de setenta
vinte e cinco aposenta,
por matar.

86

Mudareis mais por diante,
um só grado,
o partidor bem tirado,
caminhante,
qualquer letra concessante
desta troca;
porque cada um toca
seu sombrante.

87

Quanto mais fôr necessario
de mudar
mudae, quanto demandar
seu fadairo,
se achar no seu armairo
que comer,
se não, passe até caber
no salairo.

88

Dois em dois bem caberia
'neste passo;
mas em cinco, quanto escasso
que seria!
com nove non poderia
nem dois menos;
dando cifra por acenos
serviria.

89

Cifra posta, seja morto
a feridas
o partidor, nas guaridas
todo torto;
mudando ao outro porto
cobrará
as prantas que deixará,
'neste horto.

90

Em vinte e cinco podemos
dous metter
nove vezes, em poder,
se queremos;
mas porque d'aqui guardemos
mantimento,
pera todo o convento
outo demos.

91

Outo vezes bem alcança,
por direito,
a dez e seis seu sugeito;
por herança
de vinte e cinco se lança
lá de fora
ficam nove, por demora
na rebança.

92

Outo com nove pelejam,
de tal sorte,
que setenta e dous por morte
dar desejam;
de noventa e dous se vejam
apartados,
fiquem vinte assentados,
que sobejam.

93

Tornem outo á contenda
d'outros nove:
setenta com dous renove,
de encommenda,
de dozentos da fazenda
cinco mais;
cento e trinta e tres leixaes
por emenda.

94

Vem á parte desta conta
os quinhentos
e outo, com seus framentos,
quanto monta,
com sua prova na ponta,
como vistes,
segundo atraz ouvistes
sem afronta.

```
152025|040 | 299|000
 10          508
  52
  45
   70
   45
   252
    0
   25
    0
   252
     0
   2525
   16
    92
    72
    205
     72
    133
```

95

Peço perdão geralmente
aos senhores,
a vós, com todos leitores
da presente;
o que fôr sufficiente
que a emende,
qualquer erro que se entende
eminente.

A DEOS GRAÇAS

Indice onomastico de cantores e cantados

Indice geral

PAGINAS

Errata

Na pagina 160 do segundo quarteto leia:

Amor nos leva a nós da cruz á gloria

As demais imperfeições de revisão faceis são de emenda ao leitor instruido.

'Neste solo transtagano
Na famosa *Liberalitas*
Julia, do povo romano,
Foi este Cancioneiro
Impresso, como o primeiro
Em Lisboa o foi, no anno
De quinhentos dezeseis
Sobre mil subentendidos,
Com mais um, já decorridos,
Trezentos outenta e seis.